

01-03-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do Túnel Rio450 - Rio de Janeiro/RJ

Rio de Janeiro, 01 de março de 2015

Em primeiro lugar eu queria dar os parabéns a todos os cariocas, aos fluminenses e aos brasileiros aqui presentes. E também em nome de todos daqueles que não vivem no Brasil, não moram no Brasil, mas gostam do Rio de Janeiro e do Brasil, ao senhor Bach, representando aqui o Comitê Olímpico Internacional. Então quero primeiro dar os parabéns hoje, de fato, o Rio comemora seus 450 anos e nós temos também duas coisas: nós temos de comemorar e quem vai em aniversário, Eduardo, a gente leva presente. Eu trago aqui uma parte desse Túnel 450 anos, Rio 450. Então, essa é uma parte do meu presente aqui. Outra parte do presente a gente fala lá na hora da comemoração.

Eu queria cumprimentar o nosso querido governador, o governador Pezão.

O Eduardo eu sei que ele é um homem feliz, um homem realizado, porque ele disse para mim que ele é o único prefeito do Rio de Janeiro do mundo e isso o torna uma pessoa especial. Ele tem alegria 24 horas por dia, 365 dias no ano de ser o prefeito da mais bonita, da mais fantástica cidade. Ele disse... e eu cheguei à conclusão que ele é o melhor prefeito das galáxias e não é da via láctea. É de uma galáxia chamada Rio de Janeiro, uma galáxia especial.

Queria cumprimentar também o vice-prefeito do Rio, o Adilson Pires.

Cumprimentar os deputados Federais, Washington Reis e Hugo Leal aqui presente.

Mais uma vez, cumprimentar o presidente do Comitê Olímpico Internacional, senhor Thomas Bach,

Cumprimentar o presidente do nosso Comitê Olímpico Brasileiro, o COB, o Nuzman.

Cumprimentar meu querido Bernard, membro do Comitê Olímpico Internacional no Brasil e sempre e para sempre, o nosso grande Bernard,

Queria cumprimentar o presidente da câmara municipal, o vereador Jorge Felipe

Cumprimentar o secretário municipal de Transportes, o Rafael Picciani

Cumprimentar o secretário de Coordenação de Governo, o deputado Pedro Paulo, que muito sofre.

O presidente do consórcio Porto Novo, José Renato de Conti

O diretor presidente da Companhia de Desenvolvimento Urbano da região do Porto do Rio de Janeiro, Alberto Gomes Silva.

Os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

O aniversário de uma jovem senhora de 450 anos, como é a cidade do Rio de Janeiro, ela é um momento também para a gente refletir. Uma parte importantíssima da história do Brasil passou-se nessa cidade, em especial, na área que hoje está sendo revitalizada, modernizada e transformada.

Não só a parte triste como disse o nosso querido prefeito, que é a parte da escravidão que está representada no Valongo, mas sobretudo os momentos de afirmação. Primeiro, de afirmação da Independência que é a coroação do Dom Pedro, que ocorreu aqui. Depois, a Proclamação da República, que ocorre na Praça da República, onde também, anos depois, quase um século depois, nós vamos assistir o comício das reformas de base do presidente João Goulart.

Em seguida, na Candelária, nessa região também do Rio de Janeiro chamada centro histórico, nós vamos ter grandes comícios como foi o comício das Diretas Já e todo o processo de democratização do Brasil, de redemocratização do Brasil. Portanto, nós temos várias razões para que essa obra... Nós aqui estamos inaugurando uma obra, mas ela faz parte de um complexo que é a operação Porto Maravilha. E eu acredito que essa operação Porto Maravilha, e aí a importância do prefeito Eduardo Paes em ter liderado essa transformação, ela diz respeito a vários aspectos. Um aspecto é o aspecto urbano, devolver para a população aquilo que tem de mais bonito na cidade do Rio de Janeiro que é o fato de nós termos essa combinação de mar, praia e termos montanhas e o verde.

Aqui nós estamos agora recuperando a orla, recuperando para a população e para a cidade do Rio de Janeiro a orla histórica dessa cidade, que foi o centro histórico do Rio de Janeiro. Ao fazer isso eu acredito que a prefeitura do Rio de Janeiro se coloca na vanguarda, na vanguarda internacional das transformações urbanas. Tenho certeza que, apesar de várias cidades terem recuperado as suas zonas portuárias, nenhuma delas recuperaram ao mesmo tempo o centro histórico de um país, o coração onde esse país começou a viver e a bater. Eu sei, Eduardo, que a saída da capital do Rio de Janeiro trouxe um risco para a cidade, mas ao mesmo tempo trouxe também a possibilidade de se transformar na cidade mais querida do Brasil. Porque eu não sou aqui do Rio. Eu não sou que nem o Pezão, que sou carioca, descobri que o Pezão é carioca hoje, para mim ele era da República do Piraí, mas eu venho de um estado que sempre olha, de um estado onde eu nasci e de outro que me adotou, que sempre esses dois estados olham para o Rio como uma referência. Um deles é Minas Gerais, o outro é o Rio Grande do Sul. Essa cidade é uma cidade amada por todos os brasileiros. Então eu acredito que a afirmação da cidade do Rio de Janeiro é algo importantíssimo para todos nós. E nós estamos provando aqui que uma transformação de porte é possível, combinamos a parceria público privada, nós aqui combinamos recursos do governo federal, do governo do estado, da prefeitura e da iniciativa privada. Isso é muito importante porque gera emprego, gera melhores condições de vida e gera melhor mobilidade urbana e a ocupação cultural e de lazer de uma cidade. Então, eu fico muito feliz de estar aqui, esse... eu fiz a travessia do túnel, um túnel que tem 40 metros [1.480 metros], que preserva todos os edifícios históricos que estão na superfície e que mostra um verdadeiro cuidado, uma atenção especial em se fazer obra de mobilidade urbana se preservar aquilo que uma cidade tem de muito caro, que é, por exemplo, o museu que eu tive aqui com vocês, o Museu do Mar, ali, que eu tive aqui na inauguração e que vai ter todo um contorno, com a derrubada da perimetral, um contorno cultural, que vai permitir que a cidade tenha ainda mais vida se isso é possível aqui, falar em mais vida no Rio de Janeiro. Eu também cumprimento o prefeito por ter inaugurado em Madureira, o Palácio. Acho que é uma demonstração que o Rio tem vários corações e eles batem simultaneamente. Porque o Palácio Madureira faz algo que eu considero importantíssimo e que nós sempre buscamos quando fizemos, por exemplo, o teleférico lá no Alemão, que é acabar com a divisão morro-litoral. Essa divisão morro do litoral era uma divisão social também. Colocar o Palácio lá em Madureira mostra que a cidade está buscando a sua unidade, que ela está construindo essa unidade de forma também administrativa e política. Por isso também, eu dou os parabéns ao Eduardo por essa iniciativa.

E, finalizando, eu quero dizer para vocês que nós temos o compromisso aqui de transformar as condições da cidade do Rio de Janeiro. Assumimos esse compromisso e eu fiquei muito feliz no ano passado, se eu não me engano, em junho, quando eu vim aqui inaugurar a Transcarioca, que corta a cidade transversalmente e permite que milhares e milhares... hoje é 400 mil pessoa, tenham transporte de qualidade. Eu voltarei aqui várias vezes, voltarei aqui para outras inaugurações.

Agora, Pezão, nossa linha 4 do metrô, que eu tenho orgulho de sempre dizer que sai de Ipanema via Rocinha - é via Rocinha, porque o nosso compromisso é esse, de unir o morro com o litoral, algo que foi separado não pela geografia, mas por decisões políticas que dividiram a cidade. Eu acho que se pode caracterizar essa gestão, no que se refere ao Rio de Janeiro, tanto do Eduardo como do Pezão, como uma gestão que procurou unir a cidade, e no que se refere ao governo federal, unir o Brasil junto à cidade e ao estado. Por isso, eu agradeço a vocês e tenho certeza que essa comemoração dos 450 anos, ela abre um caminho para gente comemorar os próximos 450 anos garantindo que essa seja a cidade, uma das cidades - eu não vou fazer a cidade mais porque eu não posso ser igual a você, não é, Eduardo? Mas uma das cidades mais bonitas do mundo. Um abraço para todos.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-cerimonia-de-inauguracao-do-tunel-rio450-rio-de-janeiro-rj-min-s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-cerimonia-de-inauguracao-do-tunel-rio450-rio-de-janeiro-rj-min-s>) da Presidenta Dilma.

01-03-2015 - Discurso da Presidente da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de aniversário dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro/RJ

Rio de Janeiro, 01 de março de 2015

Primeiro eu queria dizer boa noite e feliz aniversário. Feliz aniversário para todas as cariocas e todos os cariocas. Feliz aniversário para todos nós brasileiros que temos orgulho de ter uma cidade como o Rio de Janeiro fazendo 450 anos. Um país novo, uma cidade nova, mas a Cidade Maravilhosa, então meus parabéns a todos vocês.

Queria cumprimentar o nosso querido governador Pezão, Luiz Fernando Pezão, e queria cumprimentar também a Maria Lucia.

O Pezão é uma das pessoas mais límpidas, mais diretas, mais decentes que eu conheço. E eu queria também, aqui de público, dizer que a nossa parceria aqui no estado é uma parceria feita de muito trabalho, de muito esforço. E essa parceria, uma grande parte dela, ocorre aqui no Rio de Janeiro. Por isso, o Pezão também hoje está de parabéns.

Mas o grande - o grande aniversariante - é de fato o prefeito mais feliz do mundo, que dirige a cidade mais importante do mundo e da galáxia. Por que que é da galáxia? A galáxia é o Rio de Janeiro, a Via Láctea é fichinha perto da galáxia que o nosso querido Eduardo Paes tem a honra de ser prefeito. Eu acredito que essa talvez seja a força mais interessante a mover o Eduardo, essa convicção de que esse trabalho incansável... Por exemplo, na Transcarioca. Quando nós viemos inaugurar aqui, a Transcarioca tem 39 quilômetros. Na noite anterior a inauguração, ele andou a pé, ali pela meia-noite, a Transcarioca inteirinha, ida e volta, para verificar se estava tudo nos conformes. Essa força é a força do compromisso que ele tem com essa cidade. Então, eu parabeno representando a cidade do Rio de Janeiro, e todos vocês, mas especialmente o Eduardo Paes.

Queria cumprimentar a Chirstine, queria cumprimentar também os dois filhos, principalmente a filha ali que está escondendo a cara, mas queria cumprimentá-la e cumprimentar os prefeitos, ex-prefeitos, tanto o prefeito Israel Cabrim como meu amigo Saturnino Braga.

Cumprimenta também um outro carioca que é o Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados e a senhora Cláudia Cruz.

Cumprimentar o nosso vice-governador do Rio de Janeiro, Francisco Dornelles que adotou o Rio com o seu coração mineiro.

Queria cumprimentar o cardeal arcebispo Dom Orani Tempesta, cumprimentá-lo também pela homenagem.

Cumprimentar os ministros de Estado, Joaquim Levy, da Fazenda, Isabella Teixeira, do Meio Ambiente, George Hilton, dos Esportes e Vinícius Lages, do Turismo.

Cumprimentar o presidente do Tribunal de Justiça, Luís Fernando Ribeiro,

Os deputados federais aqui presentes, Benedita da Silva, Hugo Leal, Jandira Ferghali, Júlio Lopes e Sérgio Zveiter.

Eu queria dirigir meu cumprimento, do fundo do coração, mas também do grande respeito e admiração que nós devemos ter por duas mulheres aqui presentes porque elas representam algo fundamental que faz parte da alma do nosso país, que é a arte. Queria cumprimentar a

dona Ivone Lara e a nossa grande Fernanda Montenegro, a dama do teatro brasileiro.

Cumprimentar o senhor Jorge Felipe, presidente da câmara municipal,

Cumprimentar banda da guarda municipal, aqui, que nós honrou com o Hino Nacional

Cumprimentar a Wanda Sá e o Roberto Menescal que pelo menos para mim, me levou para o futuro e também para os anos 60 e para algo que é sinônimo do Rio de Janeiro que é a Bossa Nova.

Cumprimentar os jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu acredito que todos nós sabemos que o Rio de Janeiro é uma cidade diferenciada. E é uma cidade, mais do que qualquer outra, tem refletido nela, imprimido nela, a história desse país. Quando a gente... Eu sempre fico imaginando o que deve ter sido, lembrando o Sérgio Buarque de Holanda, que escreveu aquele livro, *Visões do Paraíso*, ele não fala sobre isso, mas eu sempre lembro quando eu li aquele livro, o que deve ter pensado um francês da esquadra do Villegaignon quando chegou aqui e olhou esse azul imenso, essas matas, essas montanhas, essas pedras, qual não tenha sido o encantamento dele e a visão do paraíso que ele viu nas nossas... Nesse recorte fantástico que é a Baía de Guanabara. Eu não sei se eles chegaram, logo de início, a entrar ali na Lagoa de Freitas, Rodrigo de Freitas. Eu, sempre que passava do túnel, ao chegar ali, eu sempre pensei nisso também, deve ter sido uma quantidade de araras, uma quantidade de pássaros, deve ter sido um festival de cor. O Rio de Janeiro, mesmo que não tenha mais tantas araras, ele mantém a imensa da beleza natural que nunca será tirada dessa cidade. Mas não basta ela não ser tirada e ela ser natural. E aí entra toda, também, a nossa história, que é refletida aqui. O cais do Valongo, Benedito, o cais do Valongo, que é um momento terrível da nossa história. O cais do Valongo representa um momento da escravidão nesse país da qual nós nos libertamos, mas temos que continuar nos libertando, lutando contra a discriminação racial no nosso país. Já é um orgulho que no Censo brasileiro, os brasileiros se autodenominaram, se autorreconheceram como 52% de descendência afrobrasileira.

Mas eu acho que o Rio de Janeiro, então, tem esse pesado conteúdo de história que hoje, lá no túnel Rio 450 Anos, eu me referi que é: aqui foi coroado o imperador Pedro I, no momento da nossa Independência. Aqui, no Rio, foi feita a Proclamação da República. Aqui no Rio, nós vivemos o comício das reformas de base do João Goulart, aqui no rio, na Candelária, nós vivemos também todas as manifestações pelas Diretas já. Então, o centro histórico do Rio, além da beleza arquitetônica, de tudo o que ele tem, porque como dizia a música: "Ele desdobra para dentro do mar" e, portanto, o centro do Rio está na beira do mar, o centro do Rio se conjuga com o mar. Daí porque eu acredito que esse projeto que nós aqui temos uma parceria e que tem a liderança do Eduardo Paes a operação Porto Maravilha, ela representa o resgate de todo um processo aqui no Rio de Janeiro. Primeiro da divisão litoral-morro. Depois, representa também a garantia de acesso a esse centro histórico e às belezas naturais a toda população.

Eu acredito, Pezão, que foi um passo muito importante quando nós juntos construímos o Teleférico do Alemão. Por quê? Porque era levar para o Alemão o maior complexo, um dos maiores, eu não sei se ele é o maior, mas eu acho que é um dos maiores complexo de favelas do Rio de Janeiro, levar um meio de transporte que assegurava não só a chegada das pessoas às suas casa em tempo razoável, mas também permitia que dali se visse a beleza do Rio de Janeiro. Eu acredito que a operação, a operação Porto Maravilha, ela integra a cidade novamente ao seu centro histórico e à sua beleza natural.

Então, eu me refiro hoje nessa comemoração aos 450 anos a isso. Eu olhei várias vezes o que foi feito nos outros países em relação às transformações, e vejo várias transformações, por exemplo, em Nova Iorque, na região portuária, que geralmente são regiões degradadas. Em várias outras; Rotterdam também tem modificações na região portuária, na própria Buenos Aires. Mas em nenhuma delas esse resgate se liga à história do nosso país. Então, é muito significativo e simbólico o que hoje nós fizemos aqui na parte da tarde, que foi inaugurar o Túnel Rio 450, que faz parte de todo o complexo de mobilidade social. De mobilidade urbana, desculpa. Mas o que eu acredito que é efetivo - muito efetivo - é o fato de

ter, de você ter tido a coragem de derrubar a Perimetral e construir ali um corredor cultural. Um corredor cultural que vai garantir o acesso da cidade aos seus pontos mais bonitos e também vai permitir que aquilo que transforma um país, que é a cultura, tenha um espaço privilegiado para ocorrer. Então, Eduardo, junto com toda a nossa parceria, a parceria que nós tivemos aqui em vários outros lugares através do Pezão e do Sérgio Cabral, tanto no governo do presidente Lula como no meu governo, eu acredito que nós temos, de fato, um compromisso com o presente e o futuro dessa cidade. O futuro, porque nós estamos construindo hoje aqui, os próximos 450 anos. Nós estamos aqui construindo as condições para que o Rio de Janeiro seja essa cidade fantástica para se viver, porque tem, de fato, uma alegria contagiante, uma alegria que está nos pés do Carlinhos de Jesus e da Ana Botafogo; que está na representação da Fernanda e da dona Ivete Lara... Ivone Lara, desculpa dona Ivone; que está em cada um dos artistas dessa cidade. Hoje vocês juntaram a Portela e o Império Serrano, que está lá, está em todos os lugares e nos bares, nas cervejas e na Bossa Nova.

Então, Rio de Janeiro, conte conosco. Nós estaremos presentes para garantir todas as obras, mas mais do que as obras, os projetos de resgate social, cultural e histórico dessa cidade fantástica que vai receber uma das maiores cerimônias do mundo que é as Olimpíadas, que é o momento de celebração da paz. E aí, eu cumprimento o senhor Thomas Bach, presidente do COI, em nome dele cumprimento os demais participantes deste desafio que nós teremos no ano que vem, que é, de fato, mais uma vez, abraçar o mundo recebendo todos os 202 ou 206 países... é dois ou seis? É cinco. Você vê que eu quase acertei. Os 205 países, porque é isso que nós vamos receber, nós vamos fazer: nós vamos receber abraçando todos eles. Um abraço a todos.

Ouçá a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-cerimonia-de-aniversario-dos-450-anos-da-cidade-do-rio-de-janeiro-rio-de-janeiro-rj-min-s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-cerimonia-de-aniversario-dos-450-anos-da-cidade-do-rio-de-janeiro-rio-de-janeiro-rj-min-s>) da Presidenta Dilma.

06-03-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de entrega de 1.472 unidades habitacionais dos Residenciais Bela Suíça II e III, do Programa Minha Casa Minha Vida - Araguari/MG

Araguari-MG, 06 de março de 2015

Eu quero, aqui, iniciar cumprimentando e homenageando as mulheres porque no domingo é o Dia Internacional das Mulheres.

E aqui eu vou dirigir um cumprimento a cada um e a cada uma daquelas que estão recebendo as chaves. Eu não posso... eu gostaria de entregar pessoalmente para cada dona de casa, para cada pai de família, para cada um aqui as chaves da casa própria. Mas a Karina, a Luciana, a Taís Regina, Albertina e a Elaine Cristina representam vocês. E eu inicio cumprimentando a cada uma, e olhando com muito carinho porque são famílias que vão entrar nessas casas. Famílias com crianças, com adolescentes, com pessoas da terceira idade, enfim, as famílias desse Brasil, as famílias que são o sustentáculo do nosso país. Por isso, nesse residencial, Suíça II e Suíça III - Bela Suíça, aqui eu tenho certeza que mais do que casa, nós estamos entregando um caminho para um futuro melhor. Por isso, eu cumprimento cada um de vocês.

Cumprimento também o governador de Minas Gerais, meu amigo e companheiro Fernando Pimentel. Agradeço pelas palavras e pela solidariedade.

Cumprimento o nosso prefeito, Raul Belém, prefeito de Araguari, e a senhora Amanda Belém.

Cumprimento os ministros que hoje me acompanham: Gilberto Kassab, das Cidades, e o ministro mineiro, Patrus Ananias, do Desenvolvimento Agrário.

Queria dirigir um cumprimento aos deputados federais que me acompanham hoje: Weliton Prado, Wadson Ribeiro, Reginaldo Lopes, padre João, Jô Moraes, Aelton Freitas e Adelmo Leão.

Cumprimentar a presidente da Caixa, a querida ex-ministra do Planejamento, Miriam Belchior.

Cumprimentar o secretário de governo, aqui de Minas Gerais, o Odair. Odair Cunha.

Eu sei, e eu tenho aqui o nome de todos os prefeitos aqui presentes, dos 57 prefeitos aqui presentes. E eu queria cumprimentá-los em nome, primeiro, do nosso prefeito, Raul Belém, aqui de Araguari, e do prefeito Gilmar Machado, de Uberlândia. Mas também vou cumprimentar em nome - estou procurando aqui uma prefeita, uma prefeita para que eu possa aproveitar o Dia Internacional da Mulher e cumprimentar a prefeita Dorinha de Guimarães.

Cumprimentar o vereador Juliano Souza Rodrigues, presidente da Câmara de Vereadores.

E cumprimentar o presidente da Associação dos Municípios do Vale da Paranaíba, o Elson Medeiros.

Cumprimentar também, ao fazê-lo, eu cumprimento todos os secretários aqui do município, a secretária municipal de habitação, a Eliane Queiroz.

Cumprimentar os empresários aqui presentes Sérgio Pizzolati.

Os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Queria dizer para vocês que eu tenho inaugurado muitos residenciais, muitos condomínios, muitos conjuntos habitacionais pelo Brasil afora. E sempre é uma emoção, porque como eu disse no início, evidentemente, para cada uma das famílias do nosso país, seja a família que for, um dos fatores principais para uma família é ter sua casa própria. E nós, a partir de 2010, quando começamos a contratar, até hoje, nós conseguimos implantar o maior programa habitacional da história do nosso país e, seguramente, um dos maiores programas habitacionais do mundo. Até agora, nós contratamos 3 milhões e 750 mil moradias. Desses, nós já entregamos 2 milhões. Vocês imaginam o que é 2 milhões de moradias em menos de 5 anos... E estamos com contrato feito. É 2 milhões e um número que é 2,080 milhões e estamos com contrato feito com mais casas: 1,680 milhão moradias. Isso significa que essas moradias estão contratadas, essas últimas que eu falei. Significa que está em andamento, que vai ter novas seleções, que mais famílias vão morar na sua casa própria. Agora o que eu me orgulho muito, e eu vou começar, é que nesses dois residenciais, 1.472 famílias araguarinas vão ter a sua residência. E isso é muito importante para o Brasil porque é na base da família que a gente constrói uma nação. Uma nação é feita do quê? É feita disso, de famílias. Hoje, nós vamos fazer uma parte dessas 1.472, em torno de 700 e poucas. As restantes vão ser feitas até o final desse mês. E uma coisa é muito importante: ninguém escolhe a família, elas se cadastram e depois são sorteadas. Disso nós fazemos questão para ninguém passar na frente de ninguém por qualquer mecanismo que seja amizade aqui, amizade ali. E nós queremos uma coisa fundamental: que a vida dessas famílias tenha aqui um início digno e que as pessoas, que antes viviam ou de favor, ou de aluguel ou de que forma for, agora não, agora pagam uma prestação e têm a sua casa própria. Isso faz toda a diferença para a segurança das famílias e para a qualidade de vida do nosso povo.

Além disso, a casa desses dois residenciais tem aquecimento solar. Assim, também, uma coisa é importante: todas as famílias vão ter uma conta de energia menor do que tinham antes.

Para nós, é muito, é fundamental que se assegure dignidade, esperança no futuro e segurança para as famílias. Eu sei que quando a gente pensa os números, eles impressionam. Aqui em Araguari nós já entregamos mais de 5.400 moradias, incluindo os dois residenciais. Então, até o final de março serão 5.400. Isso permite que um, cerca, aproximadamente de um em cada cinco araguarinos tiveram acesso ao Minha Casa, Minha Vida. Eu vou repetir: um em cada cinco, cerca de um em cada cinco. Em Minas Gerais quase 1 milhão de pessoas, até um pouco mais de 1 milhão de mineiros, tiveram acesso ao Minha Casa, Minha Vida. E no Brasil, eu estou falando de entregues, e no Brasil são mais de 8 milhões de famílias.

Por isso esse programa é um programa que deu certo. Porque ele deu certo não significa que nós não viemos sempre melhorando ele; quando nós começamos o programa as casas, as moradias, o piso era de cimento alisado. Agora, o piso é de cerâmica. Quando nós começamos, as janelas eram mais estreitas e agora elas estão maiores. E nós vamos aperfeiçoando o programa sistematicamente. Nós vamos lançar o Minha Casa, Minha Vida 3. Com isso mais 3 milhões de brasileiros vão ter acesso à casa própria. Nós temos o compromisso, que nós cumrimos agora no Minha Casa, Minha Vida 2, porque contratamos tudo que prometemos; de contratar até o final de 2018, mais 3 milhões. Com isso, nós vamos chegar bem próximos de ficar com uma perspectiva de solucionar integralmente a questão da habitação em algumas faixas de renda mais baixas.

Eu queria dizer que o nosso objetivo no governo, a cada vez, é sempre fazer mais e fazer melhor. Aprimorar para garantir oportunidades e usar o dinheiro, principalmente, garantindo acesso a quem mais precisa. Esse é o propósito que move o governo quando nós fazemos

correções e ajustes. Desde o início da crise internacional, lá atrás, em 2008, nós tivemos um objetivo que foi garantir emprego e garantir salário. E conseguimos. Enquanto o mundo só desempregava e só reduzia salários, nesse período, nos últimos seis anos da crise, nós tivemos uma redução do desemprego e um aumento das rendas dos brasileiros. Nós estamos entrando agora numa nova fase de enfrentamento da crise onde várias medidas diferentes serão necessárias. Uma nova trajetória para que nós possamos crescer. Não é que nós iremos querer voltar atrás para algum outro momento. Não. Nós queremos melhorar ainda mais o que nós já conquistamos. Por isso é que nós estamos fazendo essas correções e esses ajustes.

O nosso projeto é continuar gerando emprego, garantindo salários, continuar fazendo um programa como esse, o Minha Casa, Minha Vida, continuar garantindo aqui, por exemplo, o Pronatec. Sabe quantos araguarinos tiveram acesso ao Pronatec? Foram 2.300 estudantes que foram matriculados e se formaram nos cursos de profissionalização do Pronatec aqui em Araguari. Então, vejam bem, gente: se isso aconteceu quando o Pronatec era para 8 milhões, vocês façam o cálculo do que vai acontecer agora que o Pronatec vai expandir. Porque o dinheiro que nós pouparamos, nós vamos investir também nesses programas sociais.

Quero dizer uma outra coisa importante: é a oferta de educação em tempo integral aqui em Araguari. E aí eu recebi das mãos do pessoal da Caixa Econômica um folheto que mostra todos os serviços públicos que estão à disposição do pessoal aqui do residencial Bela Suíça I e II. Primeiro, o Cras, o Cras que é para atendimento social, na rua doutor Sebastião Campos; a Unidade Básica de Saúde, do bairro Santa Helena; o Centro de Geração de Emprego e Renda, o Centro de Educação. Nós temos, inclusive aqui, a honra de dizer que o primeiro centro integrado de educação estará à disposição aqui dos moradores. Além disso, que é o Centro de Artes, Centro de Artes e Esportes Unificado, que tem quadra de esportes, pista de skate, sala de cinema, teatro, telecentros com salas de informática, biblioteca e o próprio Cras. Por que esse CEU é importante? Porque não basta só a casa, não basta só a residência. É necessário que as pessoas tenham acesso a serviços públicos de qualidade.

Quero finalizar dizendo uma coisa para vocês: ampliar o sistema de esgotamento sanitário dos municípios é algo fundamental. Ninguém enxerga o esgoto, mas os efeitos do esgoto não existir a gente vê quando a gente olha para a saúde das crianças, a saúde das pessoas mais vulneráveis que geralmente são as crianças e os idosos. Por isso, eu quero dizer que nós aprovamos essa obra de infraestrutura que é fundamental e que, nós temos certeza, irá mudar a situação aqui de Araguari.

E aí eu finalizo dizendo para vocês: nós estamos fazendo um imenso esforço para que o Brasil não só continue fazendo esses programas sociais, mas também que o Brasil amplie os investimentos, tenha uma economia próspera, continue gerando emprego e renda para a sua população. Esse esforço passa por correções, como eu disse. Mas as correções não são um fim em si mesmas. É para garantir programas como esse que nós as fazemos.

Além disso, eu queria finalizar dizendo uma coisa aqui para os mineiros e para as mineiras: sempre, quando a gente tem parceiros, fica mais fácil de realizar os programas. E aqui eu quero saudar o governador Fernando Pimentel, que eu tenho certeza que vai estar comprometido com todas essas transformações e realizações aqui em Minas Gerais. E também, agradeço ao prefeito Raul Belém. Mas, sobretudo, eu peço a vocês, novos moradores do residencial Bela Suíça II e III que não descensem, que procurem garantir que de fato essa conquista de vocês, que vocês conseguiram, essa conquista de vocês, se transforme de fato num verdadeiro caminho de esperança e de futuro, principalmente, para as crianças e para os adolescentes. Que é isso que nós vamos ter.

No mais, nós temos e vocês representam esse povo brasileiro que é um povo forte, cheio de alegria e de esperança e que não desiste nunca.

Vamos juntos mudar o Brasil.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-entrega-de-1-472-unidades-habitacionais-dos-residenciais-bela-suica-ii-e-iii-do-programa-minha-casa-minha-vida-araguari-mg-20min56s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-entrega-de-1-472-unidades-habitacionais-dos-residenciais-bela-suica-ii-e-iii-do-programa-minha-casa-minha-vida-araguari-mg-20min56s>)(20min56s) da Presidenta Dilma.

08-03-2015 - Pronunciamento à Nação da Presidenta da República, Dilma Rousseff, por ocasião do Dia Internacional da Mulher

08 de março de 2015

Meus queridos brasileiros, e, muito especialmente, minhas queridas brasileiras.

Hoje é o Dia Internacional da Mulher. Falar com vocês mulheres - minhas amigas e minhas iguais - é falar com o coração e a alma da nossa grande nação. Ninguém melhor do que uma mãe, uma dona de casa, uma trabalhadora, uma empresária, é capaz de sentir, em profundidade, o momento que um país vive.

Mas todos sabemos que há um longo caminho entre sentir e entender plenamente. É preciso, sempre, compartilharmos nossa visão dos fatos. Os noticiários são úteis, mas nem sempre são suficientes. Muitas vezes até nos confundem mais do que nos esclarecem. As conversas em casa, e no trabalho, também precisam ser completadas por dados que nem sempre estão ao alcance de todas e de todos.

Por isso, eu peço que você - e sua família - me ouçam com atenção. Tenho informações e reflexões importantes que se compartilhadas vão ajudá-los a entender melhor o momento que passamos. E a renovar a fé e a esperança no Brasil! É uma boa hora para que eu tenha uma conversa, mais calma e mais íntima, com cada família brasileira - e faça isso com a alma de uma mulher que ama seu povo, ama seu país e ama sua família.

Vamos começar pelo mais importante: o Brasil passa por um momento diferente do que vivemos nos últimos anos. Mas nem de longe está vivendo uma crise nas dimensões que dizem alguns. Passamos por problemas conjunturais, mas nossos fundamentos continuam sólidos. Muito diferente daquelas crises do passado que quebravam e paralisavam o país.

Nosso povo está protegido naquilo que é mais importante: sua capacidade de produzir, ganhar sua renda e de proteger sua família. As dificuldades que existem - e as medidas que estamos tomando para superá-las - não irão comprometer as suas conquistas. Tampouco irão fazer o Brasil parar ou comprometer nosso futuro.

A questão central é a seguinte: estamos na segunda etapa do combate à mais grave crise internacional desde a grande depressão de 1929. E, nesta segunda etapa, estamos tendo que usar armas diferentes e mais duras daquelas que usamos no primeiro momento.

Como o mundo mudou, o Brasil mudou e as circunstâncias mudaram, tivemos, também, de mudar a forma de enfrentar os problemas. As circunstâncias mudaram porque além de certos problemas terem se agravado - no Brasil e em grande parte do mundo -, há ainda a coincidência de estarmos enfrentando a maior seca da nossa história, no Sudeste e no Nordeste.

Entre muitos efeitos graves, esta seca tem trazido aumentos temporários no custo da energia e de alguns alimentos. Tudo isso, eu sei, traz reflexos na sua vida. Você tem todo direito de se irritar e de se preocupar. Mas lhe peço paciência e compreensão porque esta situação é passageira. O Brasil tem todas as condições de vencer estes problemas temporários - e esta vitória será ainda mais rápida se todos nós nos unirmos neste enfrentamento.

Peço a vocês que nos unamos e que confiem na condução deste processo pelo governo, pelo Congresso, e por todas as forças vivas do nosso país - e uma delas é você!

Queremos e sabemos como fazer isso, distribuindo os esforços de maneira justa e suportável para todos. Como sempre, protegendo de forma especial as classes trabalhadoras, as classes médias e os setores mais vulneráveis. Temos compromissos profundos com o futuro do país e vamos continuar cumprindo, de forma inabalável, estes compromissos.

Minhas amigas e meus amigos,

A crise afetou severamente grandes economias, como os Estados Unidos, a União Europeia e o Japão. Até mesmo a China, a economia mais dinâmica do planeta, reduziu seu crescimento à metade de suas médias históricas recentes. Alguns países estão conseguindo se recuperar mais cedo.

O Brasil, que foi um dos países que melhor reagiu em um primeiro momento, está agora implantando as bases para enfrentar a crise e dar um novo salto no seu desenvolvimento. Nos seis primeiros anos da crise, crescemos 19,9%, enquanto a economia dos países da Zona do Euro, caiu 1,7%.

Pela primeira vez na história, o Brasil ao enfrentar uma crise econômica internacional não sofreu uma quebra financeira e cambial. O mais importante: enquanto nos outros países havia demissões em massa, nós aqui preservamos e aumentamos o emprego e o salário. Se conseguimos essas vitórias antes, temos tudo para conseguir novas vitórias outra vez. Inclusive, porque decidimos, corajosamente, mudar de método e buscar soluções mais adequadas ao atual momento. Mesmo que isso signifique alguns sacrifícios temporários para todos e críticas injustas e desmesuradas ao governo.

Na tentativa correta de defender a população, o governo absorveu, até o ano passado, todos os efeitos negativos da crise. Ou seja: usou o seu orçamento para proteger integralmente o crescimento, o emprego e a renda das pessoas. Realizamos elevadas reduções de impostos para estimular a economia e garantir empregos. Ampliamos os investimentos públicos para dinamizar setores econômicos estratégicos. Mas não havia como prever que a crise internacional duraria tanto. E, ainda por cima, seria acompanhada de uma grave crise climática. Absorvemos a carga negativa até onde podíamos e agora temos que dividir parte deste esforço com todos os setores da sociedade.

É por isso que estamos fazendo correções e ajustes na economia. Não é a primeira vez que o Brasil passa por isso. Em 2003, no início do governo Lula, tivemos que tomar medidas corretivas. Depois tudo se normalizou e o Brasil cresceu como poucas vezes na história. São medidas para sanear as nossas contas e, assim, dar continuidade ao processo de crescimento com distribuição de renda, de modo mais seguro, mais rápido e mais sustentável.

Você que é dona de casa ou pai de família sabe disso. Às vezes temos de controlar mais os gastos para evitar que o nosso orçamento saia do controle. Para garantir melhor nosso futuro. Isso faz parte do dia a dia das famílias e das empresas. E de países também. Mas estamos fazendo de forma realista e da maneira mais justa, transparente e equilibrada possível. As medidas estão sendo aplicadas de forma que as pessoas, as empresas e a economia as suportem. Como é preciso ter equidade, cada um tem que fazer a sua parte. Mas de acordo com as suas condições.

Foi por isso, que começamos cortando os gastos do governo, sem afetar fortemente os investimentos prioritários e os programas sociais. Revisamos certas distorções em alguns benefícios, preservando os direitos sagrados dos trabalhadores. E estamos implantando medidas que reduzem, parcialmente, os subsídios no crédito e também as desonerações nos impostos, dentro de limites suportáveis pelo setor produtivo.

Estamos fazendo tudo com equilíbrio, de forma que tenhamos o máximo possível de correção com o mínimo possível de sacrifício. Este processo vai durar o tempo que for necessário para reequilibrar a nossa economia. Como temos fundamentos sólidos e as dificuldades são conjunturais, esperamos uma primeira reação já no final do segundo semestre deste ano.

Mais importante, no entanto, do que a duração destas medidas será a longa duração dos seus resultados e dos seus benefícios. Que devem ser perenes no combate à inflação e na garantia do emprego. Que devem ser permanentes na melhoria da saúde, da educação e da segurança pública.

As medidas serão suportáveis porque além de sermos um governo que se preocupa com a população, temos hoje um povo mais forte do que nunca. O Brasil tem hoje mais qualificação profissional, mais infraestrutura, mais oportunidades de estudar e mais empreendedores. Somos a 7ª economia do mundo. Temos 371 bilhões de dólares de reservas internacionais. 36 milhões de pessoas saíram da miséria e 44 milhões foram para a classe média. Quase dez milhões de brasileiras e brasileiros são hoje micro e pequenos empreendedores. E continuamos com os melhores níveis de emprego e salário da nossa história.

Minhas amigas e meus amigos,

O que tenho de mais importante a garantir, hoje, vou resumir agora.

Primeiro: o esforço fiscal não é um fim em si mesmo. É apenas a travessia para um tempo melhor, que vai chegar rápido e de forma ainda mais duradoura.

Segundo: não vamos trair nossos compromissos com os trabalhadores e com a classe média, nem deixar que desapareçam suas conquistas e seus direitos.

Terceiro: não estamos tomando estas medidas para voltarmos a ser iguais ao que já fomos. Mas, sim, para sermos muito melhores.

Quarto: durante o tempo que elas durarem, o país não vai parar. Ao contrário, vamos continuar trabalhando, produzindo, investindo e melhorando.

As coisas vão continuar acontecendo. Junto com as novas medidas, estamos mantendo e melhorando os nossos programas. Entregando grandes obras. Nossas rodovias e ferrovias, nossos portos e aeroportos continuarão sendo melhorados e ampliados.

Para isso, vamos fazer, ainda este ano, novas concessões e firmar novas parcerias com o setor privado. Incluímos - e vamos continuar incluindo - milhões e milhões de brasileiros. Mas agora a inclusão tem que se dar, sobretudo, pelo acesso a melhores oportunidades e a serviços públicos de maior qualidade.

Este esforço tem que ser visto como mais um tijolo, no grande processo de construção do novo Brasil. Esta construção não é só física, mas também espiritual. De fortalecimento moral e ético.

Com coragem e até sofrimento, o Brasil tem aprendido a praticar a justiça social em favor dos mais pobres, como também aplicar duramente a mão da justiça contra os corruptos. É isso, por exemplo, que vem acontecendo na apuração ampla, livre e rigorosa nos episódios lamentáveis contra a Petrobras.

Minhas amigas mulheres homenageadas neste dia,

Por último, quero anunciar um novo passo no fortalecimento da justiça, em favor de nós, mulheres brasileiras. Vou sancionar, amanhã, a Lei do Feminicídio que transforma em crime hediondo, o assassinato de mulheres decorrente de violência doméstica ou de discriminação de gênero. Com isso, este odioso crime terá penas bem mais duras. Esta medida faz parte da política de tolerância zero em relação à violência contra a mulher brasileira.

Brasileiros e brasileiras,

É assim, com medidas concretas e corajosas, em todas as áreas, que vamos, juntos, melhorar o Brasil. É uma tarefa conjunta de toda sociedade, mulheres e homens. Tenho certeza que contará com a participação decisiva do Congresso Nacional, que sempre cumpriu com seu papel histórico nos momentos em que o Brasil precisou.

Temos que encarar as dificuldades em sua real dimensão e encontrar o melhor caminho de resolvê-las. Pois, se toda vez que enfrentarmos uma dificuldade pensarmos que o mundo está acabando - ou que precisamos começar tudo do zero - só faremos aumentar nossos

problemas.

Precisamos transformar dificuldades em soluções. Problemas temporários em avanços permanentes.

O Brasil é maior do que tudo isso e já mostrou muitas vezes ao mundo como fazer melhor e diferente. Mais que nunca é hora de acreditar em nosso futuro. De sonhar. De ter fé e esperança.

Viva a mulher brasileira! Viva o povo brasileiro. Viva o Brasil!

Obrigada e boa noite.

Ouça a íntegra do pronunciamento
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-pronunciamento-a-nacao-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-por-ocasio-do-dia-internacional-da-mulher-15min18s-1>) (15min18s) da
Presidenta Dilma Rousseff

09-03-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de sanção da lei de tipificação do feminicídio

Palácio do Planalto, 09 de março de 2015

Queria dirigir primeiro um cumprimento a todas as mulheres aqui presentes e também às meninas, ali representadas pela Lelé.

Cumprimento também aos nossos companheiros que participam apoiando essa luta.

Queria começar dirigindo um cumprimento especial a todas as mulheres que lutam pela igualdade de gênero no Brasil, a todas as camponesas aqui presentes... às atletas, as atletas que nos honram com a sua presença: a Sara Menezes; a Laiana Coman; a Erika Miranda, do Judô; a Duda Amorim, eleita a melhor jogadora de handebol do mundo em 2014; a Shirlene Santos; a Terezinha Guilhermina, do atletismo paraolímpico; a Natália Mayara, do tênis paraolímpico; a Mariléia dos Santos, a Michael Jackson do futebol; a Leila Barros, do vôlei e secretária de Esporte do Distrito Federal. Vocês são o retrato da garra e da competência da mulher em lutar, teimar e superar dificuldades. Essa garra e essa capacidade de luta, a gente encontra em todas as mulheres, as mulheres anônimas que não estão aqui presentes, mas que vocês representam no que há de mais guerreiro, de mais forte em cada uma.

Quero cumprimentar também as senhoras e os senhores chefes de missões diplomáticas acreditados junto ao meu governo,

Cumprimentar os ministros de Estado, cumprimentando aqui as mulheres ministras presentes: a Eleonora Menicucci, da secretaria de Política para as Mulheres; a Tereza Campelo do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; a Izabella Teixeira, do Meio Ambiente; a Nilma Lino Gomes, da secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a Ideli Salvatti, da secretaria de Direitos Humanos.

Queria dirigir um cumprimento todo especial à ministra vice-presidente do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia. A Cármen Lúcia está liderando um movimento, um mutirão fundamental na área da Justiça. E aí eu quero cumprimentar também todas as desembargadoras e juízas aqui presentes. O movimento Justiça [pela] Paz em Casa, que é liderado pela aqui pela nossa Vice-Presidente do Supremo Tribunal Federal, é um movimento que só traz garantia para as mulheres, que o Estado brasileiro está ao lado delas.

E aí, eu queria começar cumprimentando o legislativo, as nossas parlamentares. Primeiro as senadoras, quero cumprimentar as que estão aqui presente e também as que eventualmente não puderam vir. A Regina Souza, a Vanessa Grazziotin. Cumprimentar também um senador, o Telmário Mota, mas destacar o meu cumprimento a todas as senadoras que participaram desse movimento e que são responsáveis pelo fato dessa legislação hoje se tornar uma realidade.

Queria cumprimentar também a Maria do Rosário, ex-ministra da secretaria dos Direitos Humanos, a Jô Moraes, coordenadora da bancada feminina na Câmara dos Deputados, porque é muito importante que as mulheres tenham uma bancada.

Queria cumprimentar também a Érika Kokay, a Dâmina Pereira, a Margarida Salomão, a Marinha Haupp, a Moema Gramacho, a Rosângela Gomes, e cumprimentar também os nossos companheiros deputados que votaram no projeto.

Cumprimentando o Afonso Florence, o Angelin, o Assis Carvalho, o Leo de Brito, e o Sibá Machado e todos os outros que votaram e não estão aqui presentes.

Queria também cumprimentar a presidente do Superior Tribunal Militar, Elizabeth Guimarães Teixeira Rocha.

Queria cumprimentar as ministras do STJ, Laurita Hilário Vaz, vice-presidente, a Suzete Magalães, a Maria Teresa Moura.

Queria também cumprimentar e agradecer a presença da Ela Wiecko, vice-procuradora geral da República, por intermédio de quem, cumprimento os integrantes do Ministério Público presentes, e queria sobretudo, saudar Ela Wiecko o seu compromisso sistemático com a defesa das mulheres.

Cumprimento também a Sheila Sabari, representante do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

Quero cumprimentar ainda as reitoras de universidades e institutos federais e as gestoras públicas de políticas para as mulheres.

Cumprimentar as senhoras jornalistas. Eu acho que não tem nenhuma fotógrafa e nenhuma cinegrafista, mas fica o compromisso, também, para os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas, mas em especial, para as senhoras jornalistas.

Eu acredito que é um momento muito importante na afirmação da luta que coloca como foco a violência contra a mulher. Nós sabemos que 15 mulheres são mortas por dia no Brasil e isso, é importante registrar, eu vi várias análises na imprensa nos últimos dias, apenas pelo fato de serem mulher. Essa morte pelo fato de ser mulher, ela torna a questão de gênero no Brasil, a questão de gênero e da questão do gênero feminino no Brasil, uma questão específica e especial junto com outras categorias, como a questão de morte por ser negro, de discriminação por ser negro, como também toda a violência contra a população LGBT.

Então nós, hoje, estamos afirmando aqui a importância de se combater a violência, tanto pela intolerância, quanto pelo preconceito. No Brasil, é importante sinalizar que, por ano, 500 mil mulheres são vítimas de estupro e estimamos que apenas 10% dos casos chegam à polícia porque as pessoas que sofrem, as mulheres que sofrem, muitas vezes têm medo e vergonha de denunciar. Por isso, a presença aqui de juízas, desembargadoras, ministras de tribunais superiores, nessa mobilização liderada pela Cármen Lúcia, ao mesmo tempo, a lei aprovada no Congresso, sancionada pelo Executivo, e todas as políticas que o Executivo também levou de Casa da Mulher Brasileira, que é o local de resistência à violência, são fundamentais porque mostram uma ação que torna a questão da violência uma questão de Estado brasileiro.

Os números nos chocam. E esses números mostram brasileiras submetidas a uma violência inaceitável, que ocorre em todas as classes sociais, nas ruas, nos locais de trabalho, nas escolas e, sobretudo, dentro de casa - e que nós temos a obrigação de combater. Uma violência que, como eu disse, tem origem na intolerância e no preconceito, que naturalizam toda opressão, e na cultura machista, que torna normal a agressão contra a mulher pelo fato de ela ser mulher.

O Brasil é uma terra generosa. Uma terra que não deve mais... não deve aceitar jamais, também, ser a terra da intolerância e do preconceito. A intolerância e o preconceito são as sementes dos piores males, dos piores sentimentos, das piores ideologias. Suscitam, inclusive, guerras. A intolerância e o preconceito é a semente do racismo, da xenofobia e do autoritarismo. Mata o amor, a fraternidade e mata também - é bom sempre nós lembramos -, a democracia. O machismo faz parte dessa matriz, dessa matriz de intolerância, preconceito que, muitas vezes, para não dizer que necessariamente, resulta em violência. O machismo é um mal a ser combatido porque ele discrimina, ele humilha, ele maltrata, agride e, no limite, como eu disse, mata. O machismo não se perpetua sozinho, contudo. Na origem da violência contra a mulher estão também sentimentos, como eu já disse, muito ruins. Além da intolerância e do preconceito, a covardia, e o fato de que se instaura o império do mais forte.

Sobretudo, outra questão muito grave: a impunidade. Daí a importância dessa lei. Daí a importância dessa lei transformar em crime hediondo a violência que resulta em assassinato pelo fato de ser mulher, tanto doméstica como não-doméstica.

Por isso, essa lei que eu assinei, tipificando o feminicídio, é um ato histórico. É um ato histórico para todas nós, mulheres. A partir de agora, o crime, o chamado homicídio, até então chamado de homicídio, quando cometido contra as mulheres apenas por sua condição feminina, passa a ser enquadrado como um assassinato qualificado, o feminicídio, o que aumenta a pena a ser aplicada nesses casos. E o fato de ser qualificado como hediondo vai tornar e imporá a seus autores pena de prisão sem atenuantes. Essa nova lei é um grande avanço e sua plena implementação exigirá mudanças de procedimentos nos órgãos de segurança pública e no sistema de justiça. Tal como ocorreu na Lei Maria da Penha, que vocês devem lembrar: houve muita resistência à questão da Lei da Maria da Penha. Eu estou certa que nós vamos ser capazes de superar com tranquilidade todas essas resistências e, portanto, qualquer desafio que aparecer pela frente.

Queridas mulheres aqui presentes, senhores,

Existem brasileiros - e nós sabemos - enxergam como exagero essa lei. Consideram excessivas leis que punem os racistas porque acham que não há racismo no Brasil; não vêem razão para leis que punam a violência contra a população LGBT, porque acham que a homofobia não é um problema relevante; discordam de leis que punem a violência doméstica porque acham que isso é assunto a ser resolvido entre esposas e maridos. Essa visão do mundo, ela não é real e nós não a aceitamos.

Infelizmente, infelizmente ainda existe racismo no Brasil, assim como existe uma herança secular de interdição do poder aos negros, que continuam ainda alijados ou minoritários nas universidades, nas empresas e nos postos de comando. Infelizmente existe violência contra a população LGBT no Brasil, fruto do preconceito que se manifestam por meio de humilhações, agressões físicas e assassinatos. A intolerância e o preconceito podem não apenas dividir uma família, podem não apenas dividi-la e em alguns casos feri-la com a morte, porque o crime na esfera doméstica ele atinge e contamina a todos, inclusive, as crianças. Podem até, como nós vemos no mundo, dividir países, podem tornar irmãos inimigos e levá-los a conflitos cruéis. Infelizmente, ainda há muita violência contra a mulher no Brasil, na maioria dos casos cometida dentro de casa e diante de filhos e até diante de pais e mães. Por essa razão nós devemos aqui, e eu proponho que todas nós do Executivo, do Legislativo, do Judiciário, dos movimentos sociais, todas as mulheres, desmintam claramente um ditado, um velho ditado, desmintam categoricamente esse velho ditado, muito popular que diz o seguinte: em briga de marido e mulher, nós achamos que se mete a colher, sim, principalmente se resultar em assassinato. Meter a colher nesse caso, não é invadir a privacidade, é garantir padrões morais, padrões éticos e democráticos. Então, o que nós defendemos é que, quem souber de casos de violência, deve denunciar. Parentes, amigos, vizinhos não devem se omitir, um telefonema ao ligue 180, à polícia, o recurso a Casa da Mulher Brasileira que vai existir nos 27 estados, pode salvar a vida de uma mulher, pode impedir que a desgraça recaia sobre uma família e atinja as crianças e os adolescentes e os idosos.

A polícia deve agir, a justiça deve ser severa, o Executivo deve tomar sua posição, tomar medidas de defender. E o Estado brasileiro deve meter, sim, a colher. A sociedade brasileira, idem. Deve meter a colher.

Temos ações práticas de prevenção, de repressão, de proteção e de apoio às mulheres vítimas de violência. Temos, hoje, uma rede de proteção constituída de casas-abrigos, delegacias e centros especializados, judiciários... juizados, desculpem, e núcleos de defensoria pública e do Ministério Público, que conta com 1.357 equipamentos. Nós temos o Ligue 180. Levamos a proteção às mulheres, nas regiões de fronteira, nas florestas, nas comunidades ribeirinhas. Nós avançamos, mas o desafio ainda é grande.

No mês passado nós inauguramos, lá em Campo Grande, a Casa da Mulher Brasileira, que já, no primeiro mês de funcionamento, teve um excelente desempenho, mostrando que essas 26 outras casas terão um papel fundamental na garantia que todas nós

juntas seremos capazes de enfrentar essa questão tão grave, que é a da violência. Além disso, eu quero dizer que nós combatemos a violência contra a mulher porque achamos que a mulher tem direito a uma vida plena, tem direito a se realizar, tem direito à sua integridade física desde a infância, mas, sobretudo, também tem direito a lutar por ter uma educação de qualidade, uma saúde de qualidade, ter espaço de realização. Ter direito a não ser subjugada, ter direito de trabalhar e ganhar o mesmo que os homens, ter direito de ser avaliada por sua capacidade, por sua competência e não receber retornos diferenciados pelo fato de ser mulher.

E aí eu queria dizer o seguinte: que nós, quando tratamos a mulher como protagonista, o que nós queremos é dar poder a ela. Por isso, no Bolsa Família, é preferencialmente a mulher que recebe o cartão do Bolsa Família. Por isso, no Minha Casa, Minha Vida a mulher tem preferência também por ter a propriedade no seu nome, porque isso é poder. Poder, sabe para quê? Nos dois casos, para garantir sua família, para atender as crianças, que a gente sabe, todo mundo aqui... Aliás, uma vez uma companheira me disse que essa questão de homem e mulher não tinha problema algum, porque as mulheres eram a maioria, mas a outra parte, a outra parte da maioria, era integrada por homens, todos eles provenientes de uma mulher, e, por isso, ficava tudo em casa: mulher com mulher. Porque os homens podem ter filhas e mulheres, esposas, mas tem necessariamente - aí não é pode, tem, necessariamente - uma mãe.

Então, a Lei Maria da Penha é uma defesa que nós construímos junto com... todas nós construímos, junto com políticas que empoderam as mulheres. Eu tenho uma outra... tenho muito orgulho de um outro número, o fato que a maioria das empreendedoras são mulheres, das pequenas, das micro e pequenas empreendedoras. O fato de que 73% das cisternas que nós instalamos no Nordeste, nós instalamos 1 milhão, então são 730 mil cisternas, foram instaladas para as mulheres porque elas eram as líderes na sua propriedade.

Além disso, uma coisa que é muito importante é a questão da formação profissional. No Pronatec os dados são muito importantes. Um pouco mais da metade, 58,4[%] dos 8 milhões de pessoas que usaram, se formaram no Pronatec, são mulheres. A importância também das mulheres nas bolsas do Prouni: são 52%. E nos contratos do Fies são 58%.

Com isso nós queremos... o que é parte da obrigação do Executivo é ampliar o poder das mulheres, reconhecê-las como cidadãs, da mesma forma que temos feito com a população negra no Brasil, combatendo também a violência que recai contra a juventude negra pelo fato de ser negra.

Eu sou presidenta de um país de homens e mulheres, mães e pais, filhos e filhas, avós e avós, e sempre me dirijo a todos, sem exceção. Mas hoje me dirigi às mulheres porque é muito importante transformar a situação das mulheres no Brasil porque, ao fazê-lo, nós estamos transformando para muito melhor a vida de toda a sociedade, de toda a nossa grande nação.

E aí, eu faço um apelo: não aceitem a violência dentro ou fora de casa como algo inevitável; não permitam que a força física ou o machismo destruam sua dignidade e até mesmo sua vida. Denuncie. Use os recursos a seu alcance e saiba que você vai ter ao seu lado o Estado brasileiro.

Eu quero que nos próximos quatro anos nós possamos não dar só e pura e simplesmente, como demos, passos efetivos na questão do combate à violência contra a mulher, mas que nós todos possamos garantir uma plena situação de realização para as mulheres. Temos de caminhar nessa direção.

Para concluir, eu queria dirigir uma homenagem à Rosângela Maria Rigo, a Maria de Lourdes Rodrigues, companheiras da secretaria de Políticas para as Mulheres que, junto com a Célia Scanfella, deixaram a todas nós tragicamente na semana anterior ao Carnaval, o ano... esse ano. E eu quero dirigir a elas a homenagem porque eu tenho certeza que elas contribuíram muito para as políticas que as mulheres tiveram ao longo do tempo. Por isso, eu acho que todas vocês concordariam comigo se eu dedicasse a elas, *in memoriam*, essa vitória da Lei do Feminicídio.

Muito obrigada.

Ouça a íntegra (27min30s) do discurso
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-cerimonia-de-sancao-da-lei-de-tipificacao-do-feminicidio-27min30s>) da Presidenta Dilma Rousseff

10-03-2015 - Discurso da Presidente da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de Abertura da 21ª Edição do Salão Internacional da Construção - FEICON BATIMAT

São Paulo, 10 de março de 2015

Queria Cumprimentar o vice-governador de São Paulo, Márcio França.

Cumprimentar o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad.

Cumprimentar os ministros que me acompanham: o ministro Gilberto Kassab, das Cidades e o ministro Thomas Traumann, da Comunicação.

Cumprimentar o senhor Juan Pablo de Vera, presidente da Reed Exhibitions Alcantara Machado.

Cumprimentar o senhor Cláudio Elias Conz, presidente da Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção, Abrammat.

Cumprimentar Walter Cover, presidente da Anamacco.

Cumprimentar aqui também o ex-presidente da Cebic e um parceiro na construção do Minha Casa, Minha Vida, meu querido, Paulo Safady Simão.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores expositores e empresários da construção civil.

Senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu tive imenso interesse em participar aqui da abertura do Salão Internacional da Construção, o Feicon Batimat. Porque essa feira ela é uma referência importante para o setor. Tanto quanto se trata de realizar negócios, como ao apresentar novidades em produtos e serviços, que muitas vezes, também apontam novos caminhos, como é o caso de todos os materiais que eu vi aqui hoje, tanto no que se refere ao uso eficiente de energia - no caso aí são painéis solar térmicos -, como também no uso eficiente e correto da água. E ao mesmo tempo, também, abre debates sobre o segmento.

Os números previstos para essa 21ª edição são muito importantes: são 1.000 marcas nacionais e internacionais, 25 países que são representados aqui nessa feira. Eu tenho certeza que os negócios e a troca de experiência promovidos pela Feicon contribuirão para aprimorar e fortalecer a construção em nosso país e em toda a América Latina.

Agora, eu queria aproveitar essa ocasião para fazer uma reflexão com as senhoras e os senhores sobre a evolução no setor de construção civil e pesada em nosso país e sobre o futuro da construção civil.

Eu não ignoro a desaceleração do setor e da economia vivenciada no momento atual. Eu tenho trabalhado de forma sistemática para superar, ainda este ano, essa desaceleração. E devemos ter presente que o setor alcançou um patamar superior nesses últimos anos, e hoje ele é parte e papel estratégico e importante de qualquer estratégia de desenvolvimento do Brasil. Esse é um fato importantíssimo de ser considerado. Mudou de patamar e algumas das variáveis que hoje existem, elas são emblemáticas e elas definem o ponto a partir do qual nós teremos de olhar para frente. Uma destas variáveis foi o crédito. Nos 12 anos, a

começar de 2003, do presidente Lula, o saldo do crédito imobiliário passou, na época, de R\$ 20,5 bilhões para quase R\$ 500 bilhões, R\$ 497,9, R\$ 498 bilhões em 2014. Com isso, o volume de crédito imobiliário no Brasil cresceu de 1,5% do PIB para 9,7% do PIB, no final do ano passado. Se nós focarmos simplesmente nos últimos quatro anos do meu primeiro mandato, os resultados são igualmente marcantes: o crédito imobiliário passou de 3,7% do PIB, o equivalente a R\$ 138 bilhões em dezembro de 2010, para os já mencionados 9,7% - ou quase R\$ 500 bilhões. Outra variável importantíssima foi o emprego. Nos últimos 12 anos, o emprego formal na indústria da construção mais que dobrou, passando de 1,1 milhão para, em 2002, para 2,780 milhões em dezembro deste ano. É importante sinalizar, neste caso do emprego, que uma parte das 44 milhões de pessoas que chegaram à classe média tiveram na construção civil, eu diria, a sua alavanca, o seu primeiro degrau. Outra variável ainda importante foram as escolhas que fizemos e as medidas que tomamos nos últimos anos que estimularam a construção e que também foram bem sucedidas.

Eu acho bom lembrar, lá atrás, a questão do patrimônio de afetação para o setor imobiliário e todos os programas, muitos deles que construímos juntos, que implantamos desde então. Vou começar pelo PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento. Na época em que foi lançado, o PAC era o primeiro grande programa de infraestrutura que o Brasil possuía, no mínimo, dos últimos 20, 25 anos. E ele previa investimento, a retomada de investimento em infraestrutura, principalmente na área de logística - rodovia, ferrovia, porto e aeroporto, mas também na área de saneamento, recursos hídricos e também infraestrutura social e urbana. Na verdade, de lá para cá, o PAC foi sendo aperfeiçoado. Muitos desses setores que eu listei foram sendo incluídos. E o Brasil se transformou e fez de obras públicas um dos fatores de expansão da economia.

Com o programa recente de investimentos em logística que a gente lançou, nós criamos um marco para fazer, tanto concessões como parcerias público-privadas. Alteramos os marcos regulatórios, chamamos o setor privado, fizemos uma série de concessões em portos, em aeroportos, em rodovias, em ferrovias - estamos iniciando o processo - e também em hidrovias. O objetivo desse processo é... dessa conjugação entre o PAC e o programa de concessões, PIL, ele é, sobretudo, acelerar um ponto central no desenvolvimento da competitividade em nosso país, que é o investimento em logística, em energia, em desenvolvimento urbano e social e em segurança hídrica. Também neste caso nós geramos mais demanda por produtos e serviços no setor de construção aí pesada, grandes obras. Com a evolução do sistema brasileiro de poupanças impresso e outros mecanismos - mas eu queria me deter no Minha Casa, Minha Vida -, nós estamos enfrentando e conseguimos vencer o desafio de garantir acesso à casa própria a brasileiros e brasileiras, até então excluídos do mercado de imobiliário. E aqui eu quero parar e reconhecer que o programa, o sucesso do programa, se deve à sua concepção, que só foi possível porque ele é fruto de um debate intenso com os órgãos e os organismos que representam o setor.

Esse debate permitiu que nós, que em 2009, tínhamos uma visão de quase impossibilidade de investimento em construção civil porque - como disse aqui um dos que me antecederam - nós começamos com a modesta meta de 200 mil. Chegamos depois à modesta meta de 500 mil e, finalmente, colocamos uma meta extremamente ambiciosa: íamos fazer 1 milhão de moradias na faixa de renda até R\$ 5 mil.

Bom, essa meta inicial foi feita em 2009. Nós começamos a contratar em 2010, nós estamos no início de 2015. Nós, na segunda etapa do Minha Casa, Minha Vida, passamos de 1 milhão para 2,750 milhões. E hoje, nós conseguimos entregar a chave para as famílias de 2 milhões, um pouco mais de 2 milhões, porque todo dia o número muda, de 2,080 milhões de famílias. É o último cálculo que nós temos. E com isso, nós mostramos que o setor, sobretudo, que o setor tinha condições de construir. Por que como é que se dá? É uma relação direta, uma relação entre o governo federal, a Caixa Econômica e os empresários. E com isso, há a participação, também, dos entes governos estaduais e municipais fazendo cadastros, fornecendo infraestrutura, colocando à disposição terrenos. Então, é de fato, uma parceria muito bem sucedida. Envolve o setor privado, os três entes da federação.

Construção de casas e apartamentos pelo Brasil afóra significa demanda para materiais de construção, significa melhoria de vida das pessoas, mais dignidade. Porque quando eles recebem a chave, eles não recebem só a chave, eles recebem a possibilidade de um caminho de segurança para suas famílias. Por isso, tem grande significação tanto do ponto de vista social quanto econômico, porque também gera emprego, porque também assegura uma melhoria nas condições de vida e na economia brasileira.

Nós adotamos também medidas tributárias, nós desoneramos o IPI sobre material de construção. Simplificamos processos e procedimentos que impactam o setor. Eu queria destacar a concentração em um único cartório de todas as informações do imóvel, uma espécie de registro nacional de imóveis. E também queria destacar a criação das letras imobiliárias garantidas.

Tudo isso que foi feito permitiu que a construção se transformasse - e aqui nós estamos falando, sobretudo, da construção civil - em um dos motores do crescimento do Brasil nos últimos anos.

Eu faço esse balanço porque a conjuntura atual é muito mais difícil. Mas ela não pode ofuscar os avanços, nem tampouco obscurecer que temos hoje as bases, temos o aprendizado para ir muito mais além do que já fomos, para dar saltos de produção e de competitividade ainda maiores.

É verdade que o Brasil passa por um momento difícil, mais difícil do que vivemos nos últimos anos recentes. Mas nem de longe nós estamos vivendo uma crise das dimensões que alguns dizem que nós estamos vivendo. Nós passamos por problemas conjunturais, estritamente conjunturais. Porque nossos fundamentos, hoje, são sólidos, tanto do ponto de vista do fato que a nossa... e hoje tem um fato interessante no jornal, o IBGE, ele fez uma revisão, que ele faz sistematicamente nas contas brasileiras. E em relação a 2011, eles fizeram uma avaliação dizendo que o PIB de 2011 cresceu não 2,7%, mas 3,9%. E o setor de construção civil cresceu 8% naquele momento. Mas eu digo isso para reafirmar que nós estamos passando por um problema conjuntural. A nossa relação dívida-PIB é baixa. Agora vai ser revista um pouco mais para baixo, mas não interessa. Ela é baixa mesmo, hoje, sem revisão.

O país levou 44 milhões de pessoas à classe média, tirou 36 milhões da pobreza, o que para esse setor é crucial, porque é mercado interno. É, fundamentalmente, mercado interno que produziu isso. E também porque nós temos um elevado volume de reservas internacionais.

Por isso somos hoje diferentes, um país muito diferente. E aí, nós não temos mais crise que paralisa o país e quebra o país. Por isso, nós temos condições de daqui avançar para um novo patamar, um outro patamar. As dificuldades que existem e as medidas tanto tributárias como de correção, que nós estamos tomando para superá-las, não vão comprometer as conquistas sociais e as conquistas - eu quero dar um exemplo específico - aqui do setor, tampouco vão fazer o país parar ou comprometer o futuro do país.

A questão central é a seguinte: nós vivemos a segunda etapa da crise mais forte que o mundo passou desde 1929. Os países, com exceção dos Estados Unidos, os países desenvolvidos, têm encontrado extremas dificuldades. A China tem o menor crescimento dos últimos 25 anos. E esse ano preveem um crescimento um pouco abaixo dos 7%. O mundo mudou nesse período, e nós vamos ter que - nessa segunda etapa do ajuste, porque nós fizemos a primeira etapa do ajuste - protegendo o emprego, desonerando, subsidiando pesadamente governos estaduais, subsidiando pesadamente o investimento. Nós vamos ter de ajustar. Eu não estou aqui dizendo que nós vamos acabar com toda a concepção política. Por exemplo, o Minha Casa, Minha Vida, permanece intacto; Bolsa Família permanece intacto. Mas outros programas, não é que nós vamos acabar com eles, é que eu queria fazer uma distinção; a desoneração da folha, tem uma parte da desoneração da folha que é estrutural e tem outra parte que foi contracíclica. A parte contracíclica significa que nós vamos ter de dar um ajuste. Nós não conseguimos manter o mesmo ritmo de contracíclico que nós mantivemos antes. Nós não acabamos com a desoneração da folha, nós demos um reajuste nas tarifas, a mesma coisa com o programa de sustentação do investimento do IBGE, nós mantivemos o subsídio só que em níveis menores. Por que isso? Porque quando absorvemos a carga negativa, durante todo o período que começa em 2009 e que vai até

2014, nós conseguimos segurar, tanto é que tivemos um crescimento extraordinário para os padrões internacionais nesse período. Enquanto uns caíam de forma significativa, nós mantivemos o crescimento, mas nós absorvemos isso no nosso orçamento. A crise... Porque assumimos a desoneração e subsídios fundamentalmente.

Há uma queda, houve uma queda, uma aceleração da queda na receita brasileira, e ninguém antecipou isso porque isso atinge a todos os estados também, no segundo semestre de 2014, uma queda da receita de todos os entes federados, absolutamente verificável, e é isso impede que nós sem fazer alguns ajustes e desonerações, mantenhamos o mesmo ritmo anterior de desoneração e subsídio. Agora, nós vamos fazer correção. Por que tem de fazer correção? Qual é o sucesso do Minha Casa, Minha Vida? Correções. Nós saímos de piso de cimento e parede de cimento para piso de cerâmica e para paredes de azulejo a metade na cozinha e nos banheiros. Nós não tínhamos, por exemplo, nós não usávamos o aquecimento térmico-solar. Vocês me desculpem, mas é porque pra mim é térmico-solar, ou variante do térmico-solar. Nós agora usamos nas casas das famílias de mais baixa renda do Brasil, aquecimento solar, o que vai diminuir a conta de luz, e vai. E eu fiquei muito feliz em saber que deu certo, porque no início o que diziam para nós, se vocês lembram lá atrás, é que não tinha produto, não fornecedor brasileiro de unidade solar térmicas para gente colocar em todas as casas do Minha Casa, Minha Vida, e mais uma vez, a indústria mostrou que tinha condições de superar o desafio e atender o desafio.

Então, correção é isso. Correção é o ano passado, o ano eleitoral, nós fazemos sempre uma auditoria no Bolsa Família, o Bolsa Família é sustentável porque quando a gente detecta que alguém recebe mais do que deve, ou seja, que alguém não precisa mais, há mecanismo de retirada. No ano passado entraram 750 mil famílias para o Bolsa Família, e saíram 1,3 milhão, por quê? A diferença, as pessoas mudaram de patamar, de emprego e renda.

Tudo isso significa o seguinte: nós temos de fazer correções e ajustes, e eles são necessários. Justamente para isso nós estamos adotando medidas que ajustam as contas públicas, o porquê, como eu disse para vocês, nós absorvemos no orçamento do governo federal uma parte importante da crise. Mas essas correções e esses ajustes têm propósitos muito claros: primeiro, eles reforçam ainda mais os fundamentos econômicos do país, e constroem novas condições para a retomada tanto do crescimento, quanto do emprego. O ajuste não é o fim em si. Nós procuramos, vou repetir, assegurar com eles a retomada do crescimento da economia e do emprego, mantendo os programas importantes para o país e para a população brasileira, tanto os programas sociais, como os programas de infraestrutura, de construção pesada e do setor imobiliário.

As obras do PAC já contratadas e em curso, elas vão ter continuidade, nós estamos atuando de forma muito forte para assegurar cronogramas em dia. E vamos anunciar, proximamente, a terceira fase do Programa de Aceleração do Crescimento. Vamos abrir também o mais cedo possível, nós acreditamos ainda nesse mês, uma nova etapa do programa de investimento em logística, o programa de concessões e PPPs com novas parcerias fazendo concessão de aeroporto, porto, ferrovia, rodovia e hidrovias e também ampliando a oferta de energia, a oferta de água que são fundamentais para a segurança da nossa população e para garantir, dar estabilidade no país. E eu queria aqui reafirmar o meu compromisso também com o lançamento da 3ª etapa do Minha Casa, Minha Vida. Agora nós vamos ser um pouco mais audazes, nós fizemos primeiro 1 milhão, depois 2,750 milhões, e agora vamos para os 3 milhões que nós queremos contratar até o final de 2018. Como fizemos nas etapas anteriores, nós vamos aprimorar o programa, seja para garantir mais qualidade às moradias, seja para atender certas características de mudanças do mercado, como é a possibilidade de criar uma faixa 1,5. Seja para acelerar sua implantação nas áreas metropolitanas onde a terra é cara e se constitui num impedimento a um volume maior.

Acelerar essas construções nas regiões metropolitanas vai requerer adaptações porque nós vamos ter de fazer uma certa verticalização para poder garantir tanto o acesso ao terreno, quanto também, o acesso eficiente ao terreno, como também moradias de qualidades para as pessoas. Como também fizemos nas etapas anteriores, nós vamos ouvir sugestões, abrir o debate com o setor produtivo e os órgãos do setor. Todos eles. Vamos definir os aprimoramentos à luz das contribuições. Hoje mesmo, aliás, eu vi um artigo no jornal dizendo

de uma pessoa do setor defendendo um modelo único de financiamento para o Minha Casa, Minha Vida 3. Eu quero deixar claro que o governo federal concorda com isso. Aliás, sempre concordamos, desde o início nós, inclusive, mandamos na primeira etapa do setor - se vocês lembrarem - não havia essa distinção, no primeiro momento não havia essa distinção. E é correto que a gente tenha um modelo único, ou seja, as chamadas moradias Sub 50, para municípios abaixo de 50 mil habitantes, elas têm de ter o mesmo padrão, a mesma qualidade que nós garantimos em todos os outros empreendimentos.

Queria também dizer que todas as outras sugestões são importantíssimas porque o programa agora se beneficia de um grau de absorção que nós não tínhamos antes. Nós vamos abrir essa discussão porque pretendemos cumprir mais ou menos o que ocorreu em 2011, no Minha Casa, Minha Vida 2, cumprir os mesmos prazos. Por isso, eu gostaria que esse diálogo fosse retomado o mais cedo possível.

Agora permitam repetir mais algumas coisas. Estamos fazendo ajustes, mas nós não abdicamos, nem abdicaremos de estabelecer, em simultâneo, as condições para que no prazo mais rápido possível, tenhamos uma economia mais competitiva e mais dinâmica.

Por isso, não deixem que as incertezas conjunturais determinem sua visão de futuro do Brasil. Nossa economia vou repetir, tem fundamentos sólidos e nós temos todas as condições de passar a uma nova etapa. Nós vamos - e é o nosso objetivo - nós vamos fazer todo o esforço ao nosso alcance para que até o final deste ano os sinais de recuperação já comecem a aparecer. Mas, para isso, temos de contar com os senhores também. Nós sozinhos não faremos só, não conseguiremos só enfrentar esse processo. Agora, eu quero dizer, eu asseguro que vamos continuar apoiando e estimulando o dinamismo e a competitividade do setor da construção e eu quero dizer que eu fiquei extremamente impressionada com a inovação que eu encontrei aqui, aí não só no uso de pias e de chuveiros, mas também de materiais como telhas e estruturas metálicas para telhado.

Acredito que o Brasil tem muito a desenvolver na área porque é importantíssimo a gente perceber que é um setor basicamente de produtos nacionais, ou seja, produtos feitos no Brasil por trabalhadores brasileiros e para os empresários brasileiros e para os empresários estrangeiros que vierem aqui e que quiserem investir porque serão sempre muito bem-vindos. Aliás, o nacional na nossa Constituição não é igual a brasileiro, é igual a todos aqueles que produzem e que exercem a sua atividade no Brasil.

Eu tenho certeza que esse é um setor estratégico para o país porque ele melhora a logística do país, ele expande o setor de energia, ele amplia a oferta de imóveis, ele desenvolve a infraestrutura social e urbana, metrô. Ele consegue fazer algo importantíssimo que eu acho que ocorrerá ao longo desse ano de 15, 16 e até 18, transformar... o sertão brasileiro vai virar mar. Por quê? Porque é importante sinalizar que todas as medidas de investimento em segurança hídrica estão em andamento. Aonde? Em todo o Nordeste. Nós conseguimos, e aqui eu quero dizer, juntos com a construção civil, nós conseguimos construir, de 2011 a 2014, 1 milhão de cisternas em todo o semiárido, pegando de Minas para cima. Não há motivos para que nós não consigamos desenhar medidas para garantir as melhores práticas, tanto em poupança de água quanto de energia no Brasil. E não é só porque tem crise hídrica ou tem crise energética, é porque o Brasil tem de incorporar as melhores práticas. Não tem porque a gente não adotar num país ensolarado como é o nosso, energia solar térmica. Hoje, o prefeito Fernando Haddad estava expondo para mim uma questão que creio que é essencial, que é o uso de led na iluminação pública, o que poupa não só a energia, mas como o Brasil é um país hidrotérmico na sua matriz energética, poupa água. Então todas essas práticas elas compõem o dinamismo deste segmento, e eu queria finalizar dizendo uma coisa: nós não estamos tomando as medidas de correção e ajuste para voltarmos a um momento agora no passado, um momento áureo. Nós estamos tomando essas medidas porque nós achamos que é possível, sim, sermos ainda melhores que fomos, termos condições de superar todos os desafios que estão na nossa frente.

Lembro bem, e aqui nesse setor, eu tenho com quem compartilhar isso, nós começamos com 200 mil. Nós hoje no final de 2018 chegaremos a mais de, precisamente, 6,750 milhões, um pouco mais, porque nós já tínhamos construído mais do que 2,750 milhões, é um pouco

mais. Isso mostra que é possível, sim, quando a gente se empenha, tem vontade política e se determina a fazer.

Por isso, eu vim aqui hoje para, sobretudo, dizer para vocês: desejo muito sucesso nessa feira e nos negócios que vocês farão aqui. E podem contar que nós iremos juntos, mais uma vez, superar os desafios que temos pela frente.

Muito obrigada.

☐
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-abertura-da-21a-edicao-do-salao-internacional-da-construcao-feicon-batimat-sao-paulo-sp) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-abertura-da-21a-edicao-do-salao-internacional-da-construcao-feicon-batimat-sao-paulo-sp>) da Presidenta Dilma.

11-03-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de 967 unidades habitacionais, dos Residenciais Cidade do Povo, Rui Lino, Abunã e Cabreúva, do Programa Minha Casa, Minha Vida - Rio Branco/AC

Rio Branco-AC, 11 de março de 2015

Eu cumprimento aqui, primeiro, todas as mães e todos os pais que hoje estão aqui recebendo suas chaves. A cada um deles, às crianças e aos adolescentes e aos idosos que nesse momento passam a viver nessa Cidade do Povo, que mostra uma qualidade nas suas casas que só pode trazer, para mim, um orgulho de estar aqui. Então, cumprimento a cada um e a cada uma. Cumprimento a Arlete, a Eliandra, a Maria Taiana, a Maria José, a Maria Conceição, a Aline, que receberam as chaves das suas unidades habitacionais, das suas casas, dos empreendimentos Cidade do Povo, Rui Lino III, Abunã e Cabreúva.

Eu queria também iniciar dirigindo um cumprimento a esse grande governador, companheiro, governador do Acre, Tião Viana.

Ao prefeito, parceiro em todas as circunstâncias, não só para a questão da habitação, mas hoje, tomando junto com o governador a liderança para enfrentar e criar as condições de superar essa enchente, essa cheia, essa força das águas que atingiu esse ano o seu maior nível: mais de 18 metros e meio.

Quero cumprimentar também aos nossos queridos latino-americanos do Haiti aqui presentes e dizer para eles: sejam bem-vindos. O Brasil é um país feito por várias nacionalidades, vocês sejam muito bem-vindos ao país.

Queria falar também para os ministros de estado aqui presentes que me acompanham porque nós estamos aqui permanentemente. O ministro Gilberto Occhi já esteve essa semana três vezes; é o ministro da Integração Nacional, responsável pela Defesa Civil Nacional. O ministro Gilberto Occhi e o ministro Arthur Chioro representam todo o esforço que nós estamos fazendo aqui para atender, apoiar e dar sustentação para as ações das autoridades, aqui, nesse estado da nossa grande nação.

Cumprimento também a vice-governadora, uma mulher, a Nazaré Araújo, vice-governadora do estado. Essa semana é a semana do Dia Internacional da Mulher. Então vice-governadora, a senhora aqui representa a nossa homenagem a todas as mulheres aqui presentes.

Cumprimento o deputado Ney Amorim, que é presidente da Assembléia Legislativa; o senador, o grande companheiro senador, ex-governador Jorge Viana, o incansável defensor de toda a população e do estado do Acre.

Cumprimento os deputados federais, o César Messias e o Leo Brito.

Cumprimento também a minha querida companheira, ex-deputada, Perpétua Almeida.

Dirijo um cumprimento ao procurador Oswaldo D'Albuquerque, procurador-geral de Justiça aqui no Acre,

Cumprimento a ex-ministra do Planejamento e atual presidente da Caixa Econômica Federal, que é responsável, junto com o ministério das Cidades, por esse programa, que é o Minha Casa, Minha Vida.

O diretor do Banco do Brasil, aqui representando o presidente, Jânio Carlos Endo Macedo,

A presidente do INSS, não é do Inamps, mas é do INSS - é, o Tião é um pouco antigo, de fato - mas o Inamps é o antecessor, não é, Tião? Vamos explicar: é o avô do INSS. A Elisete Berchiol, que é a presidenta do INSS.

Queria cumprimentar os secretários estaduais: a Marcia Regina, da Casa Civil, e o Leonardo Nerder, de Obras Públicas.

Cumprimento aqui o presidente da Câmara Municipal de Rio Branco, o nosso vereador Artemio Costa,

Cumprimento também o empresário que participa da construção aqui, da Cidade do Povo, o José Adriano Ribeiro da Silva,

Cumprimento todos os jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas aqui presentes,

Mais uma vez quero dizer que eu sei que o Acre está vivendo dias de tristeza, dias de luta, dias de desafio e dias de muita grandeza, muita solidariedade, muito valor humano que a gente verifica sempre que a nossa população, a população brasileira, é capaz de dar, de mostrar e de realizar.

Então, na reunião que estive, que eu tive agora há pouco com os prefeitos e o governador, eu fiz uma homenagem aos integrantes do Exército Brasileiro, aos integrantes da Polícia Militar, aos integrantes do Corpo de Bombeiros e aos integrantes da Defesa Civil local e nacional. E isso é muito importante porque nesse momento difícil de tristeza, de destruição, o resgate, salvar vidas é o que há de mais importante. É isso que nós temos de primeiro olhar. E por isso eu homenageio essas pessoas, ao homenagear todos aqueles, inclusive, no abrigo que eu visitei, aqueles que de forma absolutamente desinteressada dão o seu trabalho, o seu esforço, o seu apoio gratuito nessa hora de emergência e de dificuldade por que passam famílias aqui no estado.

Quero dizer que infelizmente houve pessoas que perderam entes queridos, mas eu venho aqui hoje com o governador e os prefeitos, juntos com todos das cidades atingidas pelas chuvas, assegurar que o governo federal está em condições, está apto, está presente, está determinado a dar integral apoio a toda a população do Acre, ao governo e aos prefeitos para enfrentar esta enchente, esta cheia.

E eu quero dizer também que a gente já tomou um conjunto de medidas, que eu queria compartilhar essas medidas informando a vocês que nós participamos do esforço humanitário, colocando para as pessoas aqui, kits os mais variados, são chamados os Kits da Defesa Civil, que incluem cobertores, que incluem lençóis, material de limpeza, fraldas geriátricas, enfim, são aqueles kits emergenciais.

Falo também de todos os artigos, todos os medicamentos, todos os materiais que nós colocamos para saúde. Mas eu vou falar, sobretudo aqui, do Minha Casa, Minha Vida. Por que que eu vou falar do Minha Casa, Minha Vida? Eu estava aqui conversando com o governador e dizendo o seguinte: governador eu já fui em muitos, já fui em vários estados, visitei vários municípios que enfrentavam calamidades, mas eu quero constatar e nós temos, governador, de nos orgulhar. Essa é a primeira vez que, ao enfrentar, ao falar: "Olha, nós estamos aqui fazendo um esforço, nós vamos colocar todos os materiais necessários, nós vamos liberar os benefícios previdenciários, nós vamos liberar o Fundo de Garantia para a população das áreas atingidas", nós podemos fazer uma medida concreta porque ela já estava em andamento, que é entregar essas 967 casas, moradias, casas. Eu visitei as casas,

são casas que dão uma grande dignidade. Aliás, governador, eu queria parabenizar, porque eu vi uma qualidade de cerâmica, de piso, eu vi a parede, tanto na cozinha, como no banheiro, a parede adequada, eu fiquei impressionada, agora, com as aberturas em madeira. Porque antes, eu não sei se vocês sabem, não podia, no Minha Casa, Minha Vida, fazer abertura em madeira, porque em outros estados da Federação é mais caro a porta de madeira, só que aqui tem a madeira. Então, está liberada a madeira aqui para o Acre, aqui se terá porta de madeira e abertura de madeira. Com isso, o governador estava me dizendo: "Nós vamos criar também toda uma indústria moveleira, que vai fornecer milhares e milhares de portas e de janelas".

Quero dizer que várias ações - e eu aqui escutei um balanço, tanto do governador... eu já tinha escutado um balanço do nosso general Adriano, que é o chefe nacional da Defesa Civil, junto com o Gilberto Occhi, que é o ministro da Integração, eles me deram ao longo de todo esse momento em que o Acre teve essas dificuldades, que está sofrendo essa calamidade, eu venho recebendo relatórios, venho recebendo sugestões, liberamos uma série de recursos para cá. Mas eu, além disso, hoje, recebi uma informação muito detalhada, pelo governador e pelo prefeito, a respeito do que acontece aqui e acontece em Rio Branco e nos demais municípios atingidos.

Quero dizer para vocês, que nós vamos continuar liberando. Primeiro, eu cumprimento as famílias que estavam nos abrigos, que sofreram perda dos seus bens e que agora entram numa residência e passam a ter um novo horizonte, um novo caminho, sobretudo, um lugar protegido para criar seus filhos, receber seus amigos, construir sua vida afetiva e viver com dignidade.

Primeiro eu quero dizer isso, mas depois eu quero dizer outra coisa. Eu quero dizer que nós aqui estamos entregando 433 moradias aqui no loteamento, aqui no residencial Cidade do Povo que é um dos maiores feitos habitacionais, porque equivale a ter construído com qualidade, planejamento, porque tem escola, tem postos de saúde, tem condições de lazer e de práticas de esporte, enfim, um local adequado para se criar os filhos nesse Brasil que nós queremos que seja o Brasil do futuro, feito agora no presente. Então, eu fico muito feliz de saber que aqui está sendo realizado, mas tenho também de destacar que no residencial Rui Lino 3 são 423 moradias. No Residencial Cabreúva são 100 e 11 moradias no Abunã. Mas não vai parar aí não, gente. Não vai parar aí, não, e eu quero dizer isso lembrando das cenas que eu vi no abrigo. Por que que não vai parar aí? Porque nós vamos dar continuidade a esse programa, primeiro com o que já está contratado, está quase pronto. Então, nós vamos até o dia 25 de março, além dessas 967, entregar mais 257 casas. Até 15 de abril, mais 204. No início, em meados de junho mais 756 moradias.

Com essa fase de hoje e com essas moradias que eu disse, nós vamos chegar a mais de 2 mil casas. Mas eu quero dizer para vocês que eu tenho clareza porque esse programa Minha Casa, Minha Vida é o maior programa habitacional da história do Brasil. E ele tem um objetivo: atender a população mais vulnerável, quem é mais vulnerável do que a população que está correndo risco, risco de vida por desastres naturais? Então, sempre no programa a população mais atingida teve prioridade.

Daí porque eu falo para vocês que o Minha Casa, Minha Vida vai continuar cumprindo esse papel. Nós vamos lançar a 3ª fase do programa. Serão mais... porque até agora nós já construímos e entregamos as chaves para 2 milhões e quase 100 mil famílias; 1.600 e poucas famílias têm as casas sendo construídas para serem entregues, inclusive, essas 967 vem daí. Aliás, eu falei 1.000? É um milhão, gente. Desculpa. Aí eu estou que nem o Tião, eu também estou antiga, viu, Tião. Eu confundi agora 1.000 com 1 milhão. Repetindo, gente, são 2 milhões de casas, um pouco mais: 2,1 milhões e que nós já entregamos a chave, mais 1,650 milhão de casas estão para serem entregues, essas que eu falei de abril, de março, de junho estão dentro dessas. Além disso, nós vamos construir um programa para o período 2015-2018. Nesse período nós vamos ter uma meta: contratar mais 3 milhões de moradias, 3 milhões. Sem sombra de dúvidas, o Acre e esses municípios atingidos, terão prioridade no atendimento no que se refere às populações de áreas atingidas.

Daí, eu quero dizer para vocês uma coisa. Por que o Minha Casa, Minha Vida é tão importante e é tão estratégico para o país? Porque eu tenho certeza que na hora que vocês entrarem na casa e abrir a porta, o pessoal aqui que está recebendo a casa, ele vai passar por uma experiência de vida. Primeiro, um filme passa na cabeça, e aí a pessoa lembra de onde ela morava, lembra que ela morava em circunstâncias muito piores. E ela percebe que não só ela está morando muito melhor, mas tem uma diferença: ela vai pagar, é menos do que ela paga de aluguel, muitas vezes, muito menos. Mas, além disso, tem uma diferença fundamental nessas casas: ela, a pessoa que entra, o pai de família, a mãe de família, ela passa a ser dona do seu teto, ela está entrando em algo que será dela, propriedade dela. E é riqueza também para as crianças e para os filhos.

Foi emocionante, aquele menininho com um ano de idade, com aquela vivacidade no olho, mostrando a chave para todos nós. É algo que eu acho que é o maior símbolo do Minha Casa, Minha Vida: é aquele menino mostrando, com toda clareza, para quem que essas casas são feitas, em última instância, para quem que essas casas, de fato, são feitas. Lá no fundo, no fundo, são feitas para todas as crianças e jovens deste país terem um futuro melhor. E jovem e criança só tem um futuro melhor quando seus pais, suas mães têm um presente melhor. Para a criança ter futuro, pai e mãe tem que ter um presente melhor. Daí porque, a mim, enche de alegria o meu coração.

Queria dizer que eu queria me referir a uma coisa que aconteceu e que muito me orgulha: foi a indenização dos Soldados da Borracha. Eu muito me orgulho de ter sido a presidenta que pagou os Soldados da Borracha. Por quê? Porque eles foram, junto com todos os brasileiros que lutaram diretamente, lá em terras estrangeiras, lá na Europa, em defesa do país, o Soldado da Borracha lutou aqui dentro, em defesa de todos nós e também de toda a civilização ocidental. Lutou contra o fascismo, aqui dentro. Então, ficamos nós muito felizes de que esse pagamento para aquelas pessoas que lutaram como seringueiros dando a sua contribuição com a borracha, dentro dessa que foi a Segunda Guerra Mundial, eu quero dizer que para mim é um orgulho participar desse momento e saber que agora, há pouco, esse pagamento começou e vai continuar.

Quero falar para vocês, aqui, que eu perguntei para a Caixa, o pessoal aqui, do Residencial, eu perguntei para a Caixa: "Tá bom, esses 967, essas 967 moradias, essas 967 famílias, até que dia está todo mundo dentro da sua casa própria?". E a resposta da Caixa - e a presidente da Caixa está ali na ponta, escutando -, a resposta da superintendente foi para mim, não sei se vocês viram, mas tem aí uma espécie de caminhão da Caixa - a superintendente me disse: "Até a próxima" - sem ser essa, não é? - "a próxima sexta-feira, sem ser essa sexta-feira, a próxima sexta-feira".

Eu tenho certeza, eu tenho certeza que vocês podem... Obrigada. Eu quero assegurar a todos vocês que nesse novo mandato que eu recebi das urnas pelo voto de vocês e também por aqueles que não votaram em mim - quando a gente se elege, a gente governa para todos - quero dizer para vocês que o objetivo do meu mandato é continuar trabalhando para melhorar a vida de cada família brasileira. Todas as medidas que o meu governo toma têm um sentido: garantir que o nosso país cresça, gere emprego, garantir que as políticas sociais como essa do Minha Casa, Minha Vida, que nunca existiu nesse país e que, quando chegar 2018, nós vamos atingir 6,750 milhões de moradias. Isso é muito importante. Nunca no Brasil, na história brasileira, ocorreu um programa dessa dimensão.

E aí eu quero dizer para vocês, todo nosso esforço é no sentido de assegurar que esses programas não só continuem, mas melhorem de qualidade, expandam e atendam aqueles que mais precisam. E aí, eu quero deixar aqui uma promessa e um compromisso com essa população atingida: nós seremos inteiramente solidários com vocês. Nós seremos solidário com o governador, com o prefeito aqui de Rio Branco, com o governador Tião Viana, com todos os prefeitos de todos os municípios atingidos pelas enchentes e também com a população do Acre fora da enchente para que a gente assegure que tenhamos um estado que vai ficar no 3º lugar da educação, não, que vai disputar o primeiro lugar também.

Um abraço a todos vocês.

Ouçã a íntegra (25min53s) do discurso
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-967-unidades-habitacionais-dos-residenciais-cidade-do-povo-rui-lino-abuna-e-cabreuva-do-programa-minha-casa-minha-vida-rio-branco-ac-26min53s>) da
Presidenta Dilma Rousseff

12-03-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega das obras de expansão e modernização dos terminais privados de Libra, Multi-Rio e Multi-Car - Porto do Futuro - Rio de Janeiro/RJ

Rio de Janeiro-RJ, 12 de março de 2015

Bom dia a todos que comparecem aqui nessa cerimônia emocionante, aqui no Porto do Futuro.

Gostaria de iniciar cumprimentando os portuários, as funcionárias e funcionários do grupo Multiterminais e do Grupo Libra Terminais.

Cumprimentar todos os trabalhadores e trabalhadoras que participaram também da obra de expansão deste que é, de fato, um porto do futuro, o Porto do Rio de Janeiro.

Cumprimentar o meu querido governador Pezão, com quem viemos construindo uma parceria que vai completar 10 anos, hein, Pezão?

Queria cumprimentar também o Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro.

Cumprimentar os dois ministros que me acompanham: o ministro Edinho Araújo, da secretaria de Portos e o ministro Joaquim Levy, da Fazenda.

Cumprimentar dois ex-ministros: o ministro Márcio Fortes e o ministro Miguel Jorge aqui presentes.

Cumprimentar o presidente do Conselho de Administração do Grupo Multiterminais, Ricardo Klien.

E cumprimentar a conselheira e acionista do Grupo Libra, Celina Carpi. E ao cumprimentar a Celina, eu homenageio todas as mulheres, porque nós estamos, Celina, na semana do Dia Internacional da Mulher. Então, as mulheres recebam com a Celina as minhas homenagens.

Cumprimentar o senador Wellington Fagundes.

Cumprimentar os deputados Federais: a nossa querida Benedita da Silva, outra mulher a quem homenageio, Benedita; o Alessandro Molon; o Hugo Leal e o Índio da Costa.

Cumprimentar também o secretário estadual de Transportes, Carlos Roberto Osório.

Cumprimentar um querido companheiro e amigo, o prefeito de Duque de Caxias, Alexandre Cardozo.

Cumprimentar o presidente da Companhia das Docas do Rio de Janeiro, Hélio Szmajser.

Cumprimentar o presidente da Multi-Rio e da Multi-Car, Luiz Henrique Carneiro.

Cumprimentar o presidente-executivo do Grupo Libra, Marcelo Araújo.

Cumprimentar as lideranças sindicais aqui presentes: o presidente do Sindicato dos Portuários do Rio de Janeiro, Sérgio Magalhães Giannetto; o presidente do Sindicato da Estiva, Ernani Florencio.

A diretora nacional de Assuntos da Mulher Portuária, Nildes Sampaio da Silva. Através da Nildes, também, eu saúdo todas as mulheres trabalhadoras, não só deste empreendimento, mas também de todo Brasil nessa área.

Cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e senhores cinegrafistas.

Eu cheguei aqui, passei antes de helicóptero e desci e esse porto impressiona pelo seu tamanho e pela sua grandiosidade. E fui informada que se trata do maior cais contínuo da América Latina e que terá uma imensa capacidade de movimentação de carga, em torno de movimentação de mais de 300 mil veículos por ano.

Então, nós estamos aqui diante de uma realização que é aquela que nós queremos que caracterize o Brasil. Porque o porto ou qualquer estrutura de portos representam não só um local em que se tem eficiência, em que se tem o uso das melhores práticas de máquinas mais modernas, de tecnologias logísticas mais avançadas, e por isso mesmo representam um espaço fundamental para melhorar a competitividade do nosso país por tudo isso. Além disso, constrói empregos - ao construir o porto, se constrói empregos, tanto na obra, mas se constrói a permanência de empregos mais qualificados.

Daí porque eu cumprimento esses investimentos que totalizam R\$ 1 bilhão da empresa Libra e Multiterminais. São investimentos que, de fato, contribuem não só para a expansão e para este ressurgimento que o estado do Rio vive nos últimos anos, mas contribui para lançar as bases mais sólidas do crescimento do nosso país. Porque o nosso país está passando por um momento de dificuldades conjunturais. Mas nós somos um país que tem uma base sólida. Nenhum empresário decide investir tanto em uma obra tão grande como essa sem realizar estudos de demanda, sem saber se o país tem ou não tem futuro. E aqui nós estamos no Porto do Futuro porque o Brasil hoje é um país que tem condições de crescer, gerar emprego e gerar renda. Nós, e eu digo isso porque passamos por uma conjuntura... eu vou repetir isso: uma conjuntura é um momento. Esse momento significa o seguinte: nós esgotamos todos os nossos recursos de combater a crise que começou lá em 2009, e que nós combatemos contra todas as características que são próprias da crise internacional deste período. Quais foram elas? Primeiro, um elevadíssimo desemprego em todas as nações atingidas. Segundo, uma redução violenta da taxa de crescimento se prolongando nos últimos seis anos. Nós não deixamos que isso acontecesse no Brasil. E não deixamos usando como instrumento tanto uma política de crédito bastante subsidiada, como também uma política de desonerações fiscais. Assim sendo, nós trouxemos para as contas públicas e orçamento fiscal da União os problemas que de outra forma recairiam sobre a sociedade e os trabalhadores. Aí, esta crise durou este período todo. Agora nós temos de usar outros instrumentos de combate. Nós continuamos combatendo para não trazer para o Brasil desemprego e baixa de crescimentos estruturais e permanentes.

Quando nós combatemos, nós estamos fazendo o que todo mundo faz quando se trata na sua casa quando há algum problema: nós estamos reajustando as nossas contas para prosseguir crescendo. E acreditamos que isso se dará nos próximos meses chegando ao final do ano. Afinal, esses ajustes que estamos fazendo, eles visam fortalecer a nossa base, o que se chama, os nossos fundamentos econômicos. Melhorar as contas públicas permite que o governo melhore também o seu desempenho.

Nós temos aqui no Porto do Futuro um exemplo concreto de que, mesmo enquanto nós fazemos isso, nós continuamos a buscar investimentos produtivos da infraestrutura brasileira. E como eu fiz ontem, lançando e continuando a lançar programas sociais entregando casas, por exemplo, do Minha Casa, Minha Vida. O que nós queremos é um crescimento sustentável para o Brasil. Aqui nós verificamos o esforço de um período. Não aconteceu ontem o que está aqui cristalizado nesse porto. Aconteceu por decisões tomadas no passado e por investimentos sistemáticos feitos. Nós temos aqui um dos centros mais importantes, por exemplo, de importação e exportação de automóveis tanto porque atinge a demanda do Rio de Janeiro e parte da de Minas Gerais. Temos aqui também toda uma área que importa produtos farmacêuticos, e exporta produtos farmacêuticos, que produz equipamentos e bens para indústria de óleo e gás. Enfim, nós temos aqui uma sofisticada infraestrutura.

E eu quero dizer para vocês que eu tenho muito orgulho da contribuição que o governo federal dá nesse processo. Porque os processos de arrendamento são feitos pelo governo federal. Dar previsibilidade, dar condições do investidor saber quando começa e quando termina seu contrato, é crucial. E aqui vocês têm um contrato até 2048, o que é essencial para garantir que estes investimentos tenham continuidade.

Além disso, nós também aqui fazemos outros investimentos. A dragagem já foi assinada pelo ministro - como ele disse - a Ordem de Serviço para se iniciar a dragagem. E eu tenho certeza que a Marinha será bastante ágil neste processo.

Além disso, integra a licitação da Ponte Rio-Niterói, a construção da Avenida Portuária que vai ligar o porto diretamente à Avenida Brasil, dando fluidez ao tráfego do centro da cidade. Ou seja, não deixando que o tráfego de caminhões pesados chegue ao centro do Rio de Janeiro. E é uma homenagem também - eu acho, essa obra, Eduardo Paes -, a essa fantástica realização sua do lado de lá. Do lado de lá que a gente olha e vê que encanta também o lado de cá, o Porto Maravilha.

Então, eu acredito que no próximo dia 18, na próxima quarta-feira, nós estaremos vendo a concessão, a abertura do processo de concessão da Ponte Rio-Niterói. Nesta concessão está prevista essa construção da Avenida Portuária.

Mas eu queria falar, sobretudo, de uma questão muito importante que é essa parceria estratégica entre governo federal, governo do estado, governo municipal e os empresários privados. É essa parceria que pode ser responsável, porque já vem sendo responsável por uma das bases do crescimento do nosso país, principalmente no processo de concessões e de PPPs. De concessões de, vou repetir: de hidrovias, portos, aeroportos, ferrovias e também de PPPs em várias áreas. Essa parceria, ela cria um círculo virtuoso no qual nós podemos prever os investimentos, nós podemos fazer os investimentos utilizando os recursos de todos nós, e com isso, facilitando a viabilidade desses investimentos.

Há investimentos, hoje, portuários em todo o Brasil. Nós fizemos uma modificação no Marco Regulatório com a Lei dos Portos. E hoje, com recursos públicos, fazemos obras de ampliação dos cais no Porto de Vitória; dos berços do Porto de Itaqui, no Maranhão; em São Francisco do Sul, em Santa Catarina; enfim, nos portos de Santos, Natal, Fortaleza, em Pernambuco e aqui no Rio de Janeiro com essa obra maravilhosa. Mas essas mudanças no Marco Regulatório, elas permitiram também uma extraordinária expansão da participação do setor privado nessa área. Porque foram já autorizados mais 22 Terminais de Uso Privado no Brasil, 11 estações de transbordo de cargas, uma instalação portuária de serviço. Isso totalizou 38 empreendimentos privados mobilizando cerca de R\$ 11 bilhões.

Uma das mais importantes consequências disso será um surgimento de um novo mapa logístico, uma nova configuração da logística no Brasil. E a implantação de várias alternativas, a racionalização de custos e a racionalização, também, dos transportes pelo Brasil afora. O porto, na verdade, ele tem um efeito para trás, fundamental, ele organiza também todo o sistema rodoviário, todo o sistema ferroviário.

Então, o que nós estamos fazendo aqui é tratar de um dos pontos mais importantes da cadeia de logística. Para vocês terem uma ideia, estão em carteira já 27 outros pedidos, também como o que aconteceu aqui, de prorrogação antecipada. E isso vai representar um investimento em torno de R\$ 11,2 bilhões. Nós esperamos com grande interesse, com grande ansiedade, inclusive, a liberação pelo Tribunal de Contas da União, da possibilidade de nós prosseguirmos nos arrendamentos dos portos. E acredito que o Tribunal de Contas vai demonstrar sensibilidade e liberar esses empreendimentos que estão para serem autorizados.

O Brasil, senhoras e senhores, precisa de trabalhadores que tenham oportunidade de trabalho. O Brasil precisa de brasileiros que garantam a melhoria no seu padrão de vida. Sabe, Pezão, os mais de 40 milhões, são 44 milhões que chegaram à classe média no Brasil - 44 milhões chegaram à classe média -, 36 milhões saíram da pobreza. Nós temos de cuidar hoje do que falta ainda tirar da pobreza, que é um remanescente. Mas não é isso só, o fim da miséria e da pobreza extrema é só um começo. A partir daí o desafio maior é garantir

educação de qualidade, saúde de qualidade. E para isso nós precisamos de emprego de qualidade. Emprego de qualidade precisa de investimentos em infraestrutura que levarão o país ao crescimento. Empregos na área de infraestrutura é algo que nós estamos vendo aqui ser realizado.

Por isso eu quero dizer para Libra, para Multi-Rio, para a Multi-Car, enfim, para a Multiterminais, quero cumprimentá-los e dizer que nós, hoje, demos mais um passo em direção a um Brasil eficiente, competitivo, gerador de emprego e garantidor das reformas sociais que o nosso país conquistou.

Muito obrigada.

Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-entrega-das-obras-de-expansao-e-modernizacao-dos-terminais-privados-de-libra-multi-rio-e-multi-car-2013-porto-do-futuro-rio-de-janeiro-rj-18min07s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-entrega-das-obras-de-expansao-e-modernizacao-dos-terminais-privados-de-libra-multi-rio-e-multi-car-2013-porto-do-futuro-rio-de-janeiro-rj-18min07s>) da Presidenta Dilma.

16-03-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de sanção do Código de Processo Civil

Palácio do Planalto, 16 de março de 2015

Queria iniciar cumprimentando o presidente José Sarney, que instituiu, quando era presidente do Senado, a Comissão de Juristas destinada a elaborar o anteprojeto do Código de Processo Civil.

Queria cumprimentar os ministros de Estado presentes nesta cerimônia, cumprimentando o ministro da Justiça José Eduardo Cardozo e o ministro Mercadante, da Casa Civil.

Queria cumprimentar o ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal, presidente da comissão de juristas que elaborou o anteprojeto do Código de Processo Civil e, por meio do ministro Fux, eu cumprimento todos juristas, processualistas que fizeram parte da Comissão e que produziram o anteprojeto do novo Código.

Cumprimento o ministro Vital do Rêgo, do Tribunal de Contas da União, e ex-senador relator da matéria na Comissão Temporária criada pelo Senado Federal.

Cumprimento também o senador Acir Gurgacz aqui presente.

Cumprimento os deputados federais Paulo Teixeira, relator da Comissão Especial da Câmara de Deputados que elaborou o texto remetido ao Senado Federal.

Cumprimento o deputado Ademir Camilo, o deputado Hugo Leal, o deputado Jozi Rocha, o deputado Leo de Brito, o deputado Sergio Barradas Carneiro, ex-deputado federal e também relator.

Queria cumprimentar o ministro João Oreste Dalazen, do Tribunal Superior do Trabalho e, por intermédio dele, eu cumprimento todos os ministros dos Tribunais Superiores.

Cumprimento o desembargador Getúlio de Moraes Oliveira, presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios,

Cumprimento os representantes do Ministério Público da União: Luiz Antônio Camargo de Melo, procurador-geral do Trabalho; Leonardo Bessa, procurador geral de justiça do Distrito Federal e Territórios, Ela Wiecko, vice-procuradora-geral da República.

Cumprimento o doutor Haman Tabosa Moraes e Córdova, defensor público geral federal,

Cumprimento o doutor Marcus Vinícius Furtado Coêlho, presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil,

Queria dirigir um cumprimento muito especial ao Ricardo Patah, Presidente da União Geral dos Trabalhadores aqui presentes a (UGT).

Queria cumprimentar as senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

O Código, o novo Código de Processo Civil, a sua sanção tem grande importância para o Brasil. Eu sei que sob uma linguagem jurídica e técnica, que é importante, nem sempre de fácil compreensão para a maioria da população, e para aqueles que como eu não são

advogados, estão mudanças em processos judiciais que afetam diretamente a vida da maioria dos brasileiros.

Por seu impacto sobre a vida cotidiana, o Código do Processo Civil precisa ser um reflexo dos costumes e das tendências e das características da sociedade em que ele foi concebido. A prática da Justiça deve traduzir a realidade que vivemos, sendo fundamental que o estágio de desenvolvimento social tenha reflexo nas leis e na atuação da Justiça.

Por isso, essa sanção é um momento histórico. Nosso novo Código de Processo Civil nasce dessa busca de identidade entre o fato social, a sociedade e a prática jurídica. E ao conseguir alcançá-la, dá solidez à nossa democracia e à nossa institucionalidade.

O espírito do novo Código valoriza, como nunca, a conciliação, a busca de entendimento como mostrou muito bem o ministro Fux, o esforço pelo consenso como mostraram todos os que me antecederam nessa tribuna, como forma de resolver pacífica e naturalmente os litígios. O propósito é atenuar e resolver conflitos, visando soluções negociadas, que satisfaçam da melhor maneira possível as partes envolvidas nas diferentes questões que chegam ao judiciário. Incentiva-se, inclusive, a redução do formalismo jurídico sempre que a serviço da busca do consenso.

O novo código democratiza ainda mais o acesso à Justiça, ao ampliar e facilitar a gratuidade ou o parcelamento das despesas judiciais. Diminui, assim, a natural inibição da busca da Justiça por aqueles que, sem recursos, desistiam de pleitear seus direitos por não terem como pagar as custas de um processo. Com este mesmo objetivo, o Código prestigia a defensoria pública, relevante e decisiva no atendimento aos mais pobres e também na defesa dos direitos coletivos.

Mais Justiça para todos num país que vem se tornando mais justo e menos desigual para todo mundo, é algo essencial. Este novo Código se identifica com as demandas de um novo país que passou a ter nas últimas décadas um povo mais exigente, mais ciente de seus direitos, com autoestima elevada e com acesso a direitos e a atividades que por muito tempo foram negados ou desconsiderados.

Senhoras e senhores,

A elaboração do novo Código de Processo Civil pelo Congresso Nacional, contou com ampla colaboração de advogados, de juristas e da sociedade civil. Suas previsões foram debatidas em meias centenas de audiências públicas e conferências, além de ter sido objeto de consulta pública virtual.

Essa intensa participação e o debate fizeram nascer um texto legal moderno e coerente com o esforço do Poder Judiciário brasileiro para valorizar três importantes preceitos: a garantia do amplo direito de defesa e o respeito ao contraditório em todos os processos, primeiro preceito; a duração razoável do processo legal, segundo preceito; e a eficácia das decisões tomadas pela Justiça, terceiro preceito.

Um novo código de processo civil nasceu por iniciativa do ex-presidente da República, José Sarney, então presidente do Senado da República.

Ele merece todas as nossas homenagens por essa decisão histórica e por essa iniciativa. Essa decisão e essa iniciativa provocaram prolongados, intensos e frutíferos debates. Ao propiciar a atuação conjunta dos três poderes, a participação da sociedade civil, integrada por juristas de renome, resultou num texto final com elevada margem de consenso. Há que ressaltar o papel desempenhado pela comissão de juristas presidida com brilho e competência pelo ministro do STF, Luiz Fux.

Aprendemos com eles, aprendemos com todos os grandes juristas, alguns dos quais emprestam seu prestígio a esta solenidade, que Justiça boa é a Justiça rápida e efetiva. A Justiça perde parte de seu sentido e essência quando é apressada ou negligente com o amplo direito de defesa, assim como quando é demorada e não produz os efeitos desejados.

Em nome da agilidade, da horizontalidade das decisões e da democratização do acesso à Justiça, o novo código adota dois procedimentos que serão muito úteis e que devem ser destacados, como aliás, já foram pelos oradores que me antecederam: a possibilidade dos tribunais darem a mesma resposta para demandas que tratem da mesma questão jurídica, permitindo que causas devidamente semelhantes tenham a mesma solução de forma mais célere; e o fortalecimento da jurisprudência que também vai na mesma direção para que as decisões tomadas tenham seus efeitos naturalmente acolhidos em processos idênticos em outros tribunais do país.

Então, amplo direito de defesa, duração razoável dos processos, eficácia na aplicação das sentenças, ampliação dos efeitos das sentenças aos que lutam por direitos idênticos são qualidades inquestionáveis do novo Código que valorizam a Justiça e que certamente aumentarão a confiança dos brasileiros no Judiciário, no Poder Judiciário.

Mudanças como essas aprimoram as instituições. Ganha o Judiciário em eficiência e imagem. Ganha, sobretudo, o Brasil, que se enriquece como nação democrática à medida que nosso povo se convencer que pode contar com a justiça como instância constitucional realmente disponível a todos.

Senhoras e senhores,

O texto chega em muito boa hora, veio substituir um código que tinha mais de 40 anos, daí a importância do realizado, daí a importância do desafio que foi respondido. Os textos anteriores eram produzidos durante um período de exceção e, portanto, não tinham uma ampla discussão como este tem agora, e vinha sendo sucessivamente modificado. Agora, enfim, nós incorporamos ao Processo Civil os princípios contidos na Constituição de 1988. O novo Código contribui, assim, decisivamente, para a consolidação do Estado Democrático de Direito.

Ao oxigenar o processo jurídico, vai aumentar a confiança da população na justiça e vai contribuir para dar credibilidade às nossas instituições. Tudo isso produz segurança no exercício dos direitos de cidadania, no exercício dos direitos básicos do país, como sendo a liberdade de expressão e a manifestação. É assim a nação que todos nós queremos fortalecer deve ser construída. E eu tenho certeza que o que nós queremos é um lugar em que todos possam exercer seus direitos pacificamente, sem ameaças e sem desrespeitos às liberdades civis e às liberdades políticas. Um país que, diante de convites a aventuras e à ruptura da normalidade política, escolhe o caminho da democracia e do respeito de todos os princípios constitucionais.

Um país que, amparado na separação, independência e harmonia dos poderes, na democracia representativa, na livre manifestação popular nas ruas e nas urnas, se torna cada vez mais impermeável ao preconceito, à intolerância, à violência, ao golpismo e ao retrocesso. Um país em que o Executivo assegura absoluta liberdade de ação à Polícia Federal e reconhece a necessária total autonomia do Ministério Público para que apurem denúncias e crimes de qualquer espécie, investigando quem quer que seja. Um país em que o Judiciário julgue com rigorosa independência.

A credibilidade das instituições e a preservação das regras da democracia são os melhores antídotos contra a corrupção, a intolerância e a violência. É com a democracia que se vencerá o ódio, é com democracia que se combaterá corruptores e corrompidos.

Senhoras e senhores,

Sexta-feira e ontem, centenas de milhares de brasileiros saíram às ruas para se manifestar com toda a liberdade, de forma pacífica e sem violência. No dia em que celebrávamos 30 anos de redemocratização, tivemos nesse dia e na sexta-feira, uma inequívoca demonstração de que o Brasil de agora é um país democrático que convive pacificamente com manifestações, ao contrário de muitos países no resto do mundo. Na democracia, nós respeitamos as urnas que traduzem a vontade de toda a nossa nação. Na democracia, nós respeitamos as ruas, um dos legítimos espaços de manifestação popular, pacífica e sem violência. Respeitamos e ouvimos com atenção todas as vozes, de todos os matizes e de todas as tendências.

Por isso, o governo sempre irá dialogar com as manifestações nas ruas. Ouvir é a palavra; dialogar é a ação. E o sentimento tem de ser de humildade e firmeza. Um dos temas presentes nas manifestações de sexta-feira e de domingo foi o combate à corrupção e à impunidade. Nós temos, todos aqui, absoluta concordância com esta demanda popular e a clara determinação para tomar medidas que intensifiquem o combate à corrupção.

Nos próximos dias, como prometido nas eleições, anunciaremos um conjunto de medidas voltadas ao combate à impunidade. Estaremos abertos, obviamente, a ouvir toda a sociedade para a tomada de outras medidas.

Reitero minha convicção de que a conjuntura atual aponta para a necessidade urgente da realização de uma ampla reforma política. Sei que o protagonista dessa reforma política é toda a população brasileira, mas também sei que o espaço adequado para ela é o Congresso Nacional. Nesse aspecto, acredito que um amplo debate entre todos os órgãos é crucial. Acredito que faz parte da construção de uma nova etapa uma reforma política efetiva.

Senhoras e senhores,

O meu compromisso é governar para os 203 milhões de brasileiros, sejam os que me elegeram, sejam os que não votaram em mim; sejam os que participam das manifestações, sejam os que não participam. Desde o início da crise, em 2009, portanto, há seis anos, o governo vem conseguindo evitar que os efeitos mais graves e mais perversos da crise se abatam sobre nós. Estou falando aqui do desemprego e também da redução de direitos e da renda. Este processo, nos países da Europa, levou a um desemprego de mais de 60 milhões de pessoas e também levou a uma ampla queda das oportunidades para todos. Nós, no combate a essa crise, utilizamos todas as armas: nós ampliamos as subvenções, aumentamos os subsídios e desoneramos impostos para evitar que a crise atingisse empresários, a classe média e os trabalhadores. Fizemos isso com os recursos do Orçamento da União e também numa ampliação extraordinária do crédito. Agora, esse caminho, nos níveis em que foi praticado, se esgotou. E devemos iniciar um outro caminho para garantir o emprego e o crescimento econômico. Como não podemos continuar dispendendo a quantidade de recursos que até aqui vínhamos dispendendo, nós somos obrigados agora a fazer alguns ajustes e correções para continuar crescendo. É importante destacar que nós não estamos acabando com nossas políticas, nós estamos corrigindo algumas, alterando outras, modificando outras.

Vou dar um exemplo: nós mantivemos a desoneração, ou seja, a redução dos impostos que recaem sobre a cesta básica. Não iremos jamais alterar este imposto, mas tivemos de reajustar as alíquotas de desoneração da folha de pagamento. Não é que acabou a desoneração da folha de pagamento, é que o nível de ajuste das alíquotas passou de 1 para 2,5 e de 2,5 para 4,5, na nossa proposta, obviamente debate que será debatido no Congresso. Ao mesmo tempo, nós providenciamos ajustes dentro da nossa exiguidade de recursos, foi o que aconteceu no diálogo que estabelecemos tanto com o Senado, como com a Câmara no que se refere, por exemplo, à tabela do Imposto de Renda - a qual teve a sua faixa mais baixa reajustada permitindo uma diminuição do imposto, e a faixa reajustada em 6,5 e a faixa mais alta em 4,5 - atendendo a uma posição tanto do governo federal que é claramente de restrição de gastos, como também um pleito vindo dos senhores parlamentares e também de todos os movimentos sociais organizados.

Eu gostaria de dizer que meu governo tem responsabilidade com a estabilidade da economia, pois nós temos clareza, nós temos certeza que ela, que essa estabilidade é que garante empregos e crescimento para o país. Essa responsabilidade tem de ser de todos nós, por isso, devemos repudiar sempre aqueles que acreditam no "quanto pior melhor", tanto em política como na economia. Quero dizer que nós vamos fazer os ajustes necessários, como eu disse, dialogando com todos, numa posição de humildade, mas com firmeza para que possamos chegar a um bom resultado. Mas eu quero deixar claro: não tenham dúvida que esses ajustes e as correções serão realizados na defesa de todos os brasileiros.

Ao encerrar - e lembrando os 30 anos da redemocratização -, eu presto minha homenagem a todos os que lutaram contra o regime de exceção e a todos os que combateram em defesa da democracia. Meu tributo aos que contribuíram para o reestabelecimento das liberdades democráticas. Esse tributo é amplo, franco, não faz distinções. Agradeço a OAB, aos juristas, aos acadêmicos, aos intelectuais, aos artistas, aos religiosos, aos movimentos sociais, aos militantes dos partidos políticos legais e das organizações prescritas pelo arbítrio e pela repressão. Muitos da minha geração deram a vida para que o povo pudesse, enfim, ir às ruas para se expressar. Eu, particularmente, participei e tenho a honra de ter participado do processo de resistência à ditadura. Como muitos outros brasileiros sofremos as consequências da resistência para ver esse país livre da censura, da opressão e da interdição da liberdade de expressão. Nunca mais, no Brasil, nós vamos ver pessoas, que ao manifestarem sua opinião, seja contra quem quer que seja, inclusive, a Presidência da República, possam sofrer quaisquer consequências, nunca mais isso vai acontecer. Ontem quando eu vi, como ocorreu na sexta-feira, centenas de milhares de cidadãos e cidadãs se manifestando pelas ruas de várias cidades brasileiras, não pude deixar de pensar e tenho certeza que muitos aqui concordam comigo: valeu a pena lutar pela liberdade, valeu a pena lutar pela democracia. Este país está mais forte que nunca.

Muito obrigada.

Ouça a íntegra(25min26s) do discurso
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-sancao-do-codigo-de-processo-civil-25min26s>) da Presidenta Dilma Rousseff

18-03-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de Lançamento do Pacote Anticorrupção

Palácio do Planalto, 18 de março de 2015

Bom dia a todos.

Eu queria cumprimentar os ministros de estado Aloizio Mercadante, da Casa Civil; José Eduardo Cardozo, da Justiça; Luís Inácio Adams, da Advocacia-Geral da União e Valdir Simão, da Controladoria-Geral da União. Em nome deles, cumprimento todos os ministros aqui presentes.

Cumprimentar os governadores: o governador Flávio Dino, do Maranhão; o governador Camilo Santana, do Ceará.

Cumprimentar os senhores senadores: José Pimentel, líder do governo no Congresso Nacional; senadora Ângela Portela, senador Benedito de Lira, senador Eunício Oliveira, senadora Fátima Bezerra, senador Garibaldi Alves, senador Humberto Costa, senadoras Regina Souza e Sandra Braga, senador Telmário Mota, senadora Vanessa Grazziotin.

Cumprimentar os deputados federais cumprimentando o líder do governo na Câmara dos Deputados. Em nome dele saúdo todos os deputados federais aqui presentes.

Queria cumprimentar os representantes do Ministério Público, Luiz Antonio Camargo de Melo, procurador-geral do Trabalho; Marcelo Weitzel Rabelo de Souza, procurador-geral da Justiça Militar; Selma Leite do Nascimento Sauerbronn, procuradora-geral de Justiça do Distrito Federal e Territórios.

Queria dirigir um cumprimento especial ao doutor Marcus Vinicius Coêlho, presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil. E por meio dele eu cumprimento todos os presidentes das seccionais e conselheiros federais da OAB aqui presentes, e agradeço pelas sugestões.

Queria cumprimentar também o defensor público-geral federal, Raman Tabosa de Moraes e Córdova.

Cumprimentar as senhoras e os senhores representante do Conselho Nacional de Justiça e do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social

Cumprimentar as Senhoras e Senhores Jornalistas, Fotógrafos e Cinegrafistas.

Meus queridos amigos e amigas aqui presentes, senhoras e senhores

Esta cerimônia, ela representa mais um passo decisivo para que nós possamos ampliar a capacidade e o poder do estado Brasileiro de prevenir e também de combater a corrupção e a impunidade. Então, essas duas palavras: prevenir e combater. Trata-se de uma estratégia que nós consideramos essencial para que se aprofunde a própria democracia no Brasil.

As medidas que nós anunciamos hoje são todas iniciativas concretas, elas não pretendem esgotar a matéria, mas elas evidenciam que estamos no caminho correto. Somos um governo que não transige com a corrupção e temos o compromisso e a obrigação de enfrentar a impunidade que alimenta a corrupção. Essas medidas, elas fortalecem a luta contra a impunidade. E esta impunidade é, talvez, como eu disse, o maior fator que garante a reprodução da corrupção.

Nós tomamos essas medidas e vou resumi-las, apesar da exposição brilhante do Zé Eduardo Cardozo, porque se trata, eu acredito de um momento de estruturar esse combate.

A primeira medida é justamente o projeto que nós encaminhamos transformando o crime de caixa dois e de lavagem de recursos para fins eleitorais, transformando esse crime em crime, porque é importante sinalizar que no Brasil não há, até hoje, lei que assegurasse que a lavagem de dinheiro ou o caixa 2 eleitoral fossem crimes. Então se passa a transformar em crime. Nós vamos enfrentar essa questão de forma bem aberta, e ela é importante porque ela atende uma demanda da população, e eu acho, um anseio de todos aqui presentes, dos senhores parlamentares, dos representantes do Judiciário, da Ordem dos Advogados, enfim, do Ministério Público, todos e do governo. E queremos que as eleições sejam eleições cada vez mais transparentes e mais limpas.

Por meio, portanto, de uma emenda à Constituição e de um Projeto de Lei, como foi destacado pelo ministro, a nossa segunda medida é colocada. Nós estamos propondo o confisco e a devolução dos bens obtidos de maneira ilícita. Queremos que esse confisco e essa devolução torne mais célere o acesso desses bens - o retorno desses bens e dos recursos também a eles relacionados, fruto de atividades criminosas, crime de responsabilidade ou improbidade e enriquecimento ilícito - retorne para o setor público para que possa ter sua destinação. Nós não podemos deixar que o criminoso lucre com o crime.

A terceira medida será buscada por meio de um pedido de urgência para se votar o Projeto de Lei que regula a venda antecipada e apreensão dos bens resultantes de ilícito. O valor resultante do bem fica depositado em juízo. E, assim sendo, não só eles não são desviados para uso pessoal ou indevido, como também não sofrerão deterioração no seu valor.

A quarta medida é um projeto de lei que altera o Estatuto do Servidor Público e estende as exigências de ficha limpa para todos os servidores da União e dos três poderes - Executivo, Legislativo e Judiciário - em todas as suas instâncias.

Uma quinta medida é o pedido de urgência para a votação do Projeto de Lei que tipifica o crime de enriquecimento ilícito, penalizando aqueles servidores públicos que possuam bens incompatíveis com sua renda ou sua evolução patrimonial. Aqui é importante destacar que essa medida, ela tem uma derivada que é o fato de não permitir, de maneira alguma, que o servidor público, na sua grande maioria, na sua imensa maioria, um servidor honesto e íntegro e que presta um grande serviço à população brasileira seja confundido com esses malfeitos, essas práticas de corrupção que maculam, aos olhos da sociedade, o serviço público. É uma medida que permite que a gente, de fato, separe o imenso trigo do pequeno joio.

A sexta medida é o decreto, que eu acabo de assinar, regulamentando a lei anticorrupção que vai permitir uma aplicação mais efetiva e vai transformar essa Lei Anticorrupção também em uma verdadeira Lei da Empresa Limpa. Por que eu digo da empresa limpa? Porque essa legislação ela não visa apenas a repressão a desvios, mas ela incentiva, também, o setor privado a adotar medidas de transparência, medidas de integridade e medidas de prevenção.

Dentro do espírito de diálogo do nosso governo, e tendo consciência da maior eficácia e efetividade dos debates e do fato de que todos os órgãos da sociedade civil, todas as entidades, os movimentos sociais, os cidadãos e as cidadãs, possam dar sua contribuição, nós estamos criando o Grupo de Trabalho, um grupo de trabalho que tem uma característica de fórum entre o Poder Executivo e os presidentes do Conselho Nacional de Justiça, do Conselho Nacional do Ministério Público, da Ordem dos Advogados do Brasil. Para juntos nós elaboramos outras medidas que agilizem o trâmite dos processos, reduzindo assim, a impunidade. Eu tenho certeza, por exemplo, que a Ordem dos Advogados do Brasil tem uma contribuição importante a dar, juntamente com, tanto o Ministério Público como o CNJ. Com isso, nós abrimos um processo que começa e que tem segmento, iniciativas, leis procedimentos, práticas, discussões, que levarão, de fato ao país, melhorar seu enfrentamento à impunidade e à corrupção.

Aliás, o enfrentamento à corrupção e à impunidade, ele deve ser visto como uma política de estado, sistemática, implacável, constante, e não um momento eventual na história do nosso país. Nós vamos, e temos de fazer isso, fortalecer as instituições públicas. Porque instituições fortes garantem, também, que a virtuosidade nas práticas políticas, nas práticas administrativas, nas práticas legais se imponham. Nós temos de manter também atualizadas as normas que regem essas instituições e a nossa legislação.

É imprescindível, portanto, o aperfeiçoamento contínuo, sem trégua, dos mecanismos. Eu gosto de repetir: de prevenção, de controle e de repressão. A postura republicana exige de nós todos uma atuação isenta, imparcial e autônoma. Posso dizer com clareza e firmeza que essa tem sido a ação do meu governo. O conjunto de medidas que submeto ao debate no Congresso vem se somar às várias leis e medidas que nós adotamos ao longo dos anos, e que eu tenho clareza, contribuíram para um maior fortalecimento desta questão no Brasil. E elas são coerentes com todas essas medidas que nós viemos tomando desde 2003 para construir essa política de prevenção, controle e repressão.

Essa estratégia, ela começa lá atrás quando, ainda no governo do presidente Lula, a Controladoria-Geral da União de fato se transformou num órgão que, além de ser um órgão de governo, é um órgão de estado - se transformou num ministério. Era um departamento e virou um ministério. E ao mesmo tempo a criação do Portal da Transparência que permite que qualquer gasto do governo feito hoje, 24 horas depois esteja disponível para escrutínio, avaliação e a verificação da sua conformidade, dos procedimentos envolvidos e, portanto, da sua integridade.

Além disso, nós, desde 2003, também orientados por essa estratégia, nós fortalecemos a Polícia Federal e garantimos a sua absoluta autonomia e isenção para investigar. Nós também respeitamos sempre a autonomia do Ministério Público nomeando para sua chefia, integrantes da lista tríplice a nós encaminhada por eles.

Além disso, eu queria destacar algumas leis que foram sancionadas por mim no meu primeiro mandato. Primeiro, a Lei de Acesso à Informação pública, também conhecida como a Lei da Transparência porque permite ao cidadão ter acesso e ter direito de acesso pleno às informações do estado e do governo. Segundo, a nova Lei de Combate à Lavagem do Dinheiro. Terceiro, a Lei de Combate às Organizações Criminosas. Quarto, a Lei Anticorrupção que nós regulamentamos hoje.

Todas essas iniciativas e mudanças institucionais e legais, elas eu tenho certeza, trouxeram ganhos concretos para o país, todas elas. E nesse complexo caminho foi indispensável - e aí mais uma vez eu reconheço até aqui - a parceria com os Três Poderes da República, a parceria entre os Três Poderes: o Executivo; o Legislativo que aprovou essas leis e que, portanto, compartilha conosco essas iniciativas; e o Judiciário; e o Ministério Público. Para os novos passos que nós estamos dando, a parceria vai continuar sendo fundamental, sem essa parceria nós não teremos o país que desejamos. O meu compromisso, quero dizer a vocês, com o combate à corrupção e à impunidade é coerente com a minha vida pessoal, com a minha prática política... E é coerente com a minha atuação como presidenta da República.

E o que está acontecendo neste momento no nosso país corresponde ao que penso e sempre pensei, e além de pensar, sempre agi em conformidade. Eu sei, tenho convicção, que é preciso investigar e punir os corruptos e os corruptores de forma rápida e efetiva para garantir a proteção também do inocente ou do injustiçado, garantido sempre, sem exceção, o direito ao contraditório e à ampla defesa. Eu tenho certeza que todos os brasileiros; todos os brasileiros de bem, todos os brasileiros de boa fé, mesmo aqueles que não votaram em mim, sabem que a corrupção no Brasil não foi inventada recentemente. Sabem que o que diferencia um país do outro e um governo do outro é o fato que alguns países e alguns governos criam condições para que a corrupção seja prevenida, seja investigada e seja punida. Outros não fazem isso. Alguns silenciam. Nós agimos.

O Brasil de hoje combate a corrupção. As notícias sobre casos de corrupção aumentam, mas justamente elas aumentam porque eles não são mais varridos para baixo do tapete. E aí, à luz do sol, ilumina. Aí a luz do sol deixa claro e evidencia a existência tanto dos chamados

malfeitos como dos processos e dos atos de corrupção. É o que acontece em todos os países que reforçam instituições para combater esse mal.

Não somos os primeiros a fazer. Agora, tenho certeza e digo para vocês: jamais seremos os últimos porque nós estamos implementando e viemos implementando esses mecanismos de combate, prevenção e controle sistematicamente.

Por que que nós fazemos isso? Porque combater energeticamente a corrupção significa democratizar o poder. Essa é uma questão fundamental, tem um valor fundamental que é democratizar o poder. Porque a corrupção rouba o poder legítimo de povo, ela rouba esse poder, a corrupção ofende e humilha os trabalhadores. A corrupção diminui a importância do trabalho honesto. A corrupção transforma a classe média e suas aspirações mudando e dando um exemplo falso de facilidade. A corrupção prejudica empresários, prejudica o povo trabalhador e ela atinge e ofende os homens cidadãos e as mulheres cidadãs de bem. Por isso, ela tem de ser combatida, e sempre tem de ser prevenida e controlada. É um fenômeno complexo, é um fenômeno resiliente, não é aqui no Brasil, em qualquer sociedade. Por isso, a guerra contra a corrupção deve ser simultaneamente uma tarefa de todas as instituições, uma ação permanente do governo e também um momento de reflexão da sociedade de afirmação de valores e de éticos.

Nós estamos purgando hoje males que nós carregamos há séculos, assim - eu disse isso até na minha diplomação - assim como a mancha cruel da escravidão ainda deixa traços profundos da desigualdade social do nosso país e colore a exclusão com as cores da escravidão, o sistema patrimonialista de poder que sempre confundiu o público com o privado, que transformou o privado num mecanismo de controle do público e que atravessou séculos de poder na nossa história e nos deixou uma herança nefasta de mau uso do dinheiro público, ainda é um traço da nossa característica e que a sociedade atual, o Brasil moderno, exige que seja superado. Esse Brasil de hoje não é um país patrimonialista mais, não pode ser um país patrimonialista. O Brasil é muito maior que isso. Por isso, essa herança, tanto a da escravidão, no que se refere à desigualdade social, como da tradição patrimonialista no que se refere às práticas e às relações entre o público e o privado, não podem servir de alibi para ninguém e para nada. Nós temos de abrir bem os olhos e dizer: "A hora do Brasil dar um basta a esse processo, a esses crimes ou a essas práticas que ainda teimam em corroer as nossas entranhas, essa hora chegou." Nós temos de construir todos os mecanismos, de firmarmos todos os acordos, todos os pactos, construindo um grande pacto nacional que envolve todos os setores da sociedade e todas as esferas de governo. Esse pacto precisa, sim, desaguar numa reforma política. Esse pacto precisa da participação, como eu já disse de todos os poderes, esse pacto precisa da participação de todas as forças vivas da nação.

Mas nós temos também de ter clareza que, além desse conjunto de leis, de novas leis, para resolver esse problema, é preciso também uma nova consciência no país, uma nova cultura no país, fundada em valores éticos profundos, fundada numa moralidade republicana. Ela tem de nascer dentro de cada lar, dentro de cada escola, dentro da alma de cada cidadão deste país. E da alma e do coração de cada cidadã, ir ganhando forma absoluta. E essa forma absoluta significa atingir toda a sociedade e também a esfera pública, todos os núcleos de decisões dos âmbitos públicos e privado, e muitos gestos e práticas.

Nós não somos mais o país que fazia e alardeava que éramos um povo que gostava de levar vantagem em tudo. Nós temos de nos afastar desta visão utilitarista das pessoas, das relações sociais e das relações entre o poder e o cidadão. Nós temos, sim, de criar uma nova visão, uma nova concepção: há uma nova moralidade pública, republicana e democrática, e porque não dizer, igualitária no sentido dos direitos civis.

Sei, que é um trabalho de mais de uma geração, mas nós temos orgulho de ter começado. E como eu disse na minha diplomação, eu quero pelo menos, ter o orgulho de ser a presidenta que deu os primeiros passos de forma mais efetiva para construção desse processo. Começamos lá atrás em 2003 e hoje aprofundamos e tenho certeza que com o diálogo que

nós construiremos a partir de agora, com a ação do Legislativo, a prática do Judiciário e todo o esforço da nossa sociedade, nós vamos construir esse país mais justo e mais igual ao que todos nós queremos, sobretudo mais democrático.

Obrigado.

■
Ouçã a íntegra do discurso (27min39s) da Presidenta.
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-lancamento-do-pacote-anticorruptao-brasilia-27min39s>).

19-03-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio de Medidas de Modernização do Futebol

Palácio do Planalto, 19 de março de 2015

Bom dia a todos e a todas.

Queria cumprimentar o nosso Vice-presidente, Michel Temer.

Cumprimentar aqui os ministros de Estado George Hilton, do Esporte, Aloizio Mercadante, da Casa Civil. Em nome deles, cumprimentar todos os ministros presentes.

Queria cumprimentar, também, o ex-ministro do Esporte, Orlando Silva, e aqui registrar também o ex-ministro do Esporte e atual ministro de Ciência e Tecnologia, meu querido Aldo Rebelo.

Queria cumprimentar os senadores José Pimentel, líder do Governo no Congresso Nacional, e Hélio José.

Os deputados federais aqui representando o parlamento, nessa que foi uma ação conjunta de vários e várias entidades, Andrés Sanchez, José Rocha, Jovair Arantes e Vicente Cândido e o Orlando Silva novamente, que, entre tantos, participaram ativamente da elaboração do conjunto de medidas voltadas para a modernização do futebol brasileiro.

Queria cumprimentar, também, um dos participantes do comitê que articulou junto com o comitê ministerial, que articulou todas as conversas, todos os diálogos, que nós, em nome do governo federal, junto com todos os ministros, fizemos com o Bom Senso, os clubes, os cronistas esportivos.

Queria cumprimentar o ex-deputado Edinho Silva, aqui presente, que é um ex-jogador e também atualmente um professor na área esportiva.

Queria cumprimentar o Eduardo Bandeira de Mello, presidente do Clube de Regatas Flamengo, e, por intermédio dele, cumprimento todos os presidentes, dirigentes e técnicos dos clubes do futebol brasileiro.

Dirigir um cumprimento muito especial ao Nelson de Jesus Silva, o pentacampeão Dida, por meio de quem cumprimento os integrantes do Bom Senso Futebol Clube e todos os atletas aqui presentes: Marcos Evangelista de Moraes, o também pentacampeão Cafu, a Vanessa Pereira do futsal, a Lana Cristina Diniz Miranda, do futevôlei, a Carla Índia e Michael Jackson, do futebol feminino.

Meus caros jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

O Brasil e o futebol são, no imaginário popular, termos que nós sempre consideramos que se complementavam. Não surpreende, pois, que sejamos os únicos que participamos de todas as Copas do Mundo e os únicos pentacampeões. Cinco jogadores brasileiros ganharam o título de melhor do mundo. A multipremiada Marta veste as cores da nossa seleção e Pelé ganhou o título de jogador do século. Nossos estádios, nossas torcidas, são um espetáculo incomparável. Todos nós lembramos a primeira vez que entramos num estádio e assistimos isso que é um espetáculo, que toca na alma de cada um, que é um jogo de futebol.

Nós últimos tempos, tudo isso foi um pouco colocado em xeque, e não é apenas pelo placar da semifinal contra a Alemanha, em julho do ano passado que ficará para sempre marcado em nossa história, mas principalmente pela grave situação de nossos clubes de futebol devido à combinação de legislações anacrônicas, estruturas de gestão pouco profissionalizadas, ausência de mecanismos de transparência e responsabilização, que resultam em um alto nível de endividamento.

Por causa da vulnerabilidade dos nossos clubes, o futebol brasileiro amarga uma de suas piores contradições. Como ao longo desse período me informaram sempre, no diálogo constante, inclusive durante a minha campanha, que eu tive com várias entidades relacionadas ao futebol, clubes e o Bom Senso, por exemplo, nós continuamos gerando grandes jogadores, mas, infelizmente, não conseguimos mantê-los. Estamos nos tornando um país berço de craques, tornando não, estamos continuando a ser um país berço de craques, mas palco de um futebol cujo nível está aquém do gosto dos torcedores mais exigentes e do nosso potencial. Infelizmente o Brasil hoje exporta os artistas, ao contrário de vários países do mundo que exportam o espetáculo.

O nosso futebol necessita com urgência de um programa de modernização da gestão e de responsabilidade fiscal. Por isso, acredito sinceramente que o futuro de nosso futebol depende da aprovação desta legislação que temos a honra de submeter ao exame do Congresso Nacional.

Geralmente, obras importantes têm várias mãos, vários ouvidos, várias vozes. Essa aqui também teve esse processo. Nós submetemos essa Lei ao exame do Congresso Nacional e com aquela certeza, e ela tem uma força devido ao fato de que para elaborá-la ouvimos praticamente todos os envolvidos, alcançando importantes acordos e, em uma grande parte dos pontos dessa legislação, o consenso. É obvio que as propostas serão amplamente discutidas, inclusive, muito melhoradas, no Congresso Nacional e isso é muito importante, porque essas propostas vão ao encontro das demandas dos clubes, dos profissionais da cadeia produtiva do futebol, das entidades representativas do segmento e do Bom Senso Futebol Clube e também tiveram a participação muito efetiva dos cronistas esportivos do país.

No Congresso elas serão debatidas e aprimoradas, e eu tenho certeza que nós, juntos, iremos produzir as bases para a recuperação da grandeza do nosso futebol, que aliás, eu acho que é o objetivo central dessa Lei.

Aproveito para fazer um agradecimento especial aos deputados que participaram desse processo, aportando suas contribuições já nessa fase prévia de elaboração da Medida Provisória. Seu acúmulo de quase dois anos debatendo alguns dos temas que hoje transformamos em uma proposta com força de lei, ou um projeto que se tornará força de lei, foi essencial para a rápida formulação deste texto.

Senhoras e senhores,

A legislação que estamos propondo vai além da renegociação da dívida dos clubes de futebol com o governo. Recentemente, eu inclusive vetei uma proposta de mera renegociação com as dívidas por ocasião da sanção da Medida Provisória 656. Agora, em uma iniciativa inédita, estamos propondo um programa que permitirá aos clubes superar dificuldades financeiras e, ao mesmo tempo, adotar boas práticas de gestão, inspiradas em experiências empresariais e nos melhores exemplos do futebol internacional. Estamos construindo, juntos, uma grande oportunidade para todos, para os clubes, que será saldar suas dívidas e se tornarem financeiramente saudáveis. Em troca, queremos a contrapartida, que é, também, para a melhoria da situação dos clubes: o cumprimento de regras de governança, transparência, responsabilidade fiscal, em um programa de saneamento sério e transparente. Nossa proposta coloca no centro o aprimoramento da gestão e o equilíbrio financeiro dos clubes. Para aderir ao programa, os clubes deverão se comprometer com a adoção de sete medidas que aqui vou listar:

- 1ª - publicar demonstrações contábeis padronizadas e auditadas por uma empresa independente;
- 2ª - pagar em dia todas as suas obrigações tributárias, previdenciárias, trabalhistas e contratuais, com atletas e funcionários, incluindo o chamado “direito de imagem”;
- 3ª - gastar, no máximo, 70% da sua receita bruta com o futebol profissional;
- 4ª- manter investimento mínimo permanente nas categorias de base e no futebol feminino;
- 5ª - não realizar antecipação de receitas previstas para mandatos posteriores, a não ser em situações específicas;
- 6ª - adotar um cronograma progressivo de redução dos seus déficits, que deverá ser definitivamente zerado a partir de 2021;
- 7ª - Respeitar todas as regras de transparência previstas no artigo 18º da Lei Pelé, introduzidas em 2013, quando eu sancionei a Lei 12.868.

Em contrapartida, o refinanciamento das dívidas será bastante facilitado, mesmo porque a intenção dessa Lei é que se torne viável e aplicável, e que se verifique o efetivo fortalecimento dos clubes, e não criar dificuldades para que eles paguem suas dívidas. Assim, os clubes poderão pagá-las sem entrada, num percentual de apenas 2 a 6% de sua receita nos primeiros 36 meses, e saldar o restante do débito em 120 ou 204 meses, dependendo da sua decisão. Na verdade, com os 36 meses o número de parcelas chega a 240 meses.

Acreditamos que todos os clubes brasileiros devem tem condições de arcar com esse cronograma. Em nossa visão, o programa de modernização da gestão do futebol, impedirá no futuro que os clubes enfrentem as mesmas dificuldades de hoje. Criamos, assim, as condições e as obrigações para que a recuperação financeira seja perene, seja constante e seja sustentável. O objetivo é de fato dar aos clubes a oportunidade do ponto de vista das dívidas com o governo federal, de se transformarem em enormes entidades que assegurem com os seus recursos com o grande negócio que, sem dúvida nenhuma, contribuirão para transformar o futebol brasileiro cada vez mais, em uma espécie de cadeia produtiva do futebol brasileiro.

O programa vai ser aplicado e eu devo a população dizer que vai ser aplicado e como todos os programas, fiscalizado. Os clubes que descumprirem as condições poderão até ser rebaixados de divisão. Isso, aliás, em bom que se diga, acontece na Europa. A Medida Provisória prevê, também, que todos os que praticarem gestão temerária sejam responsabilizados. Faço aqui questão de destacar que inserimos na Medida Provisória o apoio ao futebol feminino. Eu assumi com a nossa campeã Marta e com todas as jogadoras de futebol de nosso País, o compromisso de apoiar o futebol feminino para romper com a precariedade hoje vigente. Promessa que eu espero estar sendo cumprida pela minha parte, mas que todos nós temos de nos esforçar na medida em que o futebol feminino hoje está na agenda internacional e deve estar, sem sombra de dúvidas, na agenda nacional.

Eu tenho certeza que o futebol é uma grande riqueza do país, mas mais do que riqueza, o futebol é um símbolo. O ministro dos Esportes, George Hilton, ele citou o nosso grande cronista futebolístico Nelson Rodrigues, e eu acho que o Nelson Rodrigues, de fato, além de ser um grande cronista, ele era um desvendador da alma nacional, e uma vez ele disse que o futebol era a pátria de chuteiras. Eu acho que, de fato, o futebol tem esse componente de ser a pátria de chuteiras, a pátria verde e amarela de chuteiras, daí porque, nós todos aqui temos responsabilidade para com os mais de 200 milhões de brasileiros e brasileiras que fazem do futebol um exemplo da nossa autoestima.

Vamos zelar por eles, vamos trabalhar por ele, vamos garantir que de fato nós transformemos os clubes em grandes entidades, em grandes entidades lucrativas, com capacidade de profissionalizar jogadores, de contratar técnicos e, sobretudo, de dar oportunidade àqueles milhões e milhões de meninos e meninas que existem nesse País, e que são capazes sim, de demonstrar que a nossa riqueza, todo o nosso potencial futebolístico está apenas começando. Porque agora, além da arte, nós vamos juntar eficiência financeira, capacidade de investimento e tecnologia esportiva.

Muito obrigada.

Ouça a íntegra do discurso (17min59s) da Presidenta.
<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-anuncio-de-medidas-de-modernizacao-do-futebol-brasilia-17mim59s>

20-03-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração da Unidade de Secagem e Armazenagem da Cooperativa Regional dos Assentados de Porto Alegre (COOTAP)

Eldorado do Sul-RS, 20 de março de 2015

Eu quero começar cumprimentando as famílias dos agricultores, dos trabalhadores e dos cooperados aqui de Eldorado.

Quero cumprimentar cada um e a cada uma das companheiras. Cumprimentar também as crianças, que aqui são muitas. Dirijo a vocês a minha saudação.

Quero também cumprimentar o governador José Ivo Sartori, governador do Rio Grande do Sul, o prefeito Sérgio Munhoz, o diretor da Cooperativa dos Assentados da Região de Porto Alegre, Emerson Giacomelli.

Quero cumprimentar o João Pedro Stédille, da direção do MST.

Cumprimento os ministros de estado que me acompanham (falha no áudio) o Stédille que disse que eram todos gaúchos. São todos gaúchos, mas todos eles têm uma visão nacional.

Queria cumprimentar o ex-governador do Rio de Grande do Sul, a quem eu tive a honra de servir como secretária, o nosso querido Olívio Dutra

Cumprimento o Marcon, que representa aqui a Câmara dos Deputados. O Bohn Gass, o Henrique Fontana, o Fernando Marrone, o Paulo Pimenta.

Cumprimento também o vice-presidente da Famurs, e ao cumprimentá-lo, cumprimento todas as associações de municípios do Rio Grande do Sul, o Luiz Carlos Folador.

Cumprimento os representantes dos movimentos sociais, o Adelar Pretto, presidente da Cooperativa Central dos Assentados da Reforma Agrária do Rio Grande do Sul. A companheira Salete Carolo, da direção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O Claudir Nespolo, da CUT, o Guiomar Vidor, da CTB, a Carmem Lorenzoni, do Movimento de Mulheres Camponesas; o meu querido frei Sérgio, do MPA; a Neodicleia de Oliveira, dos Atingidos por Barragem; a Cleonice Back, da Fetrafe.

Cumprimento também o músico Pedro Munhoz e as crianças Gustavo Schefer, a Taís Carolo, o Bruno Zangui) e a Eduarda Lima, responsáveis pela nosso momento de cultura e mística.

Cumprimento também os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

De fato, todos nós aqui defendemos o Brasil sem fome. Estamos já há... Passando da hora do almoço, sei que vou ter de falar, mas eu vou ser objetiva no falar. Por isso eu quero dizer para vocês que eu vim aqui participar de algo muito importante. Por que é importante? Por que eu falo nisso com muita calma? Porque eu acho que Brasil tem de saber que isso é possível. Falo da abertura oficial da colheita desse arroz agroecológico e mostro, ao falar disso, uma estrutura que está baseada nos assentados da reforma agrária que mostra a

qualidade e as possibilidades que um assentamento de reforma agrária tem para o Brasil. Primeiro, ao produzir este arroz de qualidade; segundo, porque é feito por uma cooperativa; e terceiro, porque não é só a produção agrícola, mas é uma cadeia produtiva.

Então, eu estou aqui saudando três pilares, que estruturam a reforma agrária. Primeiro, a existência de trabalhadores, agricultores e agricultoras, de famílias que se organizaram em cooperativas; segundo, que não ficaram só na produção e que estão apostando em algo muito importante que é a produção agroecológica, perto de uma grande metrópole como é Porto Alegre. E, portanto, criaram não só a produção, mas o beneficiamento, armazenagem, o ensacamento e como estava dizendo para mim o presidente da cooperativa, aqui onde nós estamos vai ser a indústria, o que é muito simbólico, nós estamos justamente em cima do lugar onde vai ser construída essa indústria.

Eu quero dizer para vocês que esse empreendimento, agora que ela está feito todo mundo fala: Deu certo. Mas quando ele não estava não tinha toda essa estrutura, as pessoas tinham dúvidas se ele daria certo ou não. Então, estar aqui hoje tem um sentido de mostrar para o Brasil que é possível, sim, desenvolver uma agricultura familiar de alta qualidade, beneficiando quem? Aqueles que não tinham terra, e que agora sentados vão virar cooperativas de produtores e essas famílias vão ter renda suficiente para dar vida digna a seus filhos. Por isso, então, eu estou muito feliz de estar aqui falando coisas que vocês sabem, mas eu não estou falando só para vocês, eu estou falando aqui para todo o Brasil ouvir. E para todo o Brasil ouvir que essa é uma experiência que deu certo.

Vocês podem ter certeza que a coisa mais forte no convencimento das pessoas é a realidade, e é a realidade transmitida pela imagem. Então eu vou repetir umas coisas aqui, vocês vão achar: “A presidenta acha que a gente já não sabe isso, nós estamos careca de saber”. Mas eu vou falar porque é muito importante que todos saibam. Aqui tem 471 famílias produzindo arroz ecológico, em 4 mil hectares de área com uma colheita prevista para esse ano de mais de 20 mil toneladas. Esse é Brasil que nós queremos, esse é o Brasil complexo, é um país complexo, um país que eu não concordo tudo com que o Stédile concorda, agora eu respeito a luta do Stédile e as propostas dele. Agora, esse país complexo tem de provar que a agricultura familiar, e que a agricultura familiar baseada em assentamentos da reforma agrária, é um alto negócio para as famílias e para o país. É um alto negócio para se colocar alimento de qualidade na mesa do povo brasileiro.

Eu era uma frequentadora lá da Feirinha da Redenção. Eu era uma frequentadora da Feirinha da Redenção, depois o pessoal aqui, que é de Porto Alegre, e mesmo que é da Grande Porto Alegre, sabe o que é a Feira da Redenção. O Brasil talvez não saiba, mas na Feira da Redenção se vende várias coisas, vários artesanatos, mas se vende produtos agroecológicos. Então, eu frequentava, no domingo, a Feira da Redenção para comprar produtos ecológicos. Sei que muitas famílias fazem isso. Então, é muito importante perceber que nós temos aqui uma qualidade de arroz e de produtos que são aqueles que muitos lugares dos Estados Unidos e da Europa pagam muito mais por isso do que pelo produto mais padronizado. Por quê? Porque é considerado um produto de qualidade. Tem um ali, que eu estava olhando, que é sem glúten. Então, eles produzem também sem glúten e sem o que mais... Aquilo, sem aquela coisa do leite, sem lactose. Sem glúten e sem lactose, eu sei por que muita gente hoje quer comer sem glúten e sem lactose.

Então, além disso, vocês aqui têm todas as condições para daqui só crescer. Mas aí eu quero dizer o seguinte: como é uma coisa que está começando, o governo tem de fazer a parte dele - o governo tem de fazer a parte dele. Nós viemos fazendo a nossa parte e tenho aqui, muitas vezes acertamos muito, outras vezes ainda estamos experimentando a política. Mas a verdade é que nós, de 2003 até 2014, tivemos uma política clara de fomento à produção da agricultura familiar.

Primeiro, nós criamos linhas de crédito, expandimos essas linhas de crédito - Pronaf e todos os outros mecanismos; depois, criamos seguro-agrícola para proteger quem produzia; depois, apoiamos a compra de equipamentos; depois ampliamos a oferta de assistência técnica. Mas eu concordo com muitos aqui que dizem que um grande alicerce do Programa

da Agricultura Familiar é o Programa de Aquisição de Alimentos. Foi ele, foi esse programa que permitiu que houvesse uma coisa que é essencial: segurança para o agricultor produzir. Segurança.

Mas aí eu quero falar uma coisa para vocês, que eu acho que serve de exemplo que vocês fizeram aqui: tem 150 mil famílias de agricultores que recebem o PAA. Dessas 150 mil, 3 mil, só 3 mil são cooperativas. E a gente olha e vê claramente que quem mais se beneficia são as cooperativas, porque elas concentram a força de um conjunto de agricultores. Então, eu estou querendo dizer duas coisas: eu estou querendo dizer que é importantíssimo manter, ampliar e melhorar, aperfeiçoar o PAA, mas é também importante que a gente se conscientize do que significa o que vocês construíram aqui numa cooperativa agroecológica. Significa que vocês vão usar com muito mais força esse programa.

Quero falar também do Pnae. O Pnae que é o programa que obriga a compra de alimentos da agricultura familiar para atender toda a estrutura de educação, ele é também um programa fundamental. Todos eles, Pnae, PAA, ele precisa da Conab, sim. E precisa da Conab porque a Conab representa aquilo que é difícil, que é a comercialização. Ela dá lá a garantia de comercialização. E nós temos clareza dessa questão e sabemos que temos de aperfeiçoar os mecanismos de comercialização e de apoio à comercialização, além do PAA e do chamado Programa Nacional de Alimentação Escolar. Hoje, nós abrimos uma chamada pública com o objetivo de comprar arroz ecológico. Isso nós abrimos pelo PAA.

Por que temos de comprar arroz ecológico? Porque quem dá o exemplo é o governo, o governo está dando um exemplo. Nós iremos comprar arroz ecológico para distribuir para onde sempre o PAA distribui. Se você olhar para onde vai as compras nossas - ela falou ali: "Vai para a Bahia". Ela é baiana. Não, mas com razão. Com razão ela falou isso. Mas para onde vão as cestas que nós fazemos? Quero dizer para vocês: vocês leem no jornal que tem enchente lá no Norte, no Acre, tem seca no Sudeste e tem seca no Nordeste. Essa cestas, e muitas delas podem até se originar daqui, elas vão justamente para atender também essas populações em estado de vulnerabilidade ou aquelas, que por vários motivos tem carência alimentar. Então, eu quero dizer que esse é um programa virtuoso, de todos os lados que você olhar, ele faz bem para a população.

Quero dizer também para vocês que nós temos clareza da importância do crédito e da importância que é os bancos públicos financiarem a agroindustrialização. Sabemos que a agroindústria aumenta a renda de cada uma das famílias quando você consegue ultrapassar essa etapa. E aí eu vi uma coisa extremamente interessante aqui. E me disseram que a primeira etapa de uma agroindústria num assentamento é a padaria das mulheres. E é interessante porque é a qualidade do pão, é aquela coisa que sempre há séculos nos alimentam. E aí colocaram um banco como o BNDES, mas não é só o BNDES não, colocar um banco como o Banco do Brasil, nessa questão do financiamento a agroecologia, eu vou assumir de público com vocês que é um compromisso meu.

E quero falar que o Terra Forte, ele foi muito bem sucedido em alguns casos, mas ele, como qualquer programa que começa, começa pequeno. E agora nós temos condição de ter várias experiências, eu fui em duas experiências do Terra Forte. Uma numa cooperativa de laticínios, uma cooperativa de laticínios de fazer inveja a muita empresa de laticínio. E uma outra experiência que estava também, essa estava bem incipiente, bem começando, era a produção de mudas, vários tipos de mudas para vendas de mudas para os setores específicos que compram mudas pelo Brasil inteiro.

Então, eu quero dizer para vocês que podem contar conosco nessa matéria. Um dos temas do meu governo vai ser a questão da agroindustrialização, dar condições aos agricultores familiares do nosso país. Dar condições a eles de agregar valor a sua produção e de produzir industrializando aquilo que eles plantam e colhem, ou aquilo que eles criam. Industrializando os produtos daí derivados. Outra questão que eu vi aqui e que achei também extremamente importante porque dá continuidade na cadeia produtiva, foi ali nas sementes - porque eu colhi sementes hoje. Ao colher sementes eu percebi claramente que a cooperativa passa a ser

autossustentável, ela controla o seu principal insumo que é a semente agroecológica. Então, é outra questão fundamental, é perceber que tem algumas áreas que quando a gente mexe nelas, a gente muda a qualidade do desenvolvimento.

Quero também dizer que eu tenho certeza que é esse o modelo de reforma agrária que a gente quer. Eu entendo perfeitamente que ao longo do tempo nós tivemos várias características na reforma agrária. Mas acho que todos nós amadurecemos numa direção: nós queremos assentamentos com essa qualidade, e daí porque um assentamento tem que ser um espaço de vida. Não posso olhar para o assentamento e achar que é algo estritamente, eu diria assim, rural entre aspas. Um assentamento, ele é rural ao se localizar na zona rural, mas ele tem características de urbanização dentro dele, de urbanização entendida como vida humana digna, num aglomerado social.

E aí, eu quero dizer para vocês duas coisas: meu compromisso com o Minha Casa, Minha Vida Rural, e meu compromisso não é só com o Pronera, não, mas é também com o Pronatec. Acho que nós temos de olhar, vai ter 12 milhões de vagas no Pronatec e daqui tem de sair daqui, desse e de outros assentamentos cooperativados, tem de sair também a demanda por formação, até para que a agronindustrialização seja, de fato, um momento fundamental. Eu tenho de formar técnicos, eu tenho de formar trabalhadores, eu tenho de dar sustentação. Por que o que nós queremos no fundo? É que a tecnologia seja absorvida, assistência técnica não é só ensinar a plantar, é, por exemplo, garantir acesso a toda uma estrutura de internet dentro dos assentamentos. É ter o jovem podendo viver aqui como vive em qualquer outro município do país. Isso não significa que ele tenha de ir para cidade, significa que você traz os serviços melhores e as melhores características da vida urbana para cá, não as piores, como é o congestionamento ou a poluição, isso nós não queremos que ocorra aqui.

Por fim, o ministro falou. Nós saímos, sim, do mapa da fome no mundo. A FAO que é uma organização das Nações Unidas, como vocês sabem tem um mapa de quais os países que se passa fome. Eu acho que nós podemos colocar no peito uma medalha, e quando eu falo nós eu incluo vocês. Qual é essa medalha? A medalha da inclusão social e da superação da miséria extrema, que isso só ocorre quando se combina duas coisas: política sociais de inclusão e de renda, trabalho e emprego e por último, também, agricultura familiar, porque um dos motivos pelos quais nós tiramos pessoas de situações de miséria, foi termos sido capazes de construir essa política.

Nós já atingimos o nosso objetivo? A resposta é não. Nós temos de continuar, inclusive, avançando na inclusão. Mas nós agora temos de dar outro passo, e esse outro passo é o tripé: cooperativa, agroecologia e agroindustrialização. Esse é o passo.

Nós queremos, portanto uma reforma agrária que tenha isso como base e também que crie assentamentos sustentáveis em que as pessoas vivam com condições de dignidade.

Agora, eu quero falar uma coisa para vocês - e aí eu estou encerrando, e estou encerrando mesmo - que é seguinte: nós temos vivido nos últimos dias e mês, nós temos vivido um momento bastante tenso no Brasil. E quero dizer para vocês aqui com a mais absoluta sinceridade, o governo nos últimos seis anos tomou todas as medidas possíveis para que a crise não atingisse a população do país. Nós aumentamos o subsídios, reduzimos os juros, nós desoneramos uma porção de coisas, entre essas coisas desoneramos a cesta básica, desoneramos a folha de pagamento, tomamos medidas para reduzir o custo da energia no Brasil quando o petróleo estava R\$ 120, nós não reajustamos R\$ 120, enfim. Absorvemos tudo isso como qualquer família quando enfrenta uma crise absorve, só tem um jeito. Pegamos o dinheiro do governo federal, que é chamado Orçamento Geral da União, e embutimos tudo isso dentro do orçamento. Durante seis sistemáticos anos, começando do final de 2009 passando por 2010 e chegando até 2014. Pois bem, agora nós não temos como continuar absorvendo tudo. Nós não estamos pedindo para ninguém assumir toda a responsabilidade, o que nós estamos dizendo é que algumas coisas nós continuamos assumindo, por exemplo: a desoneração da cesta básica no Brasil, que é responsável por um valor extremamente significativo nós vamos manter, vai continuar sem imposto a cesta base.

Mas a desoneração, por exemplo, da folha de pagamento de uma empresa que pagava 1% vai pagar 2,5%. Quem pagava 2%, vai pagar 4,5%, essa é a proposta. Nós não estamos acabando, nós estamos ajustando um pouco, porque nós não temos como assumir tudo.

Daí porque eu quero dizer para vocês: esse momento de dificuldade ele é passageiro e conjuntural. Tem gente no Brasil que aposta no quanto pior melhor, que são, eu acho até que são poucos, são chamados pescadores em águas turvas. O que querem não me interessa, o fato é que apostam contra o Brasil. Você não pode apostar contra o seu país. Nós só podemos superar essa situação, momentânea de dificuldade, juntos.

No passado, quando tinha qualquer problema internacional, o que acontecia com o país? Simples: o país quebrava. Quebrava. No dia seguinte quebrava. O que é quebrar? Não tinha dinheiro para pagar suas contas. Nós, nós eu falo aqui, somos 200 milhões, temos no nosso poder US\$ 375 bilhões de reservas, então os movimentos do mercado internacional ao atingir o Brasil, tem um bloqueio, tem uma redução de impacto. Por isso que eu falo: Nós somos um país equilibrado no fundamental, na base, no cerne, no coração. O nosso desequilíbrio é momentâneo, nós juntos aprovando o ajuste saímos disso no curto prazo. Por isso, que é importante aprovar os ajustes. Sabe por quê? Ajustar é dar vida, todo mundo faz isso. Nós não estamos ajustando porque gostamos ajustar. Estamos ajustando porque o país tem que continuar crescendo, gerando emprego e fazendo políticas sociais. E aí eu quero dizer uma coisa para vocês: o ajuste não acaba com a agroindustrialização, o ajuste não acaba com o Minha Casa, Minha Vida Rural. Nós temos 1,650 milhão de moradias em construção. Os 3 milhões novos é que nós abrimos o processo de discussão para saber quanto fica para Minha Casa, Minha Vida Entidades, quanto fica para Minha Casa Minha Vida Rural e mais: quem faz o Minha Casa, Minha Vida - é bom que vocês saibam - é a Caixa Econômica Federal para o empresário, ou para o movimento e esse faz diretamente para aquele que vai receber a casa. Os governos estaduais e as prefeituras cadastram, e o cadastro tem de ser público, o cadastro tem de ser transparente para ninguém usar o Minha Casa, Minha Vida em benefício próprio ou com outras intenções. O Minha Casa, Minha Vida é eminentemente um programa destinado para aquelas pessoas que não têm casa, que são muitas no Brasil tanto no campo, como na cidade. Nós já chegamos a 3,750 milhões e vamos fazer mais 3 milhões. Quando chegar em 2008 [2018] vão ter 6,750 milhões de casas construídas nesse país.

Quero dizer para vocês, mais uma vez, que a minha proposta - e eu acho que nós conquistamos o estágio de democracia. Ninguém tem de concordar com ninguém em tudo, eu não estou aqui pedindo para concordarem com tudo que o governo faz, mas para entenderem o que nós queremos com um movimento como o de vocês, o que eu nós queremos? Nós queremos diálogo, muito diálogo, nós queremos sugestões, nós queremos que vocês digam para nós o que está dando certo e o que não tá dando certo, por quê? Porque só assim que se aperfeiçoa. Nada nasce pronto, tudo é fruto do esforço e do trabalho. E esse esforço e esse trabalho é que dignificam a minha relação, a relação do governo com o MST, com os assentados, com a agricultura familiar.

Dialogar é, necessariamente, uma posição de humildade, mas não é de humildade para ir para o céu, não, você tem toda razão, não é para ir para o céu. Não que agente seja contra ir para o céu, mas é para fazer o seguinte: é quando você dialoga, você tem de olhar para pessoa com a qual você está dialogando e considerá-la um igual a você, nem melhor, nem pior do que você, tratar como igual, é isso que é dialogar. Por isso, eu tenho muito a agradecer a vocês, uma parte muito importante do que foi construído é fruto deste fato, da gente ter dialogado. Nem sempre concordamos em tudo, vou repetir. Mas dialogar até cansar, nós temos de fazer. Por isso, quero dizer para vocês que, para mim, é um orgulho ter estado aqui, é um orgulho num país como o nosso, vou repetir, é complexo, é diverso, não pode ser só uma coisa, nem só outra, é muito importante agricultura familiar e provar, porque isso é muito importante até para a América Latina, provar que é possível, sim, ter um desenvolvimento sustentável, de alta qualidade, de alta qualidade baseada em assentamentos da reforma agrária.

Muito obrigada.

ouça a íntegra do discurso (13min13s) da Presidenta.
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-da-unidade-de-secagem-e-armazenagem-da-cooperativa-regional-dos-assentados-de-porto-alegre-cootap-eldorado-do-sul-rs-33min23s>)

24-03-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura da Medida Provisória da Política do Salário Mínimo

Palácio do Planalto, 24 de março de 2015

Boa tarde a todos.

Eu queria cumprimentar o nosso vice-presidente, Michel Temer,

Os ministros de Estado aqui presentes: Aloizio Mercadante, da Casa Civil; Manoel Dias, do Trabalho e Emprego; Carlos Gabas, da Previdência Social; Nelson Barbosa, do Planejamento, Orçamento e Gestão; Miguel Rosseto, da Secretaria-Geral; o general José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional; o ministro Pepe Vargas, da Secretaria de Relações Institucionais.

Cumprimento também os senadores José Pimentel, líder do governo; Benedito de Lira, Eunício Oliveira.

Cumprimento o deputado José Guimarães, líder do governo na Câmara dos Deputados. Por intermédio dele, cumprimento todos os deputados aqui presentes.

Queria cumprimentar os representantes dos movimentos sindicais: José Calixto Ramos, da Nova Central Sindical dos Trabalhadores; Lourenço do Prado, da União Geral dos Trabalhadores; Miguel Torres, da Força Sindical, Wagner Freitas, da Central Única dos Trabalhadores.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

A Política Nacional de Valorização do Salário Mínimo, ela foi implantada ainda no governo do presidente Lula e ela vigia, ano a ano, e ano a ano se mandava um projeto para o Congresso. Em 2011 nós mandamos um projeto que tinha a visão de um período de governo, então nós mandamos um projeto que ia de 2011 até 2015, cobrindo este ano. Agora, nós estamos enviando um outro projeto que cobre de 2015 a 2019. Portanto, até 2019, essa política que representou um ganho real do salário dos trabalhadores mais pobres desse País, ela passa a ser, novamente, uma realidade.

É importante lembrar que nesse período nós tivemos um reajuste de em torno de 70%, em torno disso. E isso representou, certamente, um dos motivos pelos quais nós conseguimos passar por esse momento de dificuldade da crise que começa em 2008, de uma forma a não ter a perda decorrente dos processos de redução do crescimento econômico, não só no Brasil, mas em todas as economias, nas costas dos trabalhadores.

Então, pela segunda vez eu assino, com muito orgulho, esta lei. E quero dizer o seguinte: com isso, eu acredito que nós damos também um passo em reforçar algo que no Brasil, no passado - hoje nós achamos que é normal, que isso que eu estou fazendo é normal -, mas eu queria lembrar que no passado chegar a US\$ 100 o salário mínimo era algo que era objetivo de uma luta política que abrangia todos os movimentos e muitos partidos políticos. Agora nós temos uma situação de sistemático reajuste e valorização do salário mínimo. Eu considero que isso é muito importante e, sobretudo, creio que é um sustentáculo do desenvolvimento, porque nós estamos num momento muito específico no Brasil.

Nós, ao longo dos últimos anos, tivemos de segurar, no nosso orçamento, uma série de medidas que se chamam contracíclicas e que abrangia desde a área social até a área econômica. Mas, sobretudo, a área econômica tentando manter o nível de atividade econômica. Com isso, nós criamos um programa de sustentação do investimento; esse programa de sustentação do investimento tinha taxas de juros muito atrativas de 2,5% a 4%. Nós desoneramos sistematicamente, nós buscamos de todas as formas impedir que o Brasil tivesse uma crise em profundidade.

Muitas pessoas acham que não valeu a pena, não foi suficiente ou não ocorreu. É óbvio que essas pessoas não olham o que teria acontecido se nós não tivéssemos feito tanto a política de sustentação de investimento, como as desonerações, como as subvenções, também, que fizemos.

Qual é a situação atual? A situação atual é que nós tivemos uma queda muito grande na arrecadação do País. Porém, este País é um país que tem uma economia sólida. Nós não temos nenhum desequilíbrio, nenhum endividamento excessivo do Estado brasileiro, nenhuma perda de controle do Estado brasileiro. Não temos uma fragilidade em relação à economia internacional e suas flutuações, as nossas reservas, elas são expressivas. Enfim, o País está passando por uma dificuldade conjuntural.

O que é a tradicional reação no passado? O País, quando tinha esse tipo de dificuldade, ele quebrava, porque ele não aguentava a turbulência que vinha do mercado internacional. Então, não só ele quebrava porque ele não tinha reservas para bancar desvalorização, como ele quebrava porque a sua estrutura econômica, seu setor privado, o conjunto dos trabalhadores, o setor agrícola, ele era mais fragilizado naquela época. Hoje nós temos uma situação diferente. Nós estamos enfrentando a crise, e a crise, ela decorre também, de fatores que não controlamos como, por exemplo, a seca, que tudo indica está em processo de diminuir. Choveu bastante no Nordeste esta semana, nós temos um nível de aumento dos reservatórios muito importante, tudo isso começa a reequilibrar o País novamente.

Mas, sobretudo, eu quero explicar uma coisa do ajuste. Todo mundo acha que o ajuste tira, o ajuste não tira, o reajuste.... o ajuste reajusta. Vou explicar o que é isso. O meu PSI do passado, estou falando o meu no sentido o seguinte: aquele PSI do passado, ele era 2,5%, 4%. Hoje, os juros são maiores. Porque se ele se mantivesse em 2,5% 4%, o governo federal tinha de aguentar a diferença entre 2,5% e 12,5% mais um spread. Nós não vamos, nós não temos dinheiro para aguentar isso. Temos dinheiro para aguentar uma variação disso. Qual é a variação disso? 6% a 8%, 6% a 9%. É isso que nós temos recursos.

A mesma coisa na política de desoneração da folha. Nós fizemos a política de desoneração da folha porque percebemos que havia uma situação de extrema desigualdade na questão da competição no Brasil com os países internacionais, principalmente, porque já tivemos um câmbio, inclusive, extremamente difícil para todos nós, quando o câmbio chegou a US\$ 1 para R\$ 1,60. Este momento, então, levou ao que a gente fizesse o Plano Brasil Maior, que desonerasse bastante. Nós mantemos hoje toda desoneração do investimento, nós não mexemos na desoneração do investimento, a desoneração do investimento continua absolutamente no lugar onde deve estar. Ou seja, ela é fundamental para um país que quer crescer. Então nós não mexemos na desoneração do investimento.

Nós mexemos na desoneração da cesta básica? Também não mexemos a desoneração da cesta básica. E é bom dizer que pela primeira vez no Brasil a cesta básica é integralmente desonerada, é importante que a gente registre o que não está sendo mexido.

Bom, está sendo mexido na desoneração da folha. Está sendo, é verdade. Nós passamos de 2%... de 1% para 2,5% e de 2,5% para 4,5%, não acabamos com a desoneração da folha e demos opção para que quem não se sentir em condições de ficar nessa situação possa voltar à situação anterior sem perda. Então, eu estou querendo explicar que os ajustes, eles não têm um sentido em si. Eles têm um sentido de se adaptar às circunstâncias que nós estamos. E isto significa que certas políticas têm que ser mantidas. Eu fiz toda essa conversa para chegar nisso.

É importante o Brasil continuar com a política de valorização do salário mínimo. Por que é importante? Porque é o reconhecimento que o crescimento econômico, ele não se dá em detrimento do trabalhador. Nem tampouco o crescimento econômico se dará com a gente reduzindo políticas sociais. Nós vamos manter todas as políticas sociais. Por exemplo, nós manteremos o Minha Casa, Minha Vida, o Bolsa Família... elas terão o mesmo espaço que têm. Agora, para fazer isso eu quero reconhecer que o governo federal vai fazer profundos cortes no seu gasto, vai buscar ineficiência em todos os ministérios. Nós queremos embolsar o dinheiro? Não. Nós queremos que esse dinheiro seja aquele que vá sustentar os programas sociais.

Então, vocês - e eu agradeço aos senhores deputados aqui presentes, e aos senhores senadores, representando a base aliada. O que eu agradeço? Primeiro, eu agradeço essa força para que a gente aprove e para que a gente mande, como medida provisória, medida de urgência, com vigência imediata, a questão do salário mínimo. Agradeço aos deputados e aos senadores, porque isso faz parte de um acordo entre nós. Agradeço, e em nome do governo estou agradecendo, em nome do vice-presidente. Mas também agradeço a... eu acho uma parceria que nós temos de ter, no sentido de construir um caminho para que o Brasil saia o mais rapidamente possível dessa situação. Não vou dizer que nós vamos sair depois de amanhã, não vou dizer que nós vamos sair... em que data nós vamos sair.

Mas eu quero assegurar a vocês algumas coisas. Primeiro, nós não temos uma crise estrutural. O Brasil não tem uma crise estrutural. A crise do Brasil é uma crise que é mais das finanças públicas, porque nós temos de mudar o nível de política contracíclica que fazemos, do que de qualquer outra questão. E nós vamos fazer isso, o governo está empenhado no ajuste, o governo sabe que o ajuste é fundamental para o Brasil - fundamental para o Brasil. Isto não significa que as políticas sociais não estejam mantidas. E o maior exemplo disso é que hoje nós mandamos essa Medida Provisória de Valorização do Salário Mínimo.

Esse é um compromisso que eu sempre tive, mantive, defendi durante a campanha, mantenho e acho que ele faz parte do que mudou no Brasil. Eu acho que se a gente elencar as coisas que mudaram no Brasil, uma delas é a valorização do salário mínimo, responsável pela, eu acho, pela expansão do consumo. É importante a expansão do consumo no Brasil. É importante um país que tem uma demanda reprimida do tamanho da nossa, ele ter acesso a uma política que valoriza um conjunto imenso de trabalhadores, e que garanta que esses trabalhadores tenham acesso aos bens da sociedade moderna, mas também às condições mínimas de vida, é fundamental.

Eu não acredito que só a política de valorização do salário mínimo, ela é a solução para tudo. Agora, que ela é central em qualquer processo de desenvolvimento, ela é, é central. Acho que combinada com outras políticas. A gente não pode esquecer, por exemplo, dos micro e pequenos empreendedores; nós não podemos esquecer de todo o setor rural; nós não podemos esquecer de toda a indústria; nós não podemos esquecer de nada. E acontece uma coisa que, para mim, é muito importante: acho que nós temos hoje, no Brasil, também, um momento de grande consciência de que é possível o país... e isso vai acontecer não vai ser só agora. Toda economia, ela tem ciclos, por isso que a política chama contracíclica. O que nós temos de provar para nós que, ao contrário do passado quando, no ciclo, havia uma desorganização geral do processo econômico, dos investimentos, dos investimentos em infraestrutura, e a gente passava um período de anos e anos a fio sem investir, sem ter políticas sociais, isso mudou. Nós podemos enfrentar os ciclos - e temos de ter clareza disso - podemos enfrentar os ciclos de forma a garantir que as conquistas que nós atingimos não sejam comprometidas, e que a gente sempre parta de um patamar de maior avanço para se projetar no futuro.

Então, eu quero dizer que para mim é um momento muito especial, ele é representativo. Mais uma vez agradeço aos senhores parlamentares, porque eu tenho certeza que foi pela sugestão, pela compreensão, pela participação dos senhores que nós estamos dando esse passo.

E aí eu quero encerrar dizendo: tenho consciência da importância dos senhores, agora, tenho também das Centrais. Por que das Centrais? E eu quero me referir, no final às Centrais. Porque as Centrais tiveram um papel neste País, um papel relevante. Elas construíram um governo, não foi o governo que construiu sozinho a Política de Valorização do Salário Mínimo. A Política de Valorização do Salário Mínimo, ela foi construída em várias mãos. Uma parte expressiva dessas mãos foram as Centrais. Eu sei que não estão todas aqui, mas foram todas as Centrais que construíram essa política, e isso resulta também numa outra característica importante que deve ser o patamar do qual nós sempre vamos partir: do reconhecimento que os movimentos sociais, as Centrais e todos os movimentos que representam a parte organizada da população brasileira, elas são muito importantes quando se trata de políticas sociais. Nós não achamos que a gente concorda em tudo, não. Aliás, nós sabemos sempre que é da relação política democrática receber e aceitar críticas, recebemos e aceitamos. Agora, também, fazemos por onde atender algumas reivindicações que são estratégicas. Eu sei que durante algum tempo houve muito temor que essa Política de Valorização do Salário Mínimo não ia se verificar. Houve esse temor, houve até esse debate. E acho que o Brasil, mais uma vez, mostra sua maturidade ao superar isso.

Então, agradeço a todos os presentes. Aos senhores senadores, aos senhores deputados, às Centrais dos Trabalhadores e a todos aqui presentes.

Muito obrigada.

Ouça a íntegra do discurso (18min03s) da Presidenta.
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-assinatura-da-medida-provisoria-da-politica-do-salario-minimo-brasilia-18min03s>)

30-03-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de 1.032 unidades habitacionais do Conjunto José Rodrigues de Sousa, do Programa Minha Casa, Minha Vida

Capanema-PA, 30 de março de 2015

Eu queria iniciar cumprimentando a todos aqui presentes. As nossas queridas companheiras, mães, esposas, namoradas.

Queria cumprimentar também a todos os companheiros aqui presentes.

E vou saudar a Tatiana, o Ângelo, a Maria Luiza, o João Celino e a Maria Benedita, que em nome de todos os 1.032 moradores... desculpa, em nome das 1.032 famílias que recebem, hoje, as suas casas aqui, que eu gostaria de abraçar cada um aqui e cada uma. Eu fico muito feliz, não posso dar às 1.032 famílias, às donas de casa, aos pais de famílias eu não posso dar o meu cumprimento pessoal em presença segurando na mão e abraçando. Mas eu quero dizer que vocês recebam, cada um, um abraço que eu estou dando como aquele que eu dei para aqueles que receberam a chave.

Eu quero dizer que esse conjunto residencial que eu visitei - e vocês sabem que eu olho sempre cada detalhe do conjunto habitacional -, ele é um conjunto digno de paraenses habitarem, de moradores aqui de Capanema habitarem. Então, estou muito feliz de estar aqui e começo saudando eles.

Saúdo também os trabalhadores que construíram essas moradias e que muitos podem estar aqui com suas famílias. Quero dizer também que, além de casas, o Minha Casa, Minha Vida gera empregos, gera renda, gera desenvolvimento.

Vou cumprimentar o vice-governador do Pará, José da Cruz Marinho, e agradecer as palavras generosas e carinhosas que ele me dirigiu em nome do governador.

Cumprimento também o ministro Gilberto Kassab, das Cidades, que hoje me acompanha aqui juntamente com a Miriam Belchior, presidente da Caixa, para que nós possamos entregar esse grande desafio que foi fazer um programa habitacional no Brasil

Queria dirigir um cumprimento especial a um paraense, a um paraense que eu tenho o orgulho de entregar o meu ministério que é o ministro da Pesca, Helder Barbalho.

Queria cumprimentar também o prefeito de Capanema, Elson Martins, e a Tatiana Martins, primeira-dama do município.

Cumprimento o senador Paulo Rocha e a senhora Antonia Eliana Pinto.

Cumprimento os deputados federais aqui presentes. Porque os deputados federais aprovaram esse projeto, ajudaram a discutir esse projeto, portanto, com eles a gente também divide o que é um projeto que eu acredito que engrandece o Brasil porque assegura para as famílias desse país, segurança e dignidade.

Cumprimento o deputado Beto Faro, a deputada Elcione Barbalho, o deputado Lúcio Vale, a deputada Simone Morgado e o deputado José Geraldo.

Cumprimento também os deputados estaduais aqui presentes: Airton Faleiro, Carlos Bordalo, Cilene Couto, Eraldo Pimenta, Iran Lima, Jaques Neves e Soldado Tércio.

Cumprimento o vereador Rubens Anselmo de Oliveira, presidente da Câmara Municipal de Capanema.

Queria dirigir um cumprimento muito especial às lideranças dos movimentos de moradias, o Adamor da Silva Nunes, representante da Central dos Trabalhadores do Brasil da CTB, a Odália Figueiredo Leal da Confederação Nacional da Associações de Moradia, o Miguel Lobato, do Movimento Nacional de Luta pela Moradia, o Paulo Coenga, da Central de Movimentos Populares, o Paulo Afonso da União Nacional de Moradia Popular.

Agora eu paro aqui e queria cumprimentar os senhores prefeitos e prefeitas, espero que tenha prefeitas, aqui dessa grande região do Nordeste do Pará.

Cumprimento também a Leci Garcia, que é diretora da construtora Síntese Engenharia, responsável pela construção dessas moradias. E testemunhar que é impressionante como dentro das moradias é muito mais agradável do que fora, em termos de clima, assim do calor, eu fiquei impressionada como essa técnica construtiva isola o calor.

Quero cumprimentar as senhoras jornalistas, os senhores jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

De fato, são 1.032 famílias que hoje ganham a chave. E aí nós sabemos uma coisa no Brasil: nós temos certeza que o Brasil está nesse momento, na fase final da superação da extrema pobreza. Mas nós sempre dissemos que a superação da extrema pobreza é só um começo. E por que ela é só um começo? Porque o Brasil precisa de assegurar não só infraestrutura social e urbana, e aí, a infraestrutura mais importante para uma família: poder criar seus filhos, poder ter segurança, poder levar seus filhos e dar a eles uma vida digna e superar as condições que muitas vezes condenam o povo brasileiro, ou famílias integrantes do nosso povo a morar de favor, pode ser em casa de parente, mas está morando de favor, muitas vezes no quintal; ou a pagar um aluguel e morar em condições extremamente precárias.

Nós sabemos, portanto, que romper com isso é algo fundamental para o país. Porque o Brasil precisa de cidadãos e cidadãs que sejam tratados como cidadãos e cidadãs de primeira classe. Quando agente entra em uma das casas do Minha Casa, Minha Vida, o quê que a gente pensa? Se ali é um lugar bom para as pessoas, para as crianças e para os jovens morarem. Para as mães de família criarem seus filhos, para os pais de família também garantirem e assegurarem uma boas condição de vida para si mesmos e para o seu futuro. Porque nós sempre queremos que as oportunidades que nós tivemos sejam menores do que as oportunidades que os nossos filhos e netos terão. Porque isso significa o futuro do país. Então, quero dizer para vocês que sempre, no Minha Casa, Minha Vida, nós olhamos a qualidade do piso; é cerâmicas. Nós olhamos se as aberturas, as janelas permitem insolação. Elas estão permitindo. Se o ambiente interno é agradável, porque as pessoas têm direito a uma vida de conforto e não podemos aceitar qualquer - qualquer - tipo de restrição ao direito de cada um dos brasileiros viver com dignidade, conforto e criar seus filhos.

Por isso, quando vocês pegarem essa chave e abrirem a porta, vocês tenham oportunidade de abrir a porta para um futuro melhor também. Aqui, vocês terão acesso a apartamentos dignos e a apenas 2km a escolas e postos de saúde. Mas aqui dentro também vai haver espaços de convivência e lazer. Porque todo mundo precisa de convívio, de lazer. De ter atividade, as crianças precisam de estar amparadas por espaços públicos nos quais elas possam de brincar a fazer um esporte, ou participar de uma atividade cultural. Por isso, isso significa que, aqui, nós queremos que haja, numa comunidade - porque trata-se de uma comunidade - em que as pessoas têm de ser solidárias, das melhores características do ser humano se manifestem, que é a solidariedade. E é uma coisa que nos distingue a todos, adultos, é a responsabilidade com as crianças e com os jovens. Então, aqui nós queremos que se construa um outro tipo de vida para todos os brasileiros e as brasileiras.

Eu tenho muito orgulho. Eu tenho muito orgulho porque aqui no estado do Pará já são 46.500 famílias que receberam as chaves do Minha Casa, Minha Vida. Se a gente somar com as outras 89 mil moradias em construção, nós chegamos a 135 mil moradias o que, basicamente, se você multiplicar os 135 mil por 4, chega a quase 7 % de toda a população do Pará. É um grande esforço que nós fazemos, e é um esforço digno. Por que que é digno? Porque quando se está no governo, principalmente quando se dirige um país dessa dimensão, continental, com uma população de 200 milhões, você não pode fazer um programa pequenininho, você tem de fazer um programa que atenda as demandas de 200 milhões.

Então, é por isso que é muito importante hoje perceber que em alguns lugares nós já atendemos quase 7% da população. Considerando que o Brasil tem sido atendido nos seus diferentes municípios, nós acreditamos que o Minha Casa, Minha Vida está cumprindo, sim, os seus objetivos. Para um programa desse tamanho, que já entregou mais de 2,1 milhões de moradias, e que tem ainda 1,6 milhão para serem entregues, este é um programa muito bem sucedido. Mas aí eu queria dizer para vocês por que que ele foi bem sucedido? Ele foi bem sucedido porque nós dialogamos com os prefeitos; porque nós dialogamos com os movimentos sociais; porque nós dialogamos com os empresários. E criamos um modelo, ele é fruto de um modelo em que o que nós queremos primeiro atender é um princípio muito claro: o dinheiro do governo federal tem de beneficiar as famílias.

Portanto, esse dinheiro, que é um dinheiro que sai do orçamento federal e que beneficia as famílias, ele tem de ser muito bem empregado. Daí porque o objetivo desse programa, primeiro, é isso: garantir que as famílias que recebam a casa sejam as que mais precisam. E evitar qualquer uso político da entrega das casas. Por isso, as pessoas que recebem foram cadastradas e, preferencialmente, terão a partir de agora, também, a escolha dentro do cadastro feita por sorteio. Ou seja, cadastrem-se. Quem quiser, cadastre-se. E saiba que não vai ter interferência, vai ser por um critério e quem cadastra é quem pode receber, quem recebe primeiro é quem for sorteado. Isso é fundamental para que as pessoas tenham acesso.

E aí vem a boa notícia: nós temos isso, aí nós vamos abrir mais 3 milhões, 3 milhões de moradias, 3 milhões. E a partir desses 3 milhões nós vamos aprendendo e aperfeiçoando. Portanto, a gente sempre recebe as sugestões, a gente recebe os pleitos e até as críticas, como uma forma de melhorar o programa. E eu tenho certeza que o Minha Casa, Minha Vida 3 vai dar um passo além do que nós demos no Minha Casa, Minha Vida 2, para ser ainda melhor. A gente começou lá atrás no Minha Casa, Minha Vida 1. No Minha Casa, Minha Vida 1 o chão era de cimento, nós mudamos para chão de cerâmica quando fomos para o Minha Casa, Minha Vida 2. Outras mudanças para melhor, nós vamos fazer aqui quando a gente abrir o Minha Casa, Minha Vida 3.

Então, quando eu vou numa cerimônia dessas, muitas pessoas dizem para mim: “Mas, presidenta, eu não fui escolhida”. “Mas presidenta, eu também quero a minha oportunidade”. Então, eu digo para vocês: vocês, ao longo dos próximos quatro anos, terão oportunidades, também, de ter acesso ao Minha Casa, Minha Vida - quem não teve. Quem não teve, vai poder ter acesso ao Minha Casa, Minha Vida. E quero dizer isso: serão mais 3 milhões. Quando a gente chegar no final de 2018, nós teremos, então, 6,750 milhões de moradias do Minha Casa, Minha Vida contratadas. O que é muito importante porque com isso nós vamos diminuindo o grau de exclusão social de moradia, que talvez seja o mais grave. Porque quando você tem uma casa, você tem condições de construir e dar conta da sua família. Quando você não tem onde morar - porque a primeira necessidade básica é o abrigo -, então a coisa fica muito difícil. Por isso, para mim, o Minha Casa, Minha Vida é um programa estratégico. Por isso, ele cobre o Brasil inteiro de Norte a Sul e de Leste a Oeste.

Aqui em Capanema eu tenho muito orgulho de trabalhar sempre em parceria. Eleição é eleição, governo é governo. Governo a gente tem de cooperar com quem foi eleito pelo voto direto do povo, não importa quem seja. Portanto, aqui em Capanema nós temos em construção, recursos, aliás disponibilizados para prefeitura construir cinco creches, quatro delas já estão em obra e vamos continuar no nosso ritmo. Por quê? Creche junto com casa rima com criança. Por que que creche e casa rima com criança? Porque o futuro, vocês

podem ter certeza, o futuro no Brasil passa pela nossa capacidade de darmos segurança, dignidade na moradia, mas sobretudo, educação de qualidade para cada um dos brasileiros e das brasileiras. E creche, creche é a chave para você acabar com as desigualdades de oportunidades.

Porque uma criança, se ela tiver os mesmos incentivos, uma criança mais pobre, se tiver os mesmos incentivos que uma criança de classe média, ela, ao longo da vida, com a sua oportunidade, com os valores do trabalho, com uma visão moral e ética adequada da vida, ela chega a atingir todas e todos os patamares de qualquer um que nasceu em berço de ouro, eu tenho certeza disso. Por isso, creche para mim tem sido algo fundamental.

Nós contratamos 6 mil creches, agora, temos de fazer o processo de entregas das creches. Aqui então, eu tenho muito orgulho de ter cinco creches. Além disso, outra coisa que eu tenho orgulho que aconteceu aqui no município e quero dizer que vai ter mais oportunidades é o Pronatec. No município aqui nós temos 455 jovens e trabalhadores que cursaram o Pronatec, nos outros municípios os senhores prefeitos e prefeitas também eu tenho certeza que outros jovens e trabalhadores tiveram essa oportunidade. Pois bem, o Pronatec que nós conseguimos atingir 8 milhões em parceria com o Sebrae, em parceria com o Senai, como todos os serviços... o Senac, obrigada. O Senar e o Senat, já falando todos, essa parceria, ela veio para ficar. Então nós também iremos contratar mais 12 milhões de vagas para que as pessoas tenham oportunidade de ter uma melhor formação.

Eu vou falar de uma coisa que eu julgo importante porque nenhum país do mundo - nenhum - você não tem um caso que um país do mundo tenha conseguido virar país desenvolvido sem universidade, sem escolas técnicas. As duas coisas são requisitos. Eu tenho orgulho de ter criado uma universidade aqui, a do Sul e a do Sudeste do Pará no meu governo. O Lula criou no governo dele a do Oeste do Pará. Nós, portanto, abrimos duas Universidades e 17 novos campos; 13 deles eu abri no meu governo. Com isso, nós dobramos a capacidade de campus aqui. Eu hoje, inclusive, fiquei muito feliz de saber que a Universidade Federal Rural do Amazonas está... da Amazônia? Mais bonito o nome ainda. Da Amazônia. A Universidade Federal Rural da Amazônia porque a Amazônia inclui o Amazonas e o Pará, já entendi. A Universidade Federal Rural da Amazônia, ela está aqui perto e ela está em processo final de construção.

Quero dizer também que eu, de fato, compartilho com aqueles que acham que o Pará é um dos estados mais ricos do Brasil, mais ricos pela sua população; mais ricos por seus recursos naturais; enfim, mais ricos porque se a gente, todos nós juntos: governo federal, governo estadual, governo municipal nos unirmos e pegarmos junto com o Senado e a Câmara Federal nós, de fato, iremos trazer para aqui o nível de desenvolvimento que o Pará merece. Por isso, eu tenho muito orgulho de estar aqui em construção - algumas, no final já, ou até, se eu não me engano, uma delas já foi concluída, vou me referir a três hidrelétricas: Belo Monte, Teles Pires e Santo Antônio do Jari.

Outra coisa que é fundamental é investir em aeroportos regionais. É compromisso do meu governo ampliar os aeroportos regionais pelo Brasil afora. Muitos lugares do Norte só se atinge por avião. Daí porque os 24 aeroportos que nós vamos fazer aqui no Pará contribuirão para isso. Quero me referir também a algumas obras, como é a de ferrovia Sinop - Miritituba. Como é que liga o Mato Grosso e que liga o Mato Grosso ao Pará e que permite o escoamento da safra. E também a hidrovía Araguaia - Tocantins, que tem no Pedral do Lourenço um desafio. E que eu vim aqui, se eu não me engano, no ano passado, se não foi no ano passado, foi no final do 2013, e disse para vocês que o Pedral do Lourenço, a gente iria resolver. E nós, eu quero assumir novamente esse compromisso. É uma obra complexa porque nós, nunca... o Brasil, apesar de ter rios navegáveis, nunca investiu em rio. Nunca. Mas nós vamos investir porque é uma riqueza inigualável aqui do Norte do país. O Sul e Sudeste já tem infraestrutura por demais, agora cabe a nós garantir que a parte de cima do Brasil tenha as mesmas oportunidades de infraestrutura que a parte Sul.

Eu fiz esse pequeno balanço, não chega a ser um balanço, para dizer para vocês que o governo federal continua com o compromisso com a população do Pará, como todos os paraenses nesse meu segundo mandato. É óbvio que nós todos sabemos que o Brasil está

enfrentando algumas dificuldades, mas eu sempre esclareço: são dificuldade passageiras. Uma coisa é você ter de ajustar um pouco seu orçamento. Outra coisa é você ter de reformar tudo. Nós não temos de reformar tudo. Por quê? Porque o Brasil tem uma base sólida. Qual é a base sólida do Brasil? O Brasil é hoje um país que tem reservas em dólar suficiente para aguentar qualquer crise internacional de volatilidade. O Brasil tem uma estrutura bancária que não está nem um pouco comprometida, como é o caso de outros sistemas financeiros, como é o caso de países desenvolvidos. O Brasil teve, ao longo dos últimos oito anos, eu não digo oito anos, mais para seis anos, nós tivemos de segurar a onda, um verdadeiro tsunami da crise internacional, que desempregou 60 milhões de pessoas na Europa; que tirou direitos; que acabou com garantia de emprego; enfim, produziu uma catástrofe social a ponto de países, como a Espanha, terem volumes de desempregos que a gente jamais conheceu, em torno de 18% de desempregados. E quando você olha para a juventude, chega a 32%. O Brasil não fez isso. Nós trouxemos para o governo federal, nós subsidiamos créditos, nós desoneramos. Agora nós vamos fazer um reajuste nessas políticas. Nós vamos continuar desonerando, por exemplo, a cesta básica. Nós vamos continuar dando subsídio ao crédito, como é o caso aqui do Minha Casa, Minha Vida. Nós vamos continuar garantindo programas sociais como o Bolsa Família.

Aliás, eu aproveito e digo para as mães do Bolsa Família: não deixem de mandar seus filhos para a escola, não deixem de vacinar as crianças. Por quê? Três meses consecutivos sem a criança estar matriculada, ou três meses consecutivos para além da data da vacina, o programa Bolsa Família suspende a bolsa. Porque o programa Bolsa Família, ele dá certo não é só pela quantidade de recursos que ele coloca, mas é sobretudo porque ele tem, para receber, tem de colocar a criança na escola, para receber tem de vacinar a criança. Não tem nenhum problema, não fez isso, vai no mês seguinte e faz que volta a receber. Agora, é fundamental que as crianças tenham vacina, tenham assistência médica e tenham escola.

Então, voltando para vocês: pode ter certeza que o Brasil é muito maior do que esses problemas que nós estamos passando. Agora, uma coisa também vocês podem ter certeza: Nós, o governo federal, não vai descansar um minuto, não vai parar um segundo, não vai ser detido por nada. Nós vamos fazer o Brasil crescer, gerar emprego e manter essa expansão de programas sociais como é o caso do Minha Casa, Minha Vida. E hoje, eu quero agradecer as orações do prefeito, do governador e de todas as pessoas que se aproximaram de mim e disseram que oram por mim. Essas orações são uma forma de vocês estarem juntos nesse esforço, mas eu queria também que você, em cada área da atividade de vocês, procurassem sempre - procurassem sempre perceber o que é o bem do Brasil, para onde o Brasil deve caminhar. Eu tenho certeza que nós todos aqui vamos concordar: o Brasil tem de continuar caminhando para garantir a todos os brasileiros e brasileiras que não têm casas próprias, casas da melhor qualidade possível, dentro das suas rendas, porque de nada adianta construir uma casa e as pessoas terem como pagar a prestação. Por isso, eu tenho certeza que nós vamos seguir nessa trilha e nada no mundo vai nos tirar dela.

Quero desejar a todos um bom dia, uma Feliz Páscoa e que todos nós estejamos juntos lutando por esse país.

Muito obrigada!

[Ouça a íntegra do discurso \(14min25s\) da Presidenta. \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-entrega-de-1-032-unidades-habitacionais-do-conjunto-jose-rodrigues-de-sousa-do-programa-minha-casa-minha-vida-capanema-pa-32min39s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-entrega-de-1-032-unidades-habitacionais-do-conjunto-jose-rodrigues-de-sousa-do-programa-minha-casa-minha-vida-capanema-pa-32min39s)

31-03-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de posse do novo Ministro-Chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, Edinho Silva

Palácio do Planalto, 31 de março de 2015

Queria iniciar cumprimentando o vice-presidente, Michel Temer.

O nosso presidente José Sarney.

Cumprimentar o agora ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social, Edinho Silva. Caros familiares do Edinho aqui presentes.

Queria cumprimentar os ministros de estado cumprimentando o ministro Aloizio Mercadante, da Casa Civil, e agradecendo a presença de todos eles aqui na posse do ministro Edinho Silva.

Cumprimentar o senador Donizeti Nogueira.

Cumprimentar os deputados federais: José Guimarães, líder do governo na Câmara dos Deputados; Alex Manente, Andres Sanchez, Aliel Machado, Baleia Rossi, Carlos Zarattini, Christiane de Souza Yared, Fábio Farias, Moses Rodrigues, Nelson Marquezelli, Nilton Tatto, Orlando Silva, Paulão, Paulo Ferreira, Ricardo Barros, Valmir Prascedelli, Vicente Cândido.

Cumprimentar a senhora vice-governadora do Paraná, Cida Borghetti.

O senhor Renato Rabelo, presidente do Partido Comunista do Brasil.

Cumprimentar os senhores fotógrafos, cinegrafistas, e as senhoras e os senhores jornalistas.

Primeiro eu quero registrar meu profundo agradecimento ao jornalista Thomas Traumann. Rendo-lhe o devido e justo reconhecimento por ter emprestado à Secretaria de Comunicação Social seu prestígio de jornalista respeitado em todo o país, e ter se dedicado com tanto afinco a um trabalho difícil, delicado e exaustivo. Passamos juntos por momentos complexos, mas também alcançamos juntos muitas vitórias importantes. Eu espero que Thomas Traumann conquiste muito sucesso em seus novos desafios profissionais.

Dou as mais calorosas boas-vindas a um companheiro, a uma pessoa íntegra e respeitável, a Edinho Silva, que hoje assume o comando da Secom. Ao fazer minha escolha eu identifiquei em Edinho Silva a necessária sensibilidade política, fruto da sua experiência, de uma boa experiência, como prefeito e parlamentar. A capacidade de relacionamento cordial e construtivo com todos os setores da sociedade e da mídia e o conhecimento do papel da imprensa em uma sociedade democrática, em uma das maiores democracias do mundo, e sociedade essas em processo de transformação e modernização, como é o caso do Brasil. Estes atributos são fundamentais e serão fundamentais no desempenho das novas atividades de Edinho Silva sobre a responsabilidade da Secom, ao assumir a responsabilidade da Secom. E resultarão, eu tenho certeza, em uma política cada vez mais eficiente de comunicação governamental, em favor de toda sociedade brasileira.

Eu gostaria de destacar, senhoras e senhores, que desde que eu assumi o governo em 2011, a Secretária de Comunicação Social atuou de acordo com os conceitos e os princípios que sempre cultivamos em relação à imprensa. A liberdade de imprensa para mim e para meu

governo é uma das pedras fundadoras da democracia. A liberdade de expressão do qual a liberdade de imprensa é uma pedra fundamental é a grande conquista do processo de redemocratização do nosso país. Liberdade de expressão e liberdade de imprensa são, sobretudo, o exercício do direito de ter opiniões, do direito de criticar e apoiar, tanto políticas, quanto governo. O direito de ter oposições e o direito de externá-las sem consequências e sem repressão. É liberdade, também, de ir às ruas reivindicar direitos ou simplesmente protestar. No Brasil, nós temos de saber conviver com isso. Quem como eu, e todos aqueles da minha geração, que viveram sob uma ditadura sabem o imenso valor da liberdade de expressão e da liberdade de imprensa. Estamos no meu governo comprometidos com o direito de se manifestar, de informar, de criticar. Somos contra a censura, a autocensura, as pressões, os lobbies e os interesses não confessados que podem coibir o direito à livre manifestação e à liberdade de imprensa. Por isso, mais uma vez, aproveitando a posse do Edinho Silva, reitero que nós não temos e não teremos, sob nenhuma hipótese, sob nenhuma circunstância, qualquer ação no sentido de coibir, de impedir a livre manifestação das pessoas e a liberdade de imprensa.

Tenho reiterado, em várias circunstâncias, que preferimos o barulho das vozes na democracia ao silêncio oprimido das falas escondidas nas ditaduras. Em meu governo, a Secom sempre terá como princípio inarredável de sua atuação, o respeito à liberdade de todos se expressarem, seja na imprensa tradicional, seja na internet, seja na blogosfera, seja nas redes sociais, seja nas ruas e nas praças. Em suas práticas, a Secom respeitará sempre o direito de todos à informação e ao conhecimento. Verá com satisfação e apoiará, nos marcos da nossa legislação, a expansão das teias de opiniões, olhares e interpretações da realidade à disposição dos brasileiros. Adotará o mais rigoroso cuidado quanto à veiculação de informações públicas e à publicidade oficial. Em respeito aos brasileiros de todas as camadas sociais e culturais e de todos os pontos do país, adotará critérios justos e corretos na veiculação dos seus serviços. O governo tem o dever de levar informação pública à população, deve mostrar, expor suas ideias, propostas e realizações. Deve explicar suas decisões, defender seus critérios. Deve conversar com o povo por todos os meios legítimos que tiver à sua disposição. O governo precisa levar à frente a comunicação. Deve sempre informar, enfrentar o contraditório, responder as cobranças e as demandas da sociedade. Deve também defender a sua pauta. Deve mostrar sempre aos brasileiros suas posições em defesa do emprego, da distribuição de renda, da inclusão social e do crescimento do país.

Temos obrigação de explicar ao povo que passamos por uma conjuntura que exige maior rigor nos gastos públicos e ajustes para que o país volte a crescer o mais breve possível. Tenho certeza de que o ministro Edinho seguirá esta linha de atuação para a comunicação do governo. Defenderemos sempre o direito à livre manifestação, mas defenderemos também o direito de defesa e de explicação de todos aqueles que forem objetos do contraditório.

Desejo ao ministro Edinho imenso sucesso em suas novas funções. Vão lhe exigir muito trabalho, muita dedicação. Asseguro ao ministro Edinho todo o meu apoio, pois um governo democrático e, eu tenho certeza, com as convicções do Edinho, nós devemos sempre prestar contas à população e, sobretudo, e acima de tudo, zelar pela nossa democracia, que tem na liberdade de expressão e de imprensa um dos seus principais esteios.

Muito obrigada.

[Ouça a íntegra do discurso \(10min53s\) da Presidenta \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-posse-do-novo-ministro-chefe-da-secretaria-de-comunicacao-social-da-presidencia-da-republica-edinho-silva-brasilia-df-10min53s\).](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-posse-do-novo-ministro-chefe-da-secretaria-de-comunicacao-social-da-presidencia-da-republica-edinho-silva-brasilia-df-10min53s)